



PETRA PIZENT

**DIÁLOGOS PENINSULARES:
LA PRESENCIA DEL ESPAÑOL EN EL
VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO
DE RAFAEL BLUTEAU**

Dissertação de Mestrado em Estudos Ibéricos

Orientadora:
Prof.^a Dr.^a Maria Filomena Gonçalves

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA E LITERATURAS

Julho, 2010



PETRA PIZENT

**DIÁLOGOS PENINSULARES:
LA PRESENCIA DEL ESPAÑOL EN EL
VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO
DE RAFAEL BLUTEAU**

Dissertação de Mestrado em Estudos Ibéricos

Orientadora:
Prof.^a Dr.^a Maria Filomena Gonçalves



DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA E LITERATURAS

Julho, 2010

AGRADECIMENTOS

Embora a Dissertação esteja escrita em Espanhol, estes agradecimentos queria fazê-los em Português, que é a língua do país que me acolheu. Em primeiro lugar, agradeço a Nossa Senhora de Fátima, a quem me confiei, que me auxiliou e acompanhou durante todo o trabalho.

Inspirada no grande poeta Fernando Pessoa, que afirmou que “não se nasce em Portugal por acaso”, estou convencida de que também o meu caminho não passou por Portugal por acaso. Quero por isso agradecer a todos quantos fizeram com que a minha estadia nesta terra, a “cabeça da Europa”, citando Camões, outro génio da Literatura Portuguesa, resultasse fecunda e entusiasmante. Começo assim por agradecer à Professora Doutora Maria Filomena Gonçalves, excelente pedagoga, pela abertura de espírito revelada desde a primeira aula de Historiografia, encaminhando-me para o tema tratado nesta Dissertação, pela disponibilidade revelada durante estes anos e pela confiança que depositou em mim. Em segundo lugar, agradeço a Sua Excelência o Embaixador da República da Eslovénia, Peter Andrej Bekeš, pelo incansável apoio moral e logístico e, ainda, ao Professor Doutor Jorge Quina Ribeiro de Araújo, Reitor da Universidade de Évora durante a minha contratação como Leitora no Departamento de Linguística e Literaturas, pela porta que me abriu e pelo seu profissionalismo exemplar.

Dedico um agradecimento especial à Concetta, minha colega Leitora e, acima de tudo, amiga, pela excelente relação pessoal que criámos (e que desejo não venha a perder-se), pelo calor humano e pelo riso contagiante, que me deram energia nos momentos de dúvida.

Por último – mas os últimos são sempre os primeiros –, queria agradecer à minha querida Eslovénia e a todos os familiares e amigos que, apesar da distância, estiveram sempre ao meu lado. Dedico um agradecimento especial à minha mãe, Mara Pižent, e à minha irmã, Lara Pižent, às quais dedico esta Dissertação, pelo estímulo e apoio incondicionais, pela paciência e compreensão reveladas durante estes anos e pela excitação e orgulho com que reagiram aos meus resultados académicos. Finalmente, um agradecimento particular a todos os amigos, especialmente à Helena e ao Peter, pela disponibilidade sempre manifestada, pelo apoio inestimável e pela amizade de longa data.

No final, faço minhas as palavras do meu companheiro mais íntimo do último ano, Dom Rafael Bluteau, que escreveu que o amigo é “Aquelle, que está unido cõ outro pella uniformidade dos genios, semelhança dos costumes, & mutua benevolencia; mais por virtude, que por conveniencia; & que lhe falla com a mesma confiança, & lhe dezeja as mesmas vantagens, & fortunas, que a si proprio”.

Obrigada, pois, pelas amizades incondicionais e benevolentes de todos os acima mencionados, e as de quantos enriquecem a minha vida, tornando-a mais valiosa.

RESUMO

DIÁLOGOS PENINSULARES: A PRESENÇA DO ESPANHOL NO VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO DE RAFAEL BLUTEAU

A dissertação intitulada *Diálogos peninsulares: La presencia del español en el Vocabulario Portuguez e Latino de Rafael Bluteau* tem como objectivo demonstrar a influência do espanhol na nomenclatura de uma das mais importantes obras lexicográficas do Português. A parte introdutória trata de questões teóricas relativas à ciência lexicográfica e aos aspectos sócio-culturais e históricos da época em que o *Vocabulário* foi escrito.

A parte central deste trabalho consiste no estudo prático das marcas do “mundo espanhol” presentes nesta obra monumental. Os resultados obtidos neste trabalho permitem evidenciar que o léxico é um testemunho fiel das relações culturais e linguísticas. Analisou-se o primeiro dicionário Castelhano-Português, que incorpora também o primeiro dicionário Português-Castelhano, além de alguns tratados interessantes que põem lado a lado as duas línguas da Península Ibérica. Demonstrou-se que o lexicógrafo Sebastián de Covarrubias é o autor espanhol mais citado no *Vocabulario*, junto com outros lexicógrafos, literatos, homens de ciências e religiosos que, de uma maneira ou de outra, se relacionam com Espanha. Dedicou-se alguma atenção também às unidades às quais Bluteau atribui origem castelhana e às entradas referentes a diferentes campos lexicais que se relacionam ou têm que ver com o castelhano.

Com esta dissertação pretendeu-se, em suma, trazer novos contributos para o conhecimento das relações interlinguísticas entre o Português e o Castelhano, bem como para o estudo das relações entre as respectivas tradições lexicográficas.

Palavras-chave: lexicografia luso-espanhola, influências castelhanas, Bluteau, Covarrubias

RESUMEN

DIÁLOGOS PENINSULARES: LA PRESENCIA DEL ESPAÑOL EN EL VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO DE RAFAEL BLUTEAU

La tesis titulada *Diálogos peninsulares: La presencia del español en el Vocabulario Portuguez y Latino de Rafael Bluteau* pretende demostrar la influencia del español en la nomenclatura de una de las obras lexicográficas más importantes del portugués. La parte introductoria se ocupa de cuestiones teóricas relacionadas con la ciencia lexicográfica y con aspectos socioculturales e históricos de la época en que fue escrito el *Vocabulario*.

La parte central de este trabajo consiste en el estudio práctico de las referencias al “mundo español” en esta obra monumental. Los resultados obtenidos en este trabajo permiten evidenciar que el léxico es un fiel testimonio de las relaciones culturales y lingüísticas. Se analizó el primer diccionario castellano-portugués, que también incorpora el primer diccionario portugués-castellano, además de algunos tratados interesantes que ponen al lado de las dos lenguas de la Península Ibérica. Se demostró que el lexicógrafo Sebastián de Covarrubias es el autor español más citado en el *Vocabulario*, junto

con otros lexicógrafos, escritores, científicos y religiosos que, de una manera u otra, se refieren a España. También se dedicó cierta atención a las unidades a las cuales Bluteau atribuye un origen castellano y a los artículos de diferentes campos léxicos que se refieren o atañen a la lengua castellana.

Esta tesis tiene por objeto, en definitiva, aportar nuevas contribuciones al conocimiento de las relaciones interlingüísticas entre el portugués y el castellano, así como para el estudio de las relaciones entre las respectivas tradiciones lexicográficas.

Palabras clave: lexicografía hispano-lusa, influencias castellanas, Bluteau, Covarrubias

ABSTRACT

PENINSULAR DIALOGUES: THE PRESENCE OF SPANISH IN DICTIONARY

***VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO* BY RAFAEL BLUTEAU**

The research presented in this thesis, entitled *Diálogos peninsulares: La presencia del español en el Vocabulario Portuguez e Latino de Rafael Bluteau* (Peninsular dialogues: The presence of Spanish in the dictionary *Vocabulario Portuguez e Latino* by Rafael Bluteau) focuses on the influence of Spanish in the nomenclature of one of the most important early lexicographical works of the Portuguese language featuring an in-depth analysis of the Portuguese-Latin dictionary *Vocabulario Portuguez e Latino* by Rafael Bluteau. The introductory part deals with the theoretical questions about the science of lexicography and the sociocultural and historical aspects of the time when the *Vocabulario* was written.

The central part of the thesis consists of an analysis of the traces of the “Spanish world” that can be found in this monumental work. The findings thus corroborate the view of the vocabulary system as a faithful reflection of the cultural and linguistic relationships. In terms of comparison we also analyzed the first earliest known Castilian-Portuguese dictionary that includes a Portuguese-Castilian part, which is also the first of its kind. Other sources discussed in the thesis include several contrastive documents that put side by side the two languages of the Iberian Peninsula. It has been shown that the lexicographer Sebastian de Covarrubias is the most quoted Spanish author in the *Vocabulario*, beside other lexicographers, writers, scientists and religious men who are in one way or another related to Spain. In the thesis some particular attention has been paid to the dictionary entries that were marked as Castilian in origin by Bluteau as well to the entries from various lexical fields that are known to be related from Spanish.

The main goal of the thesis is to shed new light onto the intricate world of interligual relationships between the Portuguese and Spanish languages and their respective lexicographical traditions.

Keywords: early Luso-Spanish lexicography, Castilian lexical influence in Portuguese, Bluteau, Covarrubias

ÍNDICE

INTRODUCCIÓN	8
1 LA LEXICOGRAFÍA	10
1.1 LA CIENCIA	11
1.2 LOS ANTECEDENTES DE LA LEXICOGRAFÍA LUSO-ESPAÑOLA.....	12
1.2.1 <i>El “bilingüismo literario” y la “cuestión de la lengua”</i>	12
1.2.2 <i>La lexicografía bilingüe de las lenguas portuguesa y castellana</i>	21
1.3 BENTO PEREIRA Y SU PROSODIA IN VOCABULARIUM TRILINGUE, LATINUM, LUSITANICUM, & HISPANICUM DIGESTA.....	27
2 EL VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO DE RAFAEL BLUTEAU	30
2.1 CUADRO HISTÓRICO	31
2.2 VIDA Y OBRA DE RAFAEL BLUTEAU	33
2.3 SOBRE EL VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO	36
2.3.1 <i>Estructura del vocabulario</i>	36
2.3.2 <i>Circunstancias</i>	39
2.3.3 <i>Influencias</i>	42
3 LA PRESENCIA DEL ESPAÑOL EN EL VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO DE RAFAEL BLUTEAU	45
3.1 DICCIONARIO CASTELLANO Y PORTUGUEZ.....	46
3.1.1 <i>Características</i>	46
3.1.2 <i>Prosopopeia del idioma Portuguez a su hermana la lengua Castellana</i>	49
3.1.3 <i>Methodo breve y facil para entender los castellanos la lengua portuguesa</i>	58
3.2 FUENTES CASTELLANAS	62
3.2.1 COVARRUBIAS.....	62
3.2.1.1 Vida y obra	62
3.2.1.2 Tesoro de la lengua castellana o española	62
3.2.1.3 <i>El Tesoro de la lengua castellana o española como fuente del Vocabulario Portuguez e Latino</i>	66
3.2.1.4 Covarrubias y los topónimos	73
3.2.2 VOCABULARIO DE VOCABULARIOS.....	79
3.2.3 FILÓLOGOS	83
Antonio de Nebrija	83
César Oudin	84
3.2.4 HISTORIADORES.....	86
Padre Guadix	86
Maestro Venegas	89
Padre Mariana.....	91
3.2.5 CIENTÍFICOS.....	92
Andrés Laguna.....	92
Juan de Vigo	94

INTRODUCCIÓN

En las relaciones históricas entre el español y el portugués han intervenido factores de orden político, social y cultural. La “hermandad” de las dos naciones es un tópico que desde siempre suscita interés, aunque en el ámbito lingüístico no haya producido muchos resultados hasta bastante tarde, ni en la producción de diccionarios o vocabularios ni en la investigación científica. De hecho, la lexicografía bilingüe entre el portugués y el castellano es tardía y no ofrece ninguna obra hasta los inicios del siglo XVIII, es decir, hasta la publicación del *Vocabulario* de Bluteau. Gracias a D. Rafael Bluteau (1638-1734), el portugués posee una obra lexicográfica importante e innovadora para su tiempo, una obra que no sólo inaugura el movimiento lexicográfico monolingüe de la lengua portuguesa sino que también inicia un diálogo peninsular entre la lexicografía española y portuguesa. El tema de este trabajo tiene como objetivo demostrar y ejemplificar las relaciones lexicográficas entre el portugués y el castellano mediante una lectura de Sebastián de Covarrubias por D. Rafael Bluteau.

Con este objetivo, partiendo de cuestiones teóricas y conceptuales relativas a la lexicografía como ciencia, a la lexicografía bilingüe de las lenguas castellana y portuguesa y a otros aspectos históricos relevantes para la contextualización del tema, se pretende analizar la recepción del *Tesoro* de Covarrubias en el *Vocabulario* de Bluteau, análisis que también se detiene en la presencia de referencias al castellano en la obra del teatino francés.

La parte fundamental de la investigación consistirá en el estudio de las fuentes españolas de las que se sirvió el lexicógrafo Rafael Bluteau para componer el *Vocabulario Portuguez e Latino* (8 vols. 1712-1721 + 2 supl. 1727-1728), obra monumental que contribuyó de manera decisiva a la lexicografía general, y, en especial, a la portuguesa y a la española. Este tema todavía no ha sido sometido a un examen pormenorizado, si bien el *Vocabulario* contiene el primer ensayo de la lexicografía bilingüe hispano-lusa: el *Diccionario Castellano y Portuguez*. Para la comprensión de las relaciones interlingüísticas entre el portugués y el español, importa analizar la *Prosopopeia del idioma portuguez a su hermana la lengua castellana*, texto de suma importancia para la historia de dichas relaciones a tenor de los argumentos aducidos por Bluteau, que asientan en el parentesco de las dos lenguas peninsulares. De mismo modo, nuestra atención se centrará en el *Methodo breve y facil para entender castellanos la lengua portugueza*, un tratado pedagógico que tiene como finalidad preparar la consulta del *Vocabulario* por parte de los hispanohablantes. Nuestro

propósito es, por lo tanto, averiguar el valor del *Diccionario* y de los dos tratados que incorpora.

El objetivo nuclear del presente trabajo es confirmar la influencia del *Tesoro de la lengua castellana o española* (1611) de Sebastián de Covarrubias en el *Vocabulario Portuguez e Latino*. Asimismo se rastreará el influjo de otros escritores españoles (o que escribieron en castellano), ya que una obra lexicográfica asienta en muchas fuentes y testifica las múltiples lecturas de todo lexicógrafo. No menos relevante será el análisis del *Vocabulario de Vocabularios*, presentado por Bluteau en el *Suplemento* a su obra, texto que incluye los diccionarios y las enciclopedias importantes de la época, entre ellos también diccionarios castellanos, y otros diccionarios bilingües incluyendo el latín, el francés, el italiano, además de algunos vocabularios latinos plurilingües.

A parte de los aspectos anteriores, este trabajo se detiene en la descripción y en el análisis de las palabras a las cuales Bluteau atribuye un origen castellano. Pretendemos presentar una tipología de las expresiones con las cuales Bluteau apunta una procedencia del castellano para ciertas palabras incorporadas en la nomenclatura del *Vocabulario*, y esbozar los puntos más interesantes de la referencia al mundo español. Para concluir, nos centramos también en la identificación de otras menciones al léxico propio del idioma castellano en diferentes ámbitos y campos semánticos.

En síntesis, con esta tesis nos proponemos traer algunos aportes al conocimiento de las relaciones interlingüísticas entre el portugués y el español y, asimismo, al estudio de las relaciones entre sus respectivas tradiciones lexicográficas.

1

LA LEXICOGRAFÍA

1.1 LA CIENCIA

Echando un vistazo rápido a la terminología que se utilizará durante este trabajo, empezamos por definir las ciencias del léxico. Según el *Diccionario de la lengua española* de la Real Academia Española (1992) la *lexicografía* es la “técnica de componer léxicos o diccionarios” y “parte de la lingüística que se ocupa de los principios teóricos en que se basa la composición de diccionarios”. El término “lexicógrafo”, a su vez, deriva de la palabra griega *λεξικόν*, que significa *léxico*, y sería el “colector de los vocablos que han de entrar en un léxico” y “persona versada en lexicografía”. No menos relevante para este trabajo es el concepto de la lexicología. Ésta es, siempre según la RAE, el “estudio de las unidades léxicas de una lengua y de las relaciones sistemáticas que se establecen entre ellas”. Según el *Diccionario de términos filológicos* de Fernando Lázaro Carreter la lexicografía es la “técnica o arte de componer diccionarios” y la lexicología la “disciplina que estudia el léxico de una lengua en su aspecto sincrónico, a diferencia de la Semántica, que opera dentro del plano diacrónico” (Lázaro Carreter, 1987: 262). Bajo el mismo lema, Lázaro Carreter continúa: “El determinar el significado que la palabra *verde* ha tenido en un momento cualquiera de la historia de nuestra lengua o posee en la actualidad, y establecer sus relaciones dentro del sistema léxico español de ese momento, es propio de la Lexicología. La Semántica se ocupará de determinar el proceso que siguió esa palabra desde su significado originario (color *verde*) al significado “obsceno”, por ejemplo.” (Lázaro Carreter, 1987: 262).

Esclareciendo en este punto también la diferencia entre un vocabulario y un diccionario, constatamos que según la RAE el término “diccionario” deriva de la palabra latina *dictionary* y significa “libro en el que se recogen y explican de forma ordenada voces de una o más lenguas, de una ciencia o de una materia determinada” o un “catálogo numeroso de noticias importantes de un mismo género, ordenado alfabéticamente. *Diccionario bibliográfico, biográfico, geográfico.*” Por otra parte, la palabra *vocabulario* deriva del latín *vocabulum* que significa vocablo o palabra y tiene varias definiciones: “conjunto de palabras de un idioma”, “diccionario (□ libro)”, “conjunto de palabras de un idioma pertenecientes al uso de una región, a una actividad determinada, a un campo semántico dado, etc. *Vocabulario andaluz, jurídico, técnico, de la caza, de la afectividad*”, “libro en que se contienen”, “catálogo o lista de palabras, ordenadas con arreglo a un sistema, y con definiciones o explicaciones sucintas”, “conjunto de palabras que usa o conoce alguien” o “persona que dice o interpreta la mente o dicho de otro. *Hablar por vocabulario. No necesitar de vocabulario.*”

Lázaro Carreter a ese respecto define el diccionario como “libro en que, por orden alfabético generalmente, se contienen y explican las significaciones de todas las palabras de una lengua, o se ponen en correspondencia con las equivalencias de otro u otros idiomas.” (Lázaro Carreter, 1987: 142), añadiendo que hay muchos tipos de diccionarios, el diccionario etimológico que “explica la etimología de las palabras, agrupando, ordinariamente, las que derivan de un mismo étimo”; el diccionario histórico que “establece un orden genético y evolutivo en las significación y uso de las voces”, el diccionarios de tecnicismos que “recoge, exclusivamente, las palabras usadas con sentidos especiales por una ciencia o una facultad” y el diccionario ideológico que “es aquel que reúne, “en grupos conceptualmente homogéneos, cuantas palabras guardan relación con una idea determinada” (J. Casares).” (Lázaro Carreter, 1987: 142). El vocabulario sería, siguiendo otra vez a Lázaro Carreter, el “léxico” o “conjunto de palabras empleadas por un autor, un hablante, una escuela literaria, una ciencia, etc” (Lázaro Carreter, 1987: 410).

En relación con la estructura del diccionario podemos decir que está organizado en torno a dos ejes fundamentales llamados “macroestructura” y “microestructura”. La primera está constituida por todas las entradas de un diccionario dispuestas de acuerdo con un criterio ordenador y está sometida a una lectura vertical; la segunda, la microestructura, es un conjunto de informaciones ordenadas dentro los artículos lexicográficos que se leen horizontalmente. Esta doble argumentación tiene carácter bastante económico pues permite incluir mucha información de manera concentrada.

1.2 LOS ANTECEDENTES DE LA LEXICOGRAFÍA LUSO-ESPAÑOLA

1.2.1 El “bilingüismo literario” y la “cuestión de la lengua”

El bilingüismo literario es, predominantemente, el término que más frecuentemente describe el uso del castellano por parte de los escritores portugueses en los siglos XVI y XVII. No fueron pocos los escritores portugueses que escribieron en idioma castellano, entre los cuales figuraban algunos nombres ilustres como Gil Vicente, Sá de Miranda, Luís de Camões, Francisco Manuel de Melo y Jorge de Montemor, quien hasta escribía su nombre en versión castellana, o sea, Montemayor. De este bilingüismo literario hay rastro en el *Vocabulario* de Bluteau, quien, bajo el lema “lusiada” escribe que Camões es el principe de los poetas españoles o en “magoa” donde cita un largo comentario de Manuel de Farias en castellano:

LUSIADA. Assumpto, ou argumento, & titulo de Poema heroico do Principe dos Poetas Hespanhoes Luis de Camões [...] (Bluteau, V, 1716: 207).¹

MAGOA. Dor d'alma. Manoel de Faria no seu Commentario da Lusiada, Cant. 9. Ou. 19. declarando as riquezas da propriedade desta palavra, diz: Magoa es propria voz Portugueza, no conocida de otras, para lo que entendemos en ella los Portuguezes, es singularissima para los estranhos, no sè si me sabrè explicar. Hallase uno magoado, entendemos haver calado el dolor, esta el alma, y dexado en la casa señas de si. Dizome un Castellano, que a su parecer, Magoas era buena voz para hablar de N. Senhora, quando estava al pie de la Cruz, en la soledad de su Hijo. Y como sin duda aquel devio ser el mayor dolor, que conoció la humanidad, y la voz Magoa representa el alma llagada de dolores, tristezas, sospecho, que dixo bien esta Castellano, que no lo dirá mejor un Portuguez, aunque sea de los que piensan q̃ nos magoan con sua elegancias. Dame a crer, que el Magullar Castellano es el mesmo que el Magoar Portuguez, porque Magoar, Magullar es lo mismo, q̃ jugellare, y sigittare, que vale imprimarse en alguna cosa alguna señal, o caracteres de dolor, profundamente impresos en el coraçon, y estar maguado, es como si deixassemos, estampado de insignias de dolor. Teambien puede Magoa tener su origen en el Macula del Latin, por que Macula es lo proprio q̃ mancha, y los dolores son las manchas de la alegria, y dellas es proprio el pensar es, que es el que hazen grandes penas, calor esta al alma. Tambien el Manzilla Castellano tiene mucho pertenezco, à assinidad con magoa. Pero se bien tienen essas lenguas vozes, q̃ pueden significar lo que esta, no tienen essas vozes la gravedad, y dulzura, y naturaza, que el Portuguez hallò en esta para usarla en esto. Magoa. Acerbus dolores sensus. Dolor, ou animi dolor (como diz Cicero) (Bluteau, V, 1716: 254).

Según Sousa, gran parte de las raíces del bilingüismo literario “remete a unidade linguística e ao compartilhamento das tradições literarias da Península Iberica” (Sousa, 2004: 281), refiriéndose la autora especialmente a la lírica peninsular. La misma autora comprueba que la razón primaria del uso del castellano ha sido la universalidad de la lengua, que se expresa así en la cuestión pragmática del alcance al público como en la facilidad y clareza del idioma castellano frente al portugués (Sousa, 2004: 283-284). Ya Nunes de Leão en su *Origem da lingua Portuguesa* (1606), en el capítulo titulado “Que não he falta da bondade da

¹ En este trabajo, todas las citas del *Vocabulario Portuguez e Latino* y asimismo de Covarrubias y de los demás autores antiguos respectan los textos originales. En conformidad con éstos, la transcripción obedece a criterios diplomáticos, reflejando por lo tanto la grafía, las mayúsculas, los signos de puntuación, las demás características e incluso los errores de las ediciones originales.

lingoa Portuguesa não ser commum a tantas gentes da Europa, como a Castelhana”, habla de la excelencia del castellano:

Os Castelhanos & os affeiçoados a sua lingoa se jactaõ ã, por a elegãcia & ecellencia della, he comum a muitas nações ã a entêdê, & fallão como na mesma Hespanha, em Italia, & nos stados de Flandes, & ainda entre Mouros ã a tẽ por sua algemia, & ã a portugnesa tẽ os limites tam estreitos, ã não passa da raia de Portugal, tomando dahi argumento da melhoria de hũa, & menoscabo da outra (Leão, 1606: 133).

A este propósito, Vázquez Corredoira constata:

O bilinguismo literário dos autores portugueses torna-se mais embaraçoso à medida que se acentua a consciência da autonomia linguística e cultural como factor essencial para o prestígio, individualidade e mesmo continuidade do Reino. Com efeito, o uso do castelhano, quer parcial, quer exclusivo, não só subtraía ao português cultivo literário, como ainda acusava a sua inferioridade, porquanto patenteava a supremacia da língua concorrente (Vázquez Corredoira, 1998: 41).

La invasión del castellano en la literatura portuguesa está documentada ya por el historiador y cronista portugués Pêro de Magalhães Gândavo en su *Dialogo em Defesa da lingua Portuguesa* (1574):

Falencio: [...] hombres Portugueses muy principales y de grandes ingenios, escriuieron, y aun oy dia escriuen sus obras en castellano por ser language mas aplazible y dulce, y sonar mejor a los oydos que la vuestra: y esto es tan notorio y manifesto, que hasta los niños vuestros naturales conocen y confiessan esta verdad (Gândavo, 1981 [1574]: 59).

Gândavo construye un diálogo entre un português, Petronio, y un castellano, Falencio, que presentan las excelencias de sus respectivas lenguas. Es curioso uno de los ejemplos con el que el português Petronio argumenta sus visiones de las dos lenguas:

Petro. [...] como logo vos posso mostrar em hum nosso vocabulo que agora me lembra (allem doutros muitos que aqui não alego por escusar proluxidade) & he que dizemos olhar & vós mirar: pois se o instrumento com que vemos chamamos olhos, com razão

dizemos olhar & vós chamaislhe ojos, & dizeis mirar. O qual verbo não pode ser conueniente, nem conforme a sua significação, sem dizerdes ojar, ou chamardes aos olhos miros (Gândavo, 1981[1574]: 49-50).

A este ejemplo se refiere también Bluteau en su *Vocabulario* cuando escribe sobre el verbo “olhar”:

OLHAR. Abrir os olhos, & ver. Pedro de Magalhaens em hum Dialogo entre hum Castelhana, & hum Portuguez, sobre estas duas linguas, advertio que falta ao Castelhano este verbo, porque diz *Ojos*, mas não *Ojar*, posto que diga *Aojar*, por dar olhado, mas isto tambem não tem o Portuguez, porque ainda que diga *Olhar*, não diz *Aolhar*, mas com circunlocução *Dar olhado*, ou *Dar quebranto*. E acrescenta o dito Magalhaens, que já que o Castelhana diz, *Mirar*, houvera de chamar *Miros* aos olhors. Porém nem sempre se regulaõ as linguas por estar dirivações, & cada lingua com secreta, & natural harmonia, independente das leys do juizo humano, exclue huns termos, & admite outros, sempre bons, & proprios, porque não affectados para alguem, ou para alguma cousa. *Aliquem, ou aliquid adspicere, scio, adpreci, aspectum.*) *Aliquid, ou in aliquid, ou aliquem, ou in aliquem intueri.*) *tueor, intuitus sum.*) Cic. (Bluteau, VI, 1720: 57).

Petronio además resalta la facilidad que tienen los portugueses en hablar otras lenguas, respondiendo a las insinuaciones de Falencio que le preguntó:

Falencio: [...] qual es la causa porque todas las naciones del mundo la aborrecen tanto, y la tienen en tan poco (Gândavo, 1981[1574]: 52).

En cuanto al aborrecimiento de los alóglotas en relación al portugués y cuanto al insulto de que la lengua portuguesa sea “grossera y tosca” (Gândavo, 1981[1574]: 53), Petronio responde:

Petronio. A causa desse aborrecimento, & desprezo (ou por melhor dizer inueja) Senhor Falencio, naceo de ella ser em si tão difficultosa, que de marauilha vimos estrangeiro algum que a podesse bem tomar, ainda que neste reino andasse muitos annos, & trabalhasse pela imprender quanto humanamente fosse possiuel (Gândavo, 1981[1574]: 52).

Petronio. [...] porque vemos por experiencia que quãto as cousas em si são melhores, & mais excellentes, tanto he mais trabalhoso & difficil ao homem alcançallas (Gândavo, 1981[1574]: 54).

En relación a la excelencia de la lengua, otro tópico del Renacimiento, Gândavo, evoca sobre todo la proximidad con el latín y a que el castellano tomó muchas palabras del árabe que lo contaminaron:

Petronio. [...] Pois se quereis ver a lingua de que he mais vizinha, & donde manou, lede a arte da grammatica da lingua Portuguesa que o mesmo Ioam de Barros fez, & o mesmo podeis ver no liuro da antiguidade de Euora de Mestre Andre de Resende; onde claramente se mostra, que cõ pouca corrupção deixa de ser Latina. Enfim que se algũa com razão se pode chamar barbara he a vossa, a qual toma da lingoa Arabia, & a mayor parte dos vocabulos falais do papo com aspiração [...] (Gândavo, 1981[1574]: 63-64).

Hubo otras reacciones patrióticas por parte de los escritores portugueses que defendían una práctica literaria en el idioma materno. Entre esas “profissões de fé lingüística” (Buescu, 1978: 85) figura también Frei Bernardo de Brito (1569-1607), que en el *Prólogo* de la *Monarquia Lusitana* (1596) declara:

Algũs cõ zello de amigos, me acõselharão compusesse esta Obra em lingoa Latina, dizendo, q̃ pera minha reputação, & pera se divulgar por mais partes convinha ser nesta forma, & quasi me tiuerão abalado pera o fazer, se não cõsiderara ser hũ genero de imprudẽcia, á cõta de ganhar fama cõ estrangeiros, perdella cõ os naturaes: & antepór o proueito proprio ao gosto comũ do povo, q̃ não sabendo a lingoa Latina, auia de permanecer na ignorancia, que teue de suas cousas té o tempo dagora. Outros cõsiderando a criação & vso, q̃ tinha da lingoa Castelhana, me dizião a cõpusesse nella: pois alẽ de se entẽder em todos os Reynos de Espanha, & muitos fora della, me liuraua da grossaria, & ruim methodo de historiar da Portugueza. Mas como esta opinião era tão mal fundada, que nem sombra tinha de boa, nũca fiz rosto a quẽ ma persuadia. Vendo q̃ a primeira rezão me arguya de interesseiro, em pretẽder gasto da impressão; & a segũda de indigno de nome Portugues, em ter tão pouco conhecimento da lingua propria, q̃ a julgasse por inferior á Castelhana: sendo tanto pelo cõtrario, q̃ não ha lingoa em Europa (tomada nos termos q̃ oje vemos) mais digna de se estimar pera historia que a Portuguesa. Pois ella entre as mais, he a q̃ em menos palauras descobre móres conceitos, & a q̃ cõ menos rodeos, & mais graues termos dá no põto da verdade. E se como ella de

si he graue, & natural pera narração verdadeira, a engrandecerão seus naturais cõ impressões, & liuros compostos nella, fora oje tanto, & mais famosa que a Castellhana & Italiana. Mas carecêdo deste bẽ, & tẽdo dẽtro em si filhos tão ingratos, q̃ a modo de venenosas biboras, lhe rasgão a reputação & credito deuido, não he muito estar em tal opinião té o tẽpo dagora. E se algũa cousa me lastima, he vẽr, q̃ a pouca noticia, q̃ della tenho, me farà leuar o estilo da historia menos lustroso, do q̃ pudera hir; sendo composto por quem fizera seu fundamento na ellegancia & fermosura da pratica, mais que na verdade & certeza do q̃ se cõta. O q̃ se não permite em homem, q̃ professa nome de historiador authẽtico, & tem mais os olhos em apurar a verdade, que buscar inuẽções exquesitas, & frases elegantes, com q̃ pintar a historia. Assi que se junto como os lououres, que dou á lingua Portugueza, vsar imperfeitamẽte de suas excellencias, desculpeme a rezão apontada, & a profissão Monástica, que sigo, na qual se exercita mais a goarda do silencio, que as elegancias, & trocados na pratica (Brito, 1596: fol. 4r).

Mühlschlegel (2002: 146) destaca también al poeta quinientista António Ferreira (1528-1569), autor de los *Poemas Lusitanos* que escribió una “Carta a Pero de Andrade Caminha, pedindo-lhe que deixe de escrever em castellano” en la cual defiende el uso de la lengua materna.

Sousa subraya que la mayor parte de la historiografía sitúa el auge del bilingüismo de las clases letradas en el periodo de la monarquía dual (1580-1640) pero aclara también que el uso del castellano en aquel periodo no estribaba necesariamente en la adhesión política de Portugal al Reino de Felipe II de España. Uno de los ejemplos interesantes que expone la autora, es el uso del término *El-Rey* para designar a los reyes de Portugal desde la Edad Media hasta el siglo XIX, aspecto justificado con dos posibles argumentos:

[...] ou isso significa que os portugueses, ao longo de todo este periodo de seis seculos, se viam sempre como subalternos dos castelhanos, ou – o que parece mais provavel – isso mostra que o uso de termos e formas castelhanas nao deve ser entendido *necessariamente* em um contexto de antipatriotismo (Sousa, 2004: 289).

En efecto, ya Fernão de Oliveira (1507-1580), se detiene en esta expresión:

Aqui quero lêbrar como em Portugal temos hũa cousa alhea τ com grande disonãcia onde menos se deuia fazer: aqual e esta.que a este nome rey damoslhe artigo castelhano chamando lhe elrey: não lhe hauíamos de chamar se nã: o rey: posto q̃ algũs doces

dorelhas estranharão este meu parecer: se não quiserẽbem olhar quanto ne le vay: τ cõ tudo isto abasta para ser a minha melhor musica que a destes: porque o nosso rey τ senhor pois tem terra τ mando, tenha tambem nome proprio τ destino por sir a sua gente tenha fala ou linguagem não mal misturada mas bem apartada: para que seja o rey mais nosso dizer que el rey. (Oliveira, 1988 [1536]: fol. 32r-32v).

Otra observación clave es que buena parte de la literatura jurídica y militar que benefician la autonomía de Portugal en el momento de la Restauración está escrita en castellano (Sousa, 2004: 290). El periodo decadente de la literatura portuguesa se suele conectar al desaparecimiento de Don Sebastián y, por consiguiente, a la pérdida de la corona, pero también a la fuerza y al prestigio del Siglo de Oro de la cultura española. En efecto, tal prestigio se hizo sentir incluso en otros países europeos como Francia, Bélgica e Italia.

En los siglos XVI y XVII se registra una cierta preocupación por parte de los filólogos portugueses por establecer una autonomía de la propia lengua, basándose en el patriotismo y superioridad del portugués, especialmente frente al castellano. La relación con el idioma vecino dio inicio a las reflexiones gramaticales sobre el idioma materno llevando a la conocida “cuestión de la lengua”, discusión que se levantó primero en el humanismo lingüístico italiano y que se concentra en tres puntos cruciales: la relación entre la lengua vulgar y el latín, la elección de una lengua vulgar normalizada para el uso literario y la relación entre la lengua literaria y el italiano común (Vázquez Corredoira, 1998: 38). Según Vázquez Corredoira, “A Questão da Língua pode entender-se como um *conflito* entre dois padrões linguísticos (um estabelecido e outro emergente), causado pela desigual distribuição de *eloquência*, isto é eficácia e elegância” (Vázquez Corredoira, 1998: 38). Ya Buescu subraya a su vez (1984: 129) que la cuestión de la lengua en Portugal respondía a una doble articulación: por una parte acompañaba a las demás lenguas vernáculas neolatinas que querían demostrar su conformidad con el latín, lengua clásica y por eso perfecta, por otra parte, y dada la situación particular del país, intentaba probar su autonomía frente al castellano:

Quando os humanistas acentuam e exaltam a semelhança com o latim, implicitamente querem sublinhar a diferença, mais ainda, reivindicam o direito à diferença, em relação às outras línguas, com ou sem razão consideradas mais afastadas da língua-mãe: no caso presente, a diferença em relação ao castelhano, cujo estatuto de língua cortesã o tornava concorrente com o português como instrumento de expressão literária. Assim, o latim passa a estar ao “serviço” do português, serviço polivalenciado, na medida em que é origem, modelo e fonte. É também razão de diferença. Assim se define a verdadeira

“Questão da Língua” em Portugal. E se a “Questão” (...) que põe em confronto o português e o latim apenas poderia envolver uma minoria culta, a elite intelectual dos humanistas, a “Questão” posta em termos de português-castelhano envolve, pelo contrário, os “latinos” e os “não-latinos”, os “gramáticos”, e aqueles que “escassamente sabem que cousa he nome, que cousa he verbo”. Não atinge, portanto, apenas a esfera de uma alta e restrita cultura, mas compromete a existência colectiva, em termos de comunidade linguística. Ora, o binómio português/castelhano, aparentemente adversativo do binómio latim/português, traz, afinal, a neutralização deste, na medida em que a posição em relação ao castelhano relava de uma praxis: a do predomínio da língua competitiva, forma de expressão de uma nação de algum modo rival – e em termos objectivos mais poderosa – no plano político interno e também no plano de uma política expansionista e imperial (Buescu, 1984: 129).

La defensa del idioma portugués frente al castellano también es consecuencia de la divulgación de la teoría según la cual el portugués era visto como un dialecto del español.² Los criterios que apoyaban o rechazaban la dicha teoría eran tanto sociopolíticos – la teoría del castellano como lengua primitiva de la Península Ibérica³, aprendizaje de las lenguas entre los extranjeros, proximidad geográfica, identidad histórica bajo diferentes coronas – como lingüísticos – similitud del léxico, abundancia del léxico, reducción/abundancia de letras, etc. Tal teoría no dejó de levantar en contra las voces de intelectuales como Nunes de Leão y Bluteau. Este último afirma a este propósito:

[...] na opinião da maior parte dos Estrangeiros, a lingua Portugueza não he lingua de por si, como he o Francez, o Italiano, &c. mas lingoagens enxacoca, & corrupçam do Castelhana, como os Dialectos, ou lingoagens particulares das provincias, que são corrupçoens da lingua, que se falla na Corte, & cabeça do Reino (Bluteau, I, *Ao leitor estrangeiro*, 1712: 1).

Bluteau además rechaza firmemente la idea del portugués como un dialecto del castellano:

² Sobre la teoría del portugués como dialecto del castellano, véase Gonçalves (2005): “El portugués como dialecto del castellano: Historia de una teoría entre los siglos XVII y XVIII”.

³ La teoría del castellano primitivo defendía el “común origen babélico del latín y del castellano, cuya apología asentaba en el papel preponderante de Castilla en el mapa político de la Península y de Europa.” (Gonçalves, 2005: 730). Y más: “La teoría del castellano primitivo de López Madera era una señal más de la exaltación nacionalista que, no satisfecha con buscar el mayor grado posible de similitud con lengua madre, intentaba probar a toda costa la antigüedad del español” (Gonçalves, 2005: 732).

[...] com o Castelhana tem o Portuguez muita analogia, & grande cadencia; mas a semelhança não he corrupção. As linguas Portuguesa & Castelhana são duas irmãs, que tem alguma semelhança entre si, como filhas da lingua Latina; mas huma & outra logra a sua propria independencia, & nobreza, porque nem do Portuguez se deriva o Castelhana, nem do Castelhana descende o Portuguez (Bluteau, I, *Ao leitor estrangeiro*, 1712: 2-3).

Silvestre, a su vez, aclara (2008: 65) que en el confrontamiento entre el portugués y el castellano, el teatino francés Bluteau en lugar de buscar superioridades “investe na afirmação da autonomia”, conforme se puede deducir del siguiente ejemplo:

Ventilar questoens sobre a preferencia das linguas he curiosidade de necios. Todas tem singulares excellencias, & cada nação lhe parece o seu idioma o melhor de todos (Bluteau, I, *Ao leitor estrangeiro*, 1712: 1).

Por otra parte, algunos pasajes muestran lo opuesto, por lo que, a juicio de Silvestre (2008: 66), el teatino francés no expende suficientemente la crítica a la “batalla de los vernáculos” ya que concluye su prólogo al lector extranjero con un pasaje de Francisco Rodrigues Lobo en el cual se encuentran “muitas das ingenuidades que anteriormente reprovara e apelidara de »curiosidade de necios«”:

[...] para fallar he engraçada com hum modo senhoril; para canta he suave, cõ hum certo sentimento, que favorece a Musa [...] Tem de todas as linguas o melhor, a pronunção da Latina; a origem da Grega; a familiaridade da Castelhana; a brandura da Franceza; a elegancia da Italiana. Tem mais adagios, & sentenças, que todas as vulgares em fê de sua antiguidade [...] (Bluteau, I, *Ao leitor estrangeiro*, 1712: 1).

Viene a propósito recordar también las definiciones de “castellano” e “hespanhol” según Bluteau:

CASTELHANO. Castelhão. Natural de Castella, (Assim costumamos chamar qual quer Espanhol, que não he Portuguez) porque Castella, he o Reyno, em que reside a Corte dos Espanhoes, que não são Portuguezes. *Castellanus, a, um* (Bluteau, II, 1712: 185).

HESPANHOL. Hespanhol, ou Espanhol. Natural de Hespanha. [...] (Bluteau, IV, 1713: 29).

La anterior definición del lexicógrafo Bluteau despierta también la reflexión de Pensado (1983) sobre la historia y el alcance semántico de las voces “español” y “castellano”⁴ (Pensado, 1983: 195-206), a cuyo alcance comenta el lingüista español:

“La última frase es un tanto anfibológica y nos deja en la duda de saber si lo que quiso decir Bluteau es que los españoles no son portugueses, o que hay españoles que pueden ser portugueses, o de otra forma dicho, hay portugueses que pueden ser españoles, puesto que Portugal es parte de la antigua Hispania” (Pensado, 1983: 200).

Sin embargo, a juzgar por las definiciones presentadas por Bluteau, no parece existir tal ambigüedad pues la acepción de “castelhano” – natural de Castilla – no coincide con la “hespanhol” (cf. 4.), que se extiende a todos los pueblos (no castellanos, es decir, navarros, aragoneses, andaluces, valencianos, etc., incluso los portugueses) de la Península, lo que permite comprender por qué Bluteau considera a Camões “el principe de los poetas españoles”.

De cualquier manera, el lexicógrafo políglota contribuyó de forma importante a la normalización de la lengua nacional y propia de los portugueses, siguiendo el pensamiento nebrijense según el cual la lengua es compañera del Imperio, al haberla dotado de una obra sin paragon como el *Vocabulario Portuguez e Latino*.

1.2.2 La lexicografía bilingüe de las lenguas portuguesa y castellana

“É sobejamente conhecido que a relação entre a língua portuguesa e a língua castelhana carece historicamente de normalidade [...]” (Ponce de León & Duarte, 2005: 373). El portugués y el español son dos idiomas estrechamente relacionados entre sí, tanto lingüísticamente como geográficamente, por eso parece tardía la fecha de los inicios de la lexicografía bilingüe con estas dos lenguas que sólo remonta a comienzos del siglo XVIII. De hecho, el primer diccionario bilingüe español-portugués parece ser el *Dicionario castellano y*

⁴ Sobre esta cuestión, cf. PENSADO, J. L. (1983): “Datos para la historia de «espanhol» en portugués” en *Boletim de filologia*, XXVIII, 195-206.

portuguéz del Padre D. Rafael Bluteau, publicado en Lisboa en 1721. El pretexto portugués para disculpar la escasa elaboración de vocabularios bilingües con lenguas europeas en general, podía ser la producción de vocabularios entre el portugués y las lenguas de otros continentes con los cuales tenía intereses políticos, como Brasil, África y Asia. Según Corbella (Corbella, 2003: 385) la producción lexicográfica bilingüe quizás era sentida como “innecesaria” por la “cercanía entre el español y el portugués”. La tan tardía y reducida producción lexicográfica entre las dos lenguas se podrá también explicar con “el sentimiento anticastellano y patriótico” por parte de los portugueses y “la consciencia del estatus de la lengua castellana como lengua vehicular culta en Europa, justificado por la potencia política y por el influjo de la literatura del Siglo de Oro” (Gonçalves, 2004: 671) aspecto ya comentado en el apartado anterior. La falta de diálogo lexicográfico y gramatical entre las dos lenguas corrobora, por otra parte, la idea errónea que, fuera de la Península, imperó durante mucho tiempo según la cual el portugués era sólo una variante o un dialecto del español. Sea como fuere, el hecho de que haya sido un francés, el Padre Bluteau, quien dio el primer paso en romper este aparente desinterés por el diálogo lexicográfico entre las dos lenguas peninsulares es un dato interesante y curioso, que podrá explicarse por la perspectiva plurilingüe y, en cierta medida, comparativa de la formación de Bluteau.

Haciendo un recorrido por la lexicografía europea, se puede identificar los grandes modelos renacentistas que marcaron los inicios de la lexicografía moderna: el español Antonio de Nebrija, el italiano Ambrosio de Calepino y el francés Robert Estienne. La tradición española despunta a finales del siglo XV con la figura eminente de Nebrija, porque hasta entonces solamente existían vocabularios y glosarios de tradición latinizante medieval, cuyo origen estaba en la necesidad de anotar las palabras de los textos escritos en latín eclesiástico. Estas aclaraciones en lenguas vulgares se llamaban *glosas* y hacia el siglo XI surgieron las primeras listas de vocablos latinos con sus equivalentes romances formando los *Glosarios*. La lexicografía bilingüe empezó entonces con el latín como lengua de partida, una lengua que ya no se destinaba a uso comunicativo. Su desarrollo continuo con los diccionarios multilingües a lo largo de los siglos XVI y XVII que, sin embargo, no rompieron con la tradición lexicográfica bilingüe que incluía el latín, lo que ocurre sólo en el siglo siguiente permitiendo el desarrollo de la lexicografía monolingüe y de la bilingüe con las lenguas modernas. Añádase que, en ese periodo el aprendizaje de las lenguas modernas no formaba parte de las enseñanzas habituales, aunque respondiese a necesidades utilitarias, comerciales, políticas y sociopolíticas (Alvar Ezquerro, 2002: 19).

Los inicios de la rica lexicografía en lengua española se remontan al siglo XV cuando aparece el vocabulario titulado *Vocablos difíciles del castellano*, una copia manuscrita conservada en la Biblioteca de la Real Academia de la Historia, pero es el Renacimiento el que trae los primeros diccionarios extensos en la lengua española (Alvar Ezquerro, 2002: 15). El cronista y humanista Alfonso Fernández de Palencia es el autor del primer gran diccionario del español, el *Universal vocabulario en latín y en romance collegido por el cronista Alfonso de Palencia*, de 1491. La lexicografía moderna española, y asimismo toda la europea, debe mucho a la figura de Elio Antonio de Nebrija, autor del primer diccionario moderno, titulado *Lexicon hoc est Dictionarium ex sermone latino in hispaniensem* o *Diccionario latino – español*, de 1492, seguido en 1495 por el *Dictionarium ex hispaniensi in latinum sermonem* o *Vocabulario español – latín*. Las dos obras son complementarias pues la intención de Nebrija era la de redactar un repertorio bidireccional que sólo no se podía editar juntamente por causas económicas (Alvar Ezquerro, 2002: 18). Tales obras son diccionarios modernos porque son los dos primeros en dedicarse exclusivamente al léxico, omitiendo la parte enciclopédica, simplificando el contenido de sus artículos que ya no tienen citas o referencias a otros autores y uniformando la estructura de las entradas (Alvar Ezquerro, 2002: 19). Al diccionario nebrijense le sigue otro en el mismo siglo, *Vocabularium ecclesiasticum* (1499) de Rodrigo Fernández de Santaella.

La lexicografía bilingüe del español con otras lenguas modernas empieza en el siglo XVI con un glosario hispano-francés, al cual siguen, en el siglo XVI, *El Vocabulario de las dos lenguas Toscana y castellana* de Cristóbal de las Casas, 1570, y en el XVII el *Tesoro de las dos lenguas francesa y española* de César Oudin, 1607 y *Vocabolario italiano e spagnolo* de Lorenzo Franciosini, de 1620 (Alvar Ezquerro, 2002: 22-29). La aparición de los diccionarios bilingües con el inglés anuncian el declive del latín como lengua de comunicación internacional en Europa pero también el crecimiento de las relaciones internacionales. Los primeros testimonios bilingües español-inglés son pequeñas listas de palabras, como las que aparecen en *The Spanish Grammer* de John Thorie (1590), o la nomenclatura de *The Spanish Scholle-master* de William Stepney (1591). El primer diccionario extenso es el que figura en *Bibliotheca Hispanica* de Richard Percyvall (1591). (Alvar Ezquerro, 2002: 30-31).

Lo realmente curioso es que haya tan pocos, y además tardíos, diccionarios bilingües de español y portugués, dos lenguas romances, vecinas geográfica y lingüísticamente, y siendo además las más importantes de la Península Ibérica y con tempranas tradiciones literarias. El primer diccionario con el portugués y español, y único de tanta importancia y

extensión hasta el siglo XIX, es el *Diccionario Castellano y Portuguez* en el *Vocabulario Portuguez e Latino* del Padre Rafael Bluteau, 1712-1728.

Los antecedentes del *Diccionario* se muestran sólo en “algunos repertorios, generalmente multilingües, que habían incluido, entre otras, estas dos lenguas” (Corbella 2003: 385). Corbella constata (2003: 385) que el portugués y el castellano aparecen en las siguientes obras: en la traducción al castellano de la obra griega *Acerca de la materia medicinal* (1570) de Pedacio Dioscorides Anazarbeo donde Andrés Laguna realiza una “Tabla de nombres portugueses”, en el *Colloquia & Dictionarium octo linguarum: Latin, Galic, Belgic, Teutonic, Hispanic, Italic, Anglic & Portugallie*, editado en Londres (1598), y en la *Prosodia in vocabularium trilingue, latinum, lusitanicum et hispanicum digesta* (1634) del jesuita Padre Bento Pereira (Verdelho, 1995: 183). En que respecta a la lexicografía hispano-lusa posterior a Bluteau, se podría mencionar el *Novo dicionário espanhol-portuguez e portuguez-hespanhol, com a pronuncia figurada em ambas as lingua*, que el vizconde Wildik publica en el 1800. Se trata de un diccionario bidireccional en dos volúmenes que tiene particular cuidado de la transcripción de la pronunciación de las entradas, puramente fonémica ya que aún no existían transcripciones fonéticas. El vocabulario contiene además “sendos vocabularios de antropónimos y topónimos que se escriben y pronuncian de modo diferente en ambas lenguas” (Salas Quesada, 2003a: 350). En el siglo XIX se puede señalar el diccionario plurilingüe de James Boardman (1810), que además del español y portugués contiene inglés, alemán, francés, italiano y latín, y del cual sólo se encuentran ejemplares en los EE.UU. El diccionario bilingüe español – portugués más extenso es el *Diccionario español – portugués* de Manuel do Canto y Castro Mascarenhas Valdez, (1864-1866), editado en Lisboa en tres volúmenes que incluyen más de 100.000 entradas. Cabe mencionar el diccionario etimológico de Reinhart Dozy y Willem Engelman, de 1869, *Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe*, publicado en Leyden; el *Lexicon castellano-portuguêz e português-castelhano* (1896-1870) de Carlos Barroso y el *Novo dicionário espanhol-portuguêz (e português-hespanhol)* de Henrique António Marques (Salas Quesada, 2003a: 350). Se puede destacar también el *Dicionário espanhol-portuguêz e português-espanhol* (1879-1880), de autor desconocido, que tiende a recoger más tecnicismos y regionalismos, especialmente los del español de América (Salas Quesada, 2003a: 350).

Tan tardía producción es en efecto sorprendente si atendemos a los antecedentes históricos. Antes del siglo XIV el portugués formaba junto al gallego una lengua romance llamada gallego-portugués o galaico-portugués. Era una lengua hablada en toda la franja occidental de la Península Ibérica, la franja central estaba reservada al castellano y la oriental

al catalán. Las primeras manifestaciones de la lexicografía ibérica son multilingües. La más temprana es la *Prosodia in vocabularium trilingue Latinum, Lusitanicum et Hispanicum digesta*, de Bento Pereira, que se publica en 1634, y ofrece correspondencias latinas y portuguesas de las entradas españolas. Sin embargo, la manifestación más temprana de la lexicografía española bilingüe con otras lenguas de la Península Ibérica es el vocabulario gallego-español del Bachiller Olea (1536), seguido del anónimo *Diccionario alfabético de dicciones juntamente castellanas y valencianas* (1647) y, finalmente, el *Diccionário castellano-portuguéz* que aparece en el tomo VIII del *Vocabulario Portuguéz e Latino* de Rafael Bluteau (1721-1734).

La lexicografía portuguesa aparece, a su vez, en el siglo XVI con los diccionarios bilingües de latín-portugués y de portugués-latín, tal como sucedió con la lexicografía española. El primer diccionario bilingüe aparece solamente en la segunda mitad del siglo XVI y se debe a Jerónimo Cardoso (c.1500-c.1569). Los documentos que lo preceden son varios manuscritos perdidos, de los cuales se conoce la existencia gracias a noticias que aparecen en otras obras, entre ellas el *Dictionarium Lusitanum et Latinum*, atribuido a Francisco Sanches de Castilho (+1558), que estaría concluido para su impresión en la fecha de la muerte del autor y el *Vocabulario Portuguez muy copiosos com declaração da Origem de cada Vocabulo, e de que lingua emanou* cuyo autor, según Barbosa Machado, habría sido Duarte Nunes de Leão (c. 1530-c.1608) (Verdelho, 1995: 378). Pero ninguno de esos textos puede marcar el verdadero inicio de la diccionarización de la lengua portuguesa. El pequeño diccionario de Cardoso es considerado el padrón inicial de la lexicografía portuguesa. El conjunto lexicográfico de Cardoso “reune os ingredientes mais importantes de elaboração dicionarística escolar do Renascimento” (Verdelho, 1995: 483), o sea, congrega el saber lingüístico e informaciones del campo pedagógico e ideológico de la época. Los diccionarios de latín-portugués y de portugués-latín, impresos en un único volumen, practico e accesible, surgieron en la clase de gramática como un nuevo manual que modificó las condiciones de aprendizaje de las voces vernáculas, hasta entonces aprendidas en castellano, con base en el texto de Nebrija (Verdelho, 1995: 484).

En los orígenes de la lexicografía portuguesa se incluyen además los demás diccionarios bilingües publicados hasta el siglo XVIII. El primero de ellos, de Agostinho Barbosa (1590-1649) fue editado una sola vez, en 1611, con el título *Dictionarium Lusitanico Latinum*. Se sigue el diccionario de latín-portugués-español, publicado por Amaro de Roboredo en 1621 en el ámbito de un manual escolar para el estudio del latín, titulado *Raizes da lingua latina mostradas em hum tratado, e dictionario: isto he hum compendio do*



Calepino com a composição, e derivação das palavras, com a ortografia, quantidade e frase dellas (Verdelho, 2002: 20). Mucho han contribuido a la lexicografía portuguesa los Jesuitas que se empeñaron en la producción de manuales escolares, especialmente orientados en la producción lingüística. Entre estos ocupan un lugar especial los diccionaristas de las lenguas en misiones en Brasil y en Oriente, pero también otros jesuitas como Fernando Pires, António Velez, Manuel de Gouveia, Manuel Barreto, Matias de S. Germano, António Franco e José Caeiro (Verdelho, 2002: 21).

Sin embargo, la obra más representativa de la diccionarística de los Inicianos es sin duda la de Bento Pereira (1605-1681). Su *Prosodia* (1634) es un voluminoso manual escolar que contiene un diccionario amplísimo de portugués-latín, al cual fue añadido otro de latín-portugués, publicado por separado con el título *Tesouro da lingua portuguesa* (1647).

Descontado el *Vocabulario Portuguez e Latino* (1712-1721) de Bluteau, la lexicografía moderna monolingüe de la lengua portuguesa tiene inicio a finales del siglo XVIII con los diccionarios de Bernardo Bacelar (1783), Morais Silva (1789), de la Academia das Ciências de Lisboa (1793) y algunos diccionarios especializados (ortográficos, de arcaísmos, de arabismos, diccionarios para apoyar a la practica retórica y literaria, diccionarios poéticos, de sinónimos, de rimas). También los inicios de la lexicografía monolingüe española están marcados por manifestaciones de carácter técnico aunque mucho más tempranas que las portuguesas, puesto que ya antes del 1602 estaría concluido el *Origen, y Etimología, de todos los Vocablos Originales de la Lengua Castellana* de Francisco de Rosal, seguido por el *Tesoro de la lengua castellana o española* de Sebastián de Covarrubias, de 1611 (Alvar Ezquerro, 2002: 37). Con la fundación de la Real Academia Española en 1713 la lexicografía española ganó una nueva dimensión, ya que el propósito de la Academia era "fijar las voces y vocablos de la lengua castellana en su mayor propiedad, elegancia y pureza".⁵

⁵ RAE: disponible en:

<http://www.rae.es/rae/gestores/gespub000001.nsf/voTodosporId/CEDF300E8D943D3FC12571360037CC94>
(última consulta: 23/04/10)

1.3 BENTO PEREIRA Y SU PROSODIA IN VOCABULARIUM TRILINGUE, LATINUM, LUSITANICUM, & HISPANICUM DIGESTA

El padre Bento Pereira es una figura esencial de la vida cultural portuguesa del siglo XVII. Nació en Borba en 1605 y con tan sólo quince años entra en la Compañía de Jesús. Estudia Humanidades en el Colégio das Artes de Coimbra y Filosofía en la Universidad de Évora, donde más tarde enseña Humanidades y Retórica. En este periodo, publica la *Prosodia in vocabularium trilingue Latinum Lusitanicum et Castellanicum digesta* (1634). Empieza los estudios teológicos doctorándose en 1647 y enseñándolos hasta el año 1670. En 1666 publica las *Regras Gerays, breves, e comprehensivas da melhor Orthografia, com que se podem evitar erros no escrever da lingua Latina, e Portuguesa, para se ajuntar á Prosodia* y en 1672 *Ars Grammaticæ pro Lingua Lusitana addiscenda*. Entre 1670 y 1672 es revisor general de la Compañía de Jesús y Rector del Seminário dos Jesuítas Irlandeses en Lisboa. Muere en Évora en 1681.

Bento Pereira es uno de los grandes pedagogos de la lengua portuguesa. Pues dedicó su vida a la producción de manuales para enseñanza y aprendizaje del latín y del portugués. Su obra más representativa es la antes mencionada *Prosodia*, que tuvo varias reediciones hasta 1750. Es un diccionario amplísimo de latín-portugués, al cual se adjuntó en 1661 un diccionario portugués-latín llamado *Tesouro da lingua portuguesa*, publicado autónomamente ya en 1647. La *Prosodia* contiene además un conjunto de textos paralexicales (*Frases portuguesas a que correspondem as mais puras e elegantes latinas; Adágios portugueses com seu latim proverbial correspondente; e uma Tertia pars selectissimarum descriptionum, quas idem auctor vel olim a se compositas, vel a probatissimis scriptoribus emendicatas alphabetico ordine digessit*), que llegaron a ser las obras de referencia obligatoria en la escolarización del latín y del portugués, ya que servían para el aprendizaje y para la ejercitación de la escrita y de la oratoria.

Las primeras ediciones de la *Prosodia* llevaban por título *Prosodia in vocabularium trilingue Latinum, Lusitanicum et Hispanicum digesta*, e incluían también el español, pero eran más bien un diccionario latino, con las entradas, las definiciones y las citas en latín, de las cuales casi todas tenían correspondencias en portugués y muy pocas en castellano. La segunda parte de la *Prosodia* es únicamente en latín y la tercera contiene refranes traducidos del portugués en latín. En sus últimas ediciones contenía ya sólo contenía el portugués y el latín, publicándose así con el título reducido *Prosodia in vocabularium bilingüe, Latinum, et*

Lusitanicum digesta. “Por tanto, debido a su carácter limitado, no podemos considerarlo sino el amargo aviso de que esa época se estaba haciendo necesaria la aparición de un diccionario que permitiera un mejor conocimiento de las dos lenguas, porque, aunque cercanas, en el léxico siempre encontramos diferencias, y anisomorfismos, así como falsos amigos.” (Salas Quesada, 2003a: 344).

Descontada la obra de Amaro de Roboredo, la *Prosodia* de Pereira es el único antecedente del *Dicionário castellano-portuguéz* de Bluteau. Este diccionario se caracteriza por tener poquísimas definiciones en la lengua castellana, presentadas en letra mayor que las latinas o las portuguesas. En la mayoría de las veces se trata de un simple equivalente en español, y son muy pocos los ejemplos en los cuales aparece una descripción o una frase, como se puede notar en la siguiente tabla que presenta las definiciones castellanas en negrito (ver Tabla 1). En los casos en que Padre Bento Pereira agrupa las palabras en familias, el equivalente español aparece sólo cada tercera palabra o aún menos. Para esta tabla se han escogido a propósito entradas en las que aparece una definición o equivalente español.

Tabla 1

Entrada	Página	Definiciones en português y en español
Aurum, i Auratus, a, um Auramentum, i Aurarius, ii Auraria, ae Aurisodina, ae Aureus, a, um	p. 35	O ouro. Oro . Cousa dourada. Dorado . O instrumento com que se atimpa o ouro. O aurines de ouro. Platero de oro . A mina de ouro. O mesmo. Cousa de ouro.
Boreas, ae	p. 41	O vento Boreas. Regañon, viento entre Norte y Solano .
Bulbus, i	p. 47	Casta de cebolla. Cebolla .
Caecus, a, um	p. 48	Cousa cega. Ciego .
Egero, is, gessi, gestum	p. 93	Tirar fora. Sacar a fuera .
Egredior, eris, essus, sum	p. 93	Sair fora. Salir fuera .
Eijicio, is, eci, ectu	p. 93	Deitar fora. Echar a fuera .
Eiulo, as	p. 94	Prantear a mulher. Gritar gimiendo .
Fauus, i	p. 106	O fano. Panal de la miel .
Fax, acis	p. 106	O murrão, ou rocha. Hacha .
Interplico, as	p. 140	Dobrar pelo meyo. Entre plegar .
Nausea, ae Nauseo, as	p. 172	O enjoamento. Gomito . Enjoar. Gomitar
Parabola, ae	p. 188	A semelhança. Comparación .
Pastillus, i	p. 190	A pastilla. Trochisco .
Patriso, as	p. 190	Imitar o pay. Semejar a su padre .
Paredia, ae	p. 194	A fome. Hambre .
Perfacetus, a, um	p. 194	Causa muy graciosa. Muy donoso .
Quisnam, quaenam, quodnam, vel quidnã	p. 221	Quem por ventura? Quien es aquel .
Quondam, Adverb.	p. 222	Antigamente, pelo tempo adiante, ou sempre. En algun tiempo .
Schola, ae	p. 236	A escola. Escuela .
Sordes, is Sordidus, a, um	p. 264	Sugidade. Suziedad . Cousa suja. Suzio .
Trinoctium, ii	p. 270	Espaço de tres noites. De tres noches .
Vnda, ae	p. 280	A honda. Ola .
Vulnus, Neris Vulnero, as Vulneratio, onis Vulneraius, is Vulnisiuus, a, um Vulnifer, a, um	p. 282	A ferida. Herida . Ferir. Herir . O ferir. O cirugião. Cirugiano . Cousa que tras feridas. O mesmo.

2

EL VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO

DE RAFAEL BLUTEAU

2.1 CUADRO HISTÓRICO

Los dominios ultramarinos del siglo XVI permitían a la aristocracia peninsular un agrupamiento en torno a la corona manteniendo en la sociedad y en la cultura ciertas características feudales. En realidad, España y Portugal empezaron a agotar los recursos de los reinos ya en el siglo XVI siendo incapaces de gestionar los gastos administrativos y militares y de satisfacer los juros de las deudas astronómicas. El siglo XVII asiste al triunfo del gran capitalismo mercantil en el cual juega un papel importante Holanda, centrándose el capitalismo internacional en Ámsterdam (Saraiva, 2001: 476) y, por supuesto, también en Francia e Inglaterra, las dos grandes potencias hegemónicas de Europa (Saraiva, 2001: 478).

En España el siglo XVI se inicia con el reinado de una nueva dinastía en España, que sucedió a los Reyes Católicos, la dinastía de los Habsburgo o Casa de Austria con la cual España conocerá su mayor expansión territorial gracias a la conquista de colonias en América y en otras regiones ultramarinas. La dinastía empieza con el reinado de Carlos I de España y V de Alemania (1516-1556), bajo el cual por herencias, conquistas, convenios diplomáticos o matrimonios reales, llegaron a estar sometidas Nápoles y Sicilia, Flandes, Alemania, Hungría y Portugal, aparte de las nuevas y ricas tierras de América. Pero fue bajo Felipe II de España y I de Portugal (1556-1598), que España atinge su apogeo, que se prolonga hasta la Guerra de los Treinta Años (1618 – 1648), realizando la ansiada Unión Ibérica la cual duró 60 años. Al reinado de Felipe II se siguió el de Felipe III de España y II de Portugal (1598-1621) y el de Felipe IV de España y III de Portugal (1621-1665) bajo el cual España reconoce la independencia de Portugal y de los Países Bajos. El reinado siguiente, de Carlos II (1665-1700) fue el último de la Casa de Austria, pues el monarca muere sin descendencia. Después se produce una Guerra de Sucesión (1701-1713) entre los pretendientes al trono de España. Francia aspiraba a sentar en el trono a Felipe de Anjou, nieto de Luis XIV de Francia. Inglaterra y Austria, temerosas de la preponderancia francesa, forman con Holanda la Gran Alianza de la Haya (1701), reclamando la corona de España para el archiduque Carlos, hijo del Emperador Leopoldo I de Austria. La guerra concluye con los tratados de Paz de Utrecht (1713) y Rastadt (1714), cuando Felipe V, de la Casa de Borbón, es reconocido rey de España. El siglo XVIII se conoce como el periodo de la Ilustración en España y se extiende por los reinados de los Borbones, desde Felipe V (1700 – 1746), seguido por Fernando VI (1746 – 1759) y Carlos III (1759 – 1788), hasta Carlos IV (1788 – 1808). Este periodo

corresponde al movimiento de las Luces que se inicia en Francia y es la antesala de la Revolución francesa (1789).

En Portugal, el llamado Siglo del Oro se dibuja desde finales del siglo XV y principios del siglo XVI, cuando empiezan las grandes exploraciones y la expansión del territorio portugués, periodo en que se destacan el infante Don Enrique, el Navegador, y el rey Don Juan II. El reino portugués intenta una última aventura caballeresca en Marruecos que acaba con la batalla de Alcácer-Quibir (1578) en la cual desaparece misteriosamente el rey Don Sebastián y, desde entonces, Portugal ya no tuvo el mismo prestigio de antes. Por falta de herederos, el trono portugués terminaría a la larga en las manos del rey Felipe II de la rama española de la Casa de Habsburgo. Como consecuencia de tan trágicos eventos nació el mito y el movimiento llamado sebastianismo, o sea, la creencia de que el rey se encontraba todavía vivo esperando el momento preciso para volver al trono y alejar el dominio extranjero. El trono fue ocupado por dos años por el rey-cardenal Don Enrique, cuya muerte abre una Crisis de sucesión que lleva a la subida al trono del rey español Felipe II. Este dominio fue terminado en 1640 con Don Juan IV. Después de la restauración de la independencia de Portugal, se siguió una guerra con España que terminará tan sólo en 1668 con la firma del tratado de paz donde España reconoció definitivamente la independencia de Portugal. La colonización brasileña, el comercio transatlántico de azúcar y tabaco, de “pau-brasil”, el contrabando de la plata peruana, el tráfico de negros africanos para América del Sur, la tradicional exportación de la sal, todo ello sostuvo y desarrolló la burguesía comercial ligada a una red mundial de comercio, constituida por los “cristianos nuevos” emigrados. A estas circunstancias se añade además la represión inquisitorial y la castellanización forzada que sin embargo tuvo gran resistencia popular. La alta nobleza estableció en este periodo una serie de academias, como la *Academia dos Generosos*, o sea aristocráticos, remodelada en 1718 por el cuarto conde de Ericeira, quien también promovía las *Conferencias discretas e eruditas* por sugerencia de Don Rafael Bluteau, intelectual que contribuyó para promocionar la nobleza por materias científicas, sensibilizándola para los problemas de la industrialización en curso en Inglaterra y Francia. El final del siglo XVII y la primera mitad del siglo XVIII asistieron al florecimiento de la explotación minera de Brasil, en cuyo oro y piedras preciosas hizo la corte de Don Juan V una de las más opulentas de Europa aunque tal riqueza sólo agudizó los problemas económicos y sociales de Portugal. Juan V invitaba artistas extranjeros a Portugal y mandaba los portugueses al extranjero para poder estudiar diferentes ramas de las ciencias y las tecnologías. Los Padres oratorianos y los Teatinos, más condescendientes con el espíritu científico, quiebran el monopolio de la enseñanza jesuita. Ya se empieza a pensar en reformas

de la educación y de la economía, reformas que sólo se llevarán a cabo gracias a una figura política muy controvertida y carismática de la historia portuguesa, el Marqués de Pombal, ministro entre 1750 y 1777, conocido precisamente por sus reformas económicas, administrativas y sociales, y por haber planificado la reconstrucción de Lisboa y Algarve, después del terremoto de 1755.

2.2 VIDA Y OBRA DE RAFAEL BLUTEAU

El padre Rafael Bluteau fue clérigo regular de la orden de San Cayetano. Fue escritor, orador sagrado y lexicógrafo, autor de la valiosa obra *Vocabulario Portuguez e Latino*. Nació en París en 1638, bajo el seno de la familia Chevalier, y murió en Lisboa el 14 de febrero de 1734. A los seis años tuvo que acompañar a su padre, que huía de la justicia francesa, a Inglaterra. Allí adoptó el apellido Bluteau, de Milord Blutaw que les dio refugio en Londres. Rafael dejó Londres con su madre después de la muerte del rey Carlos I de Inglaterra y regresó a París en donde estudió en el colegio de la Flèche, más tarde en Reims y, de nuevo en París en el colegio de Clermont dirigido por los jesuitas. Contrariando a su familia vistió el traje de San Cayetano en Florencia, en donde profesó en 1661. De carácter muy curioso, estudió Filosofía en Verona y Teología en Roma y, después, en París recibió el Santo Sacerdocio. En 1664 ya era orador estimado en la corte francesa y, en 1668, el General de los teatinos lo mandó a Portugal.

Una vez en este país, dominó rápidamente la lengua portuguesa y se afirmó como predicador y escritor alcanzando una gran aceptación en la corte. Bajo la protección de la reina Doña María Francisca de Saboya, mujer de Alfonso VI y después de Pedro II, acompañó a Turin a Duarte Ribeiro de Macedo y a los condes de Ericeira, para tratar del matrimonio de la heredera al trono, Isabel, con el príncipe Víctor Amadeo, hijo del duque de Saboya. Ribeiro de Macedo falleció durante el viaje y Bluteau lo sustituyó en la misión hasta la llegada del nuevo ministro, el duque de Cadaval. Las negociaciones al final no se concluyeron porque el príncipe, fingiendo estar enfermo, no apareció.

De nuevo en Portugal, Bluteau fue acusado de estar implicado en las maquinaciones políticas de Luis XIV, ligadas al proyecto de matrimonio de la princesa, por lo que se retiró a Francia en el año 1687. Antes de eso, tomó parte activa en las *Conferências discretas e eruditas* que se realizaban en el palacio del conde de Ericeira con quien mantuvo correspondencia durante su estancia en Francia y quien facilitó su regreso a Portugal en 1704,

cuando estalló la Guerra de Sucesión española, en la que Pedro II tomó partido por Inglaterra contra Francia. Esa fue la razón por la cual Bluteau se refugió en el Convento de Alcobaça, periodo en que se consagró a su *Vocabulario* y a otras obras relacionadas con las letras portuguesas. Restablecida la paz en 1713, Bluteau obtuvo permiso para residir en la capital portuguesa, habiendo entonces conquistado la simpatía del rey Don Juan V, quien ordenó la impresión de todas sus obras a cargo de la Hacienda real y lo nombró, además, académico de número cuando se creó la Academia Real de la Historia. Bluteau ya tomaba parte de la academias de los *Generosos* e de los *Aplicados* y participaba en las conferencias en casa del conde de Ericeira. Fue también, durante algunos años, propósito del convento de San Cayetano. El Padre Rafael Bluteau ganó prestigio como consejero, erudito, orador, escritor, interlocutor y aliado en intercambios epistolares. Fue el hombre que más contribuyó a la renovación de la cultura portuguesa en las primeras décadas del siglo XVIII y uno de los principales precursores de las nuevas orientaciones que tomaría la escuela portuguesa en la segunda mitad del siglo XVIII. Hablaba seis lenguas, conociéndolas a la perfección y componiendo en cualquiera de ellas con facilidad. Fue conocido por sus trabajos en diferentes ramas de la ciencia, hasta en las exactas y las naturales. El Padre Rafael Bluteau murió a los noventa y cinco años en Lisboa, habiendo pasado los últimos años de su vida entre los hombres más doctos de la época, quienes que lo consideraban un maestro.

Acabamos su biografía con las palabras del bibliógrafo Inocêncio Francisco da Silva que en su *Diccionario bibliographico* escribe:

Foi o P. Bluteau verdadeiramente sabio e erudito á moda do seu tempo; mais au menos versado em todo o genero de estudos, mereceu-lhe particular predilecção o das linguas mortas e vivas. Falava expedita e desembaraçamente a ingleza, franceza, italiana, portugueza, castellana, atina e grega; e em qualquer dellas compunja com grande facilidade, tendo aprofundado o conhecimento das gramáticas de todas. Os portuguezes lhe devem eterna gratidão, por lhes dar um Dicionario que não tinham, e de que tanto necessitavam; abalançando-se e conseguindo elle só com o proprio esforço e estudo, o que as Academias não puderam vencer antes, nem depois! (Silva, 1858: 43).

La obra del Padre Bluteau incluye, entre otros, los siguientes títulos:

- *Vocabulario Portuguez e Latino, Aulico, Anatomico, Architectonico, Bellico, Botanico, Brasilico, Comico, Critico, Dogmatico, etc. autorizado com exemplos dos melhores*

escriptores portugueses e latinos, e oferecido a el-rey de Portugal D. João V. Obra extensa de ocho volúmenes impresos en Coimbra, el primero en 1712 y el último en 1721. Obra de gran merecimiento, que en la época fue de enorme utilidad y verdadero servicio prestado al país, hasta hoy es aun consultada por quienes se interesan por los estudios de lenguas y por las más variadas materias.

- *Suplemento ao Vocabulário Português e Latino que acabou de sair à luz. Ano de 1721.* Obra en dos tomos publicados en Lisboa en 1727.
- *Primicias Evangélicas o Sermões panegíricos do P. D. Rafael Bluteau, etc., oferecido à serenissima alteza de Cosmo Terceiro, gran-duque de Toscana,* Lisboa, 1676. *Parte segunda, oferecida a uma doutissima, poderosissima e virtuosissima princeza,* Lisboa, 1685. Esa *princesa* era la libreria de D. Luís de Sousa, arzobispo de Lisboa, a quien dedicó una oración dedicatoria muy extensa. *Parte terceira, oferecida ao Marquez de Cascaes,* París, 1698. *Sermões panegíricos e doutrinaes que a diversas festividades e asuntos prègou, etc.,* dos tomos, Lisboa, 1732, 1733.
- *Prosas Portuguesas, recitadas em diferentes congressos académicos,* Parte I e II, Lisboa, 1728.
- *Instrucção sobre a cultura das amoreiras e criação dos bichos de seda, dirigida à conservação e augmento das manufacturas de seda e dedicada a el-rei D. Pedro II, quando principe regente, que as estabeleceu e com os novos privilegios concedidos por el-rei D. José I, nosso senhor, autor D. R. B.* Coimbra, 1769. La 1ª edición puede haber sido publicada en 1679 pero después fue publicada en las *Prosas Academicas*, tomo II.
- *Diccionario castellano y portuguez impresso em Lisboa por orden de el-rey de Portugal D. Juan V, etc., autor el Padre D. R. Bluteau,* Rio de Janeiro, 1841. Es una impresión difícil de encontrar en Portugal.

2.3 SOBRE EL VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO

2.3.1 Estructura del vocabulario

La transcripción integral que aparece en la portada del primer tomo del *Vocabulario* es la siguiente: *Vocabulario Portuguez e Latino, Aulico, Anatomico, Architectonico, Bellico, Botanico, Brasilico, Comico, Critico, Chimico, Dogmatico, Dialectico, Dendrologico, Ecclesiastico, Etymologico, Economico, Florifero, Forense, Fructifero, Geographico, Geometrico, Gnomonico, Hydrographico, Homonymico, Hierologico, Ithyologico, Indico, Isagogico, Laconico, Liturgico, Lithologico, Medico, Musico, Meteorologico, Nautico, Numerico, Neoterico, Ortographico, Optico, Ornithologico, Poetico, Philologico, Pharmaceutico, Quidditativo, Qualitativo, Quantitativo, Rhetorico, Rustico, Romano, Symbolico, Synonimico, Syllabico, Theologico, Therapeutico, Technologico, Uranologico, Xenophonico, Zoologico, Autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos, e offerecido a El Rey de Portvgval, D. João V. pelo Padre D Rafael Bluteau Clerigo Regular, Doutor na Sagrada Theologia, Prêgador da Rayinha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França, & Calificador no sagrado Tribunal da Inquisição de Lisboa. Coimbra No Collegio das Artes da Companhia de Jesu Anno 1712. Com todas as Licenças necesarias.*

Como ya se deduce del título, la obra es, sin sombra de duda, la más monumental de la lexicografía portuguesa bilingüe. Se presenta en 8 volúmenes in-folio, a los que se añaden los dos del Suplemento, es decir, en total de 10 volúmenes, los dos primeros impresos en Coimbra y los siguientes en Lisboa.⁶ Además de la nomenclatura propiamente dicha, el *Vocabulario* contiene textos teóricos que exponen el pensamiento lingüístico y la práctica lexicográfica y lexicológica de la época (Verdelho, 2007: 19), incluyendo en el *Suplemento* un amplio *Vocabulario de Synonimos, e Phrases Portuguesas* que “verdadeiramente deu início à lexicografia sinonimica do português” (Verdelho, 1981: 173). Según Silvestre (2001a: 6), la obra representa la transición para una lexicografía monolingüe del portugués ya que la información latina en los artículos es muy reducida o prácticamente inexistente. Murakawa (2002: 186) se refiere al *Vocabulario* como “uma obra de referência e por isso de cunho

⁶ Rafael BLUTEAU. *Vocabulario Portuguez e Latino*, vol. 1-4, Coimbra, Colégio das Artes, 1712-1713; vol. 5-8, Lisboa, Pascoal da Sylva, 1716-1721, *Suplemento ao Vocabulario Portuguez e Latino*, 2 vol., Lisboa, Joseph Antonio da Sylva, 1727, Patriarcal Officina da Musica, 1728.

didáctico para a aprendizagem do português e do seu equivalente latino, seguindo preceptos pedagógicos adotados desde a Renascença”.

Esta incomparable obra constituyó la más extensa compilación de información metalingüística en portugués hasta la edición del *Diccionario* (1789) de Morais Silva, reuniendo las vertientes lexicológica y ortográfica. El corpus diccionarístico propiamente dicho tiene cerca de 7200 páginas, a que se deben acrecentar cerca de 500 páginas de diccionarios especializados y glosarios, y un corpus paratextual que tiene entorno a las 200 páginas. El *Vocabulario* reúne cerca de 42000 artículos, pero el número más importante es la masa textual con más de 3 millones de palabras en la parte diccionarística, de la cual cerca de tres cuartos son palabras portuguesas. La lista de los contenidos de cada volumen revela una estructura compleja, en la que el diccionario portugués-latín es acompañado de glosarios temáticos, composiciones poéticas y textos preambulares con información metalexigráfica dispersa, aspectos que llevan a Murakawa (2002: 187) a afirmar que “O Vocabulario de Bluteau, além de ter ampliado em cinco vezes o *corpus* lexical da lingua portuguesa até à época dicionarizado, constituiu-se, a partir de sua publicação, uma obra de consulta obrigatória para toda a lexicografia portuguesa subsequente”.

La estructura del *Vocabulario Portuguez e Latino* destacando sus textos más relevantes es la siguiente:

Tomo I (A)

Coimbra, No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712, [114], 698 pp.

- Ao muyto alto e muyto poderoso rey Dom Joaõ o Quinto [...] [3-8].
- Prologo do Autor a todo o genero de Leitores [27-70].
- Catalogo alphabetico, topographico, e chronologico dos autores portugueses, citados pella mayor parte nesta obra [71-88].
- Catalogo de outros livros portuguezes, cujo autor se dissimula, ou se ignora, tambem citados nesta obra.
- Catalogo dos autores portuguezes, segundo as materias, que tratarão [89].
- Abreviaturas das citaçoens dos livros portuguezes e a declaraçam dellas [90-94].
- Summaria noticia dos antiguos autores latinos, citados nesta obra, para exemplares da boa latinidade [103-113].
- Abreviaturas das citaçoens dos autores latinos, e a declaraçam dellas [114].

Tomo II (B-C)

Coimbra, No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712, [2], 216, 654 pp.

Tomo III (D-E)

Coimbra, No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1713, [10], 319, 407 pp.

Tomo IV (F-I)

Coimbra, No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1713, [10], 243, 164, 91, 237 pp.

Tomo V (K-N)

Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1716, [26], 778 pp.

Tomo VI (O-P)

Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1720, [8], 839 pp.

Tomo VII (Q-S)

Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1720, [4], 824 pp.

Tomo VIII (T-Z)

Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1721, [12], 652, 189 pp. / [12], 652, [6], 3-189.

— Diccionario Castellano y Portuguez: [6], 3-189.

— Prosopopeia del Idioma Portuguez a su hermana la Lengua Castellana (3-15).

— Tabla de Palabras Portuguezas, remotas de la Lengua Castellana (15-24).

— Diccionario Castellano y Portuguez para facilitar a los castellanos el uso del Vocabulario Portuguez, y Latino (25-189).

Suplemento I (A-L)

Lisboa, Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1727, [132], 568 pp.

— Ao Muito Alto, Muito Poderoso, e Magnifico Rey, D. Joaõ Quinto [3-8].

— Prologo segundo, ou segunda advertencia do Author aos Leitores, já nomeados nas primeiras folhas do primeiro volume do Vocabulario [...] [9-38].

— Advertencias a todo o leitor, para o uso deste Suplemento [38].

— Catalogo de mais de cinco mil vocabulos, accrescentados aos oito volumes do Vocabulario Portuguez, e Latino, ou com mais amplas noticias declarados no Suplemento que se segue

a este catalogo [73-132].

Suplemento II (M-Z)

Lisboa, Na Patriarcal Officina da Musica, 1728, [4], 325, [6], 592.

— Outros dez Vocabularios: [6], 1-548.

— Vocabulario de nomes proprios, Masculinos, e femininos, Antigos, e não usados, Vulgares, e raros, e muito raros (1-56).

— Vocabulario de Synonymos, e Phrases Portuguezas (57-424).

— Vocabulario de termos proprios, e metaforicos, em materias analogas (425-467).

— Vocabulario de nomes, que ficáraõ de plantas, tomados do Latim, e do Grego, para evitar circunloçoens (468-477).

— Vocabulario de Cavallarã (478-494).

— Vocabulario de termos commumente ignorados, mas antigamente usados em Portugal, e outros trazidos do Brasil, ou da India Oriental, e Occidental (495-500).

— Vocabulario de palavras e modos de falar do Minho, e Beira, &c. (501-505).

— Vocabulario de Titulos (506-509).

— Vocabulario de Artes nobres, e mecanicas (510-534).

— Vocabulario de Vocabularios (535-547).

— Apologia do Autor do Vocabulario, e do Suplemento, illustrada com a censura do Conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes.

— Censura da Apologia do P. D. Rafael Bluteau pelo Conde da Ericeira (551-552).

— Apologia do Autor do Vocabulario Portuguez, e Latino (553-558).

— Censura sobre as materias concernentes ao Reino de Portugal, e suas Conquistas, referidas do grande dicionario historico de Luis Moreri (559-592).

2.3.2 Circunstancias

La primera pregunta que surge frente a una obra con tales dimensiones es cuáles son los motivos que pueden haber llevado a Bluteau a dedicar la mayor parte de su vida a la preparación del *Vocabulario*. El propio Bluteau en algunos textos que incluye en el *Vocabulario* refiere las condiciones de la producción de su diccionario. Parece que una de las razones más relevantes fue el respeto por las lenguas, considerándolas la inversión más importante en la vida cotidiana de cada persona, siguiendo el refrán “más lenguas hablas, más

vales” e insistiendo varias veces en la facilidad en aprender las lenguas de la misma familia del portugués, o sea, la castellana, la francesa y la italiana. También se habla de las lenguas romances en el Suplemento en el cual Bluteau incluye el *Vocabulario de Vocabularios* del cual dice: “Os Vocabularios, de que em Portugal mais necessitamos, são os da Língua Latina, e de suas quatro filhas, a Língua Portuguesa, Castelhana, Italiana, e Franceza.” (Bluteau, Supl. II, 1728: 535-547). Saber idiomas era imprescindible para el teatino, que en varias ocasiones destaca la importancia de las lenguas e incita a los lectores con argumentos como los siguientes:

Para bem todo o Portuguez, amigo das boas letras, houvera de ter noticia dos dittos quatro idiomas, porque a descendencia, e parentesco delles facilita muito a sua intelligencia, e o grande numero de bons livros, com que cada dia vão enriquecendo a Republica das letras, pode satisfazer a curiosa ambição de todo o genero de Leitores (Bluteau, Supl. II, 1728: 537).

Ya en *Prologo do autor* en el primer tomo del Vocabulario, Bluteau dedica 44 páginas a “todo o genero de leitores”: “benevolo”, “malevolo”, “impaciente”, “portuguez”, “estangeiro”, “douto”, “indouto”, “pseudocritico”, “impertinente” y “mofino”. Con cada uno de ellos instaura una relación dirigiéndoles un discurso de aceptación del *Vocabulario* y explicándoles qué significa conocer una lengua posicionando así el lector como la entidad que, ignorando la lengua, tiene que aprenderla. Al lector extranjero ensalza sobre la belleza de las lenguas: “toda a lingua, bem falada, he bella”. Con respecto a la igualdad entre las lenguas, declara Bluteau:

Ventilar questoens sobre a preferencia das lingoas he curiosidade de necios. Todas tem singulares excellencias, & cada nação lhe parece o seu idioma o melhor de todos. (Bluteau, I, *Ao leitor estrangeiro*, 1712: 3).

El prefacio constituye así la presentación de la obra y una orientación para su lectura, pero es además una exposición del pensamiento lingüístico del autor. El siglo XVI dio inicio a la conocida “cuestión de la lengua” o “batalla de los vernáculos” (Cf. 1.2.1) cuya meta era definir la lengua más perfecta entre las principales lenguas de Europa, o sea, identificar cual de estas corresponde más a las cualidades tradicionales atribuidas a las lenguas clásicas. El uso del latín ya era muy limitado y la prensa aseguró la divulgación rápida y alargada de la

información en lengua vernácula, lo que explica que se presentaron tantos textos para la defensa, el elogio y la ilustración de las lenguas. Pese al patriotismo de las naciones modernas al empezar el siglo XVIII, el autor francés asciende a una posición privilegiada entre las lenguas europeas, considerándose como lengua franca y substituyendo así la latina (Silvestre, 2008: 61). El primer ensayista de la lengua española, Fray Benito Jerónimo Feijoo (1676-1764), en su *Teatro crítico universal* (1724-1739) hace un paralelismo entre el castellano y el francés concluyendo que “quanto hai bueno, y digno de ser leido, se halla escrito en los dos Idiomas Latino, y Castellano” (*Apud* Silvestre, 2008: 62). También Covarrubias en su *Tesoro* (1611) escribió que la lengua española “no se debe contar entre las bárbaras, sino igualarla con la latina y la griega, y confesar ser muy parecida a la hebrea en sus frasis y modos de hablar” (*Apud* Silvestre, 2008: 66). Las primeras defensas de la lengua portuguesa, realizadas precisamente en relación con el castellano, fueron escritos por Severim de Faria (1583-1655). En este contexto es interesante el punto de vista del teatino Bluteau (1638-1734) que en su prólogo “Ao leitor estrangeiro” sostiene que no existen lenguas perfectas, superiores o inferiores, apoyándose en la naturalidad de la lengua materna que a los hablantes siempre les parece la mejor en todos los aspectos. El lexicógrafo condena además las especulaciones etimológicas como medio de demostrar la antigüedad y la nobleza de la lengua y por eso “procura ler críticamente un conjunto de explicações etimológicas tradicionais, nomeadamente as do *Tesoro* (1611) de Covarrubias, confrontando-as com os dicionarios de Ménage” (Silvestre, 2008: 64-65). Bluteau explica al *lector extranjero* que todas las palabras son igualmente buenas y que aunque existen lenguas con mayor extensión geográfica, mayor número de hablantes o lenguas mejor cultivadas, “não por isso sam essencialmente melhores” (Bluteau, I, *Ao leitor estrangeiro*, 1712: 5).

Del propósito de su *Vocabulario*, Bluteau habla también en el octavo volumen que incluye el *Diccionario Castellano y Portuguez* introducido por la *Prosopopeia del idioma Portuguez a su hermana la lengua Castellana*, en la cual, a través del recurso retórico de la personificación, el idioma portugués se dirige al castellano intentando persuadirlo con argumentos en favor de su aprendizaje por parte de los castellanos, aprendizaje cuyas ventajas eran la diversidad, la facilidad y la utilidad, puesto que siempre es útil aprender más lenguas diferentes y sobre todo fácil si son hermanas e hijas del latín. Bluteau apunta el valor de su obra para el aprendizaje del portugués, ya que del *Vocabulario* los castellanos podrían sacar una ventaja más, a saber, aprender la lengua latina:

Hermana mia, pareciòmè bien hazeros estas advertencias, para empreñaros en primorosa correspondencia con nuestra madre la lengua Latina. Ya que esta (de las lenguas Europeas suprema Emperatriz) es muerta, nosotras sus hijas, más parecidas, estamos obligadas a darle en nuestras memorias nuestra vida. Yo, idioma Portuguez, en los Vocabulario, que viene manifestando-se, me voy poniendo en paralelo con dicha mi progenitora; porque en la significacion de cada nombre, y expresion de cada frase, ando igualmente con ella, y tan uniforme, que por mi intervencion os será facil declararos en Latin con propiedad y elegancia.” (Bluteau, VIII, *Prosopopeia*, 1721: 14).

Bluteau acaba el *Vocabulario* con un capítulo titulado *Vocabulario de Vocabularios* dedicado enteramente a diccionarios que afirma haber utilizado en el proceso de la preparación de su obra y en el cual se dirige nuevamente al lector hablándole de las ventajas del aprendizaje de lenguas romances y dándole el siguiente consejo:

Eu movido da efficacia destas razoens, e juntamente desejo de contribuir, e cooperar a este louvavel exercicio, accrecentey ao Suplemento do meu Vocabulario de todos os Dictionarios Portuguezes, Castelhanos, Italianos, Francezes, e Latinos, que atègora me vieraõ à noticia. Naõ aconselho ao Leitor, que se applique ao estudo das Linguas mais remotas da sua, para se fallar, leaõ elles para si, e procurem entender bem o que lerem; e naõ se empenhem em florear em terra alhea, porque da sua boca, em lugar de Abrotanos poderaõ brotar abrolhos (Bluteau, Supl. II, 1728: 537).

2.3.3 Influencias

Según Silvestre (Silvestre, 2008:112), los diccionarios que más influyeron en el *Vocabulario* de Bluteau fueron los diccionarios universales de Furetière (1690) y Hofmann (1698), el *Calepino* de Lyon (1681), el bilingüe de Pompey (1691) y entre las obras de nomenclatura especializada, Moreri (1699) y Rochefort (1685). Claramente se trata de un conjunto de las mejores obras que la lexicografía contemporánea francesa podía ofrecer. Dada la proximidad de las dos lenguas, sorprende el hecho de que Bluteau no se hubiera apoyado más en las obras castellanas, lo que se puede explicar por técnica lexicográfica española, que en comparación con la francesa estaba mucho menos consolidada (Silvestre, 2008:113). Sin embargo el *Tesoro de la lengua castellana o española* (1611) de Sebastián de Covarrubias, la obra española más citada en el *Vocabulario*, fue una fuente importante de informaciones

etimológicas para Bluteau, aunque las discordancias y críticas del teatino con respecto a Covarrubias no son pocas. Silvestre sostiene que Bluteau discute la generalidad de la explicaciones basadas en analogías remotas heredadas de la tradición medieval (Silvestre, 2008:113), añadiendo que la obra de Covarrubias era una fuente informadora del significado de las palabras castellanas que también se utilizaban en portugués, si bien Bluteau ironizó a veces la tentativa de Covarrubias de encontrar la etimología para cada palabra. Bluteau llega a expresar críticas muy agudas sobre las etimologías de Covarrubias, que niega o corrige muchas veces. Silvestre en su obra *Bluteau e as Origens da Lexicografia Moderna* (2008) hace un recorrido por la lexicografía portuguesa y europea analizando detalladamente la estructura y los procesos que acompañaron la preparación de esta obra monumental así como sus funciones y su papel en la transición hasta la lexicografía monolingüe portuguesa. Silvestre dedica un extenso capítulo a la constitución de un corpus diccionarioístico del portugués y lo empieza comparando detalladamente las fuentes de la nomenclatura del *Vocabulario* que son principalmente portuguesas y francesas encabezadas por la *Prosodia* y el *Thesouro* de Bento Pereira, seguidas por las obras de Jerónimo Cardoso (Almeida, 1959) y Agostinho Barbosa (Almeida, 1965), en la parte portuguesa, y Moreri y Furetière, en la francesa. El autor concluye que “o *Vocabulario* representa um marco essencial no processo de aproximação da língua portuguesa ao francês, que conquista um espaço privilegiado outrora ocupado pelo castelhano” (Silvestre, 2008:197), sigue aclarando que el *Vocabulario* es el primer diccionario portugués en practicar la marcación de usos de una forma regular (Silvestre, 2008: 199). El grupo importante de marcadores que más interesa a este trabajo son ciertamente los que designan las palabras entendidas como préstamos o extranjerismos en qué Bluteau cita lenguas de todo el mundo, desde las vecinas hasta las más exóticas. Junto al francés, el castellano es la lengua más citada como fuente de la innovación léxica. Otra influencia importante en la composición del monumental *Vocabulario* se encuentra en el aspecto ortográfico, ya que el modelo de los franceses está otra vez en la primera línea con la Academia Francesa, cuyo diccionario había sido objeto de largas discusiones sobre los criterios ortográficos a adoptar en el *Diccionario*. Pero no se puede ignorar la edición del *Diccionario de la lengua castellana* (1726-1739) de la Real Academia Española o, con anterioridad, el renovado *Vocabolario della Crusca* (1691). Por lo que atañe la ortografía, Silvestre expone otra influencia española sobre Bluteau que en su *Prosa Grammatonomica* argumenta en su favor en el mantenimiento de la <h> de origen latina como se hace en los principales diccionarios del castellano, italiano y francés, y en particular en el *Tesoro de la lengua castellana o española* (1611).

El *Vocabulario* de Bluteau fue, a su vez, fuente de varios textos lexicográficos y paralexicográficos como el *Diccionario portuguez e latino* (1755) de Carlos Folqman, del *Novo dicionario das linguas portugueza, e franceza* (1746) de P. José Marques, del catálogo anexo a la *Orthographia* (1734-1744) de Madureira Feijoo, del *Complemento ao Doutissimo Vocabulario do P. D. Rafael Bluteau* de José Caetano que sin embargo Barbosa Machado atribuyó a D. Luís Carlos de Meneses y, finalmente, fue una fuente privilegiada en la composición del *Diccionario da lingua portugueza* (1789), de António Morais Silva.

El *Vocabulario* además motivó la composición de informaciones de tipo enciclopédico y de terminologías recogidas en ellos, es decir, la obra del teatino dio paso a otras obras especializadas o de carácter técnico:

- Fr. João Pacheco: *Divertimento Erudito* (1734),
- José Monteiro de Carvalho: *Diccionario portuguez das plantas* (1765).⁷

⁷ Hay alguna reflexión metalexicográfica también en Luís António Verney, *Verdadeiro metodo de estudar* (1746); Pedro José da Fonseca, “Planta” do *Diccionario da Academia* (1793); Francisco José Freire, *Reflexões sobre a lingua portugueza* (1842).

3

**LA PRESENCIA DEL ESPAÑOL EN
EL *VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO*
DE RAFAEL BLUTEAU**

3.1 DICCIONARIO CASTELLANO Y PORTUGUEZ

3.1.1 Características

Como ya hemos destacado en el capítulo dedicado a la historia de la lexicografía bilingüe hispano-lusa, el *Diccionario Castellano y Portuguez* de Bluteau tiene su principal antecedente en la *Prosodia* de Bento Pereira. Está incorporado en el octavo volumen del *Vocabulario Portuguez e Latino* y cuenta 189 páginas. En la portada podemos leer todos los datos: “Diccionario Castellano, y Portuguez para facilitar a los curiosos la noticia de la lengua Latina, con el uso del Vocabulario Portuguez, y Latino, *impresso en Lisboa* Por orden del Rey de Portugal D. Juan V. Precede a dicho diccionario un discurso titulado, *Prosopopeia del idioma Portuguez, a su hermana la lengua Castellana*: Y a este discurso se sigue una “Tabla de palabras Portugezas, mas remotas del idioma Castellano. *Autor* el P. D. Rafael Bluteau. Lisboa Occidental, En la Imprenta de Pascoal da Sylva, Impressor de su Magestad. M. DCCXXI. Con todas las licencias necesarias.” El *Diccionario* fue impreso en 1716⁸ y editado en 1721, pero tuvo una segunda edición en 1841 en Rio de Janeiro (Corbella, 2003: 387).

El *Diccionario*, por tanto, está dividido en tres partes, en la *Prosopopeia*, en el *Methodo* y en el *Diccionario*, que es la parte más amplia, ocupando 165 páginas del conjunto. El *Diccionario* contiene más de 23.000 entradas⁹ y de éstas unas 11.000 (Corbella, 2003: 390) presentan en portugués la abreviatura *Id.*, las restantes son así palabras “remotas” como las que tienen alguna semejanza con las portuguesas. El *Diccionario* recoge también entradas dobles o múltiples que muchas veces no vuelven a aparecer (“Tontedad, ò Tonteria”, Topetas, ò turmas de la tierra”, “Verdear, ò verdeguear”, etc.).

Analizando la macroestructura, Corbella nota (Corbella, 2003: 390) que casi el 8% de las entradas son topónimos o, en menor medida, antropónimos, lo que en la época era bastante común y aparecen, asimismo, muchísimos gentilicios en plural y con la marca “Pueblos” (*israelitas, lombardos, mayas, bereberes*, etc.). Se integran en la obra, por otra parte, entradas relativas a libros (*Almagesto, Larigh, Zohar*, etc.), a la religión (*Camerlengo, Llaveriço*, órdenes como *Servitas* y castas como *Sebuseos*), a la mitología (*Perseo, Atlantides, Jupiter*,

⁸ Las licencias de impresión indican que este *Diccionario*, a tenor de su importancia cultural y lingüística, fue añadido al *Vocabulario*, es decir, no habrá sido redactado como parte integrante de la obra lexicográfica. Las “Licenças do Santo Ofício” están fechadas entre el 24 de febrero de 1716 y el 28 de mayo de 1716 (Bluteau, VIII, *Diccionario*, 1721: 1-2).

⁹ Corbella cuenta 23.276 entradas (Corbella, 2003: 390).

etc.), a los monumentos o lugares importantes (*Babel, Sorbona*, etc.), a las ficciones literarias (*Babieca*, el caballo del Cid, etc.), etc. Así, las entradas con más acepciones – los homónimos, por ejemplo – están presentados como entradas diferentes:

Clavo. *Cravo*, ou *Prego*.

Clavo de especies. *Cravo da India*.

Clavo en el navio. *Leme*.

Clavo. Marca con hierro caliente en la cara del Escravo. *Ferrete*.

Hasta [asta]. Arma. Id..

Hasta. Preposicion. *Atè*.

Se encuentran además numerosas locuciones y frases hechas, propias del llamado “discurso repetido”, bien como entradas independientes, bien como subentradas, lo que demuestra un conocimiento más que respetable de la lengua por parte del autor” (Corbella, 2003: 392): *a ciegas, de bruços, dares y tomares, entre dos luzes, a escondidas, juego de la gallina ciega*, etc. Reproducimos otros datos identificados por Corbella (2003: 392-393):

- Las familias léxicas están agrupadas aunque a veces falte algún término (por ejemplo, en el grupo de *compra, comprado* y comprador falta *comprar*).
- Aparecen neologismos (*salpedre* que con significado de *salitre* sólo se documenta en este repertorio) y voces registradas como castellanas que sin embargo han sido creadas por influencia del portugués (como *nadible*, en portugués *nadível*), lo que permite concluir que el *Diccionario* a diferencia de otras obras bilingües fue concebido desde la lengua portuguesa y no desde la castellana.
- Algunas formas pronominales de verbos son tratadas como entradas independientes (*congelar/congelarse, bover/bolverse*, etc.).
- Se diferencian los infinitivos de los participios (*abrasar/abrasado, arriscar/arriscado*, etc.).
- Algunas veces hasta las entradas masculinas y femeninas aparecen separadas (*nieta/nieto, professor/professora*, etc.).
- Abundan lemas en plural (*lamparones, letras, papeles, pujos*, etc.) de los que el autor podía pensar que su uso era más frecuente.
- Se registra un elevado número de diminutivos no lexicalizados (*hermanico, `hermanito, hombrecillo, ò hombrecito, lobillo, ò lobito, vejecita, ò vejezuela*, etc.), así como algunos aumentativos (*hombrazo, ò hombrón*).

- La complejidad del Diccionario se muestra en frecuentes envíos de unas voces en otras, o a otras variantes gráficas o fonéticas (“Obscurecer, obscuro, &c. Vide. Escurecer, Escuro, &c.”, Nacer, nacimiento. Vid. Nacer”, etc.) o, en menor número, a entradas con significado similar o relacionado (“Bienvenida. Boavinda. Vid. Vinda”, “Soliviar. Vid. Aliviar com as mais”, etc.).

En la microestructura el *Diccionario* mantiene un esquema “más o menos fijo” (Corbella, 2003: 394; Mühlischlegel, 2002: 154-155): entrada más equivalente (o equivalentes) en portugués, que aparece como sinónimo o como yuxtaposición de sinónimos (“Ahijar. *Partilhar*”, “Enconado. *Inficionado. Infecto. Contagioso. Envenestado.*”, etc.) o hasta con perífrasis sea en castellano (“Gomia. Lo que ponen miedo a los niños, diciéndole: Cata, que vendrà la gomia, y te comerà. *O coco, ou a coca.*”), sea en portugués (Juca. *Mandioca da India de cuja raiz se faz pão*”, etc.). La misma autora sostiene:

Pero quizá lo que destaca en la definición es el uso de una metalengua más o menos establecida con la que Bluteau ofrece, por medio de un hiperónimo, información sobre el uso restringido de una palabra en un determinado campo terminológico. Estos campos incluyen también contenidos no científicos ni técnicos, en sentido moderno, como las taxonomías populares (las denominaciones de animales y plantas) y otros términos propios de la antropología cultural (juegos, enfermedades, drogas, nomedas, colores). En esto el *Diccionario* se muestra muy rico pero, a la vez, es deudor del *Vocabulario latino y portuguez*, donde de forma constante aparece esta información indicando que se trata de términos de especialidad (Corbella, 2003: 394).

Bluteau marca las palabras con el calificador “Termino de...” para los tecnolectos, es decir, para las voces propias de medicina, cirugía, anatomía, arquitectura, filosofía, teología, poesía, gramática, matemáticas, geometría, química, farmacéutica, denominaciones vulgares de flora y fauna, las medidas, los títulos y dignidades, las indicaciones etimológicas (especialmente relativas a Oriente, como “Termos da India”, “Termos persianos”, etc), etc.

Es ésta la mayor aportación que ofrece este diccionario bilingüe a la lexicografía española, ya que de forma generalizada se incluyen y se definen términos de esta naturaleza que nunca antes habían sido registrados en otros textos lexicográficos. [...] Se ha dicho que la curiosidad científica de Bluteau no tenía límites, de ahí que sea considerado un precursor del siglo de las luces y un impulsor e introductor de las

novedades científicas europeas en la corte lusa. Pero no sólo supo dotar al portugués de un lenguaje científico acorde con las nuevas ideas y los nuevos avances, sino que adaptó para el castellano muchas de esas voces que unos años más tarde sería recogidas por el primer diccionario académico (Corbella, 2003: 395).

Por otra parte se registra que no hay marcas de ámbito social o geográfico, categorías de palabras (excepto los homógrafos como “Lo. Artigo.” etc.) y tampoco son indicados contextos que informen sobre el uso de las palabras. Se encuentran además entradas marcadas con puntos suspensivos ciertamente porque Bluteau desconocía el mismo lema o parte de él (“Bayr...Fiesta. Id.”, “Cop...”, “Cortal...”, etc.), la definición (“Campanilla. Yerva...”, “Contenencia...”, etc.), la equivalencia en portugués o remite al lector para el “Suplemento” que no figura en el texto, pero según Corbella (Corbella, 2003: 396) se trata de los *Suplementos* del *Vocabulario*. La misma autora concluye con las siguientes palabras:

En resumen, no estamos ante una obra totalmente cerrada y lograda, pero sí ante un diccionario que supone una contribución importante a la lexicografía de ambas lenguas, que merece ser estudiado en su contexto y en relación con toda la producción hispano-lusa posterior (Corbella, 2003: 397).

3.1.2 Prosopopeia del idioma Portuguez a su hermana la lengua Castellana

Bluteau define la palabra prosopopeya de la siguiente manera:

PROSOPOPEYA. Palavra Grega, composta de *Prosopon*, pessoa, & *Potio* finjo, & assim Prosopopeya he figura de Rhetorica, com a qual o Orador finje, & representa varias pessoas, & faz fallar homens, & mulheres ausentes, ou defuntos, ou também introduz Cidades, & cousas sem alma, que fallaõ, &c. *Prosopopeia, ae. Fem. Quintil.* Os Latinos lhe chamão *Personefictio*, ou *confictio, onis. Fem.* (Bizarra, & elegante *Prosopopeya* de David. Vieyra, tom. 2. pag. 19.). § Prosopopeya. Fullano tem boa prosopopeya, fullano entrou com grande prosopopeya, saõ modos de fallar, introduzidos no discurso familiar, com allusaõ à figura Prosopopeya, vem a ser o mesmo que ser bem apestoadado, representar em si o gesto, & pellos de homem grave (Bluteau, VI, 1720: 792).

La definición actual, en el *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* de la Academia das Ciências de Lisboa, la definición es la siguiente:

Do lat. Prosopopeia

1. Retór. Atribuição da característica de fala a ausentes, mortos, seres sobrenaturais, entidades abstractas ou inanimadas... que se apresentam personificadas, podendo assumir a função de confidentes, de testemunhas, de juízes... de uma personagem. = PERSONIFICAÇÃO. A prosopopeia é um caso particular da personificação. Vemos um exemplo de prosopopeia nos versos seguintes de Fernando Pessoa: “Quem é que ousou entrar/ Nas minhas cavernas que não desvendo, / Meus tectos negros do fim do mundo?”
2. Dissertação efectuada de forma empolada, afectada.



PROSOPOPEIA

DEL IDIOMA PORTUGUEZ

A SU HERMANA

LA LENGUA CASTELLANA.

NOBILISSIMA HERMANA.



EN Preambulos de afectadas cortesanías, digo quien soy; luego diré lo que quiero. Soy el idioma *Portuguez*; aunque en esta ocasión hablo *Castellano*, no me desdigo. La diferencia es tan poca, que es más que medio *Portuguez*, lo que digo. A los Genealogistas de Lenguas dexo la indagación de mi origen y sin averiguar descendencias de las sesenta y dos lenguas, procedidas de la confusión Babilónica, (pues poca nobleza puede blasonar, lengua, de confusiones nacida) digo soy hijo de la Latina, y me glorio ser vuestro hermano, sino primogénito, gemelo, o contemporáneo, porque ambos nacimos en un tiempo; Era fatal, en que los Romanos se apoderaron de España.

No es fácil saber, que lengua entonces hablaban los nuestros, si Phenicia, si Cartaginense; lo cierto es, que allí Castellanos, como *Portuguezes* (aunque muy graves, y circunspectos) no eramos mudos; aun mas que nuestras lenguas, hablaban nuestras azarías; los Castellanos en la defensa de Numancia, y valerosa resistencia a las armas de Scipion Africano, año de la fundación de Roma 620. y los *Portuguezes* con la espada de Viriato, que derrocando a tres Pretores, atajó las victorias de los Romanos, y los obligó a duplicar sus exercitos.

Con los fragmentos, o despojos de la lengua Latina, (que en aquel tiempo era la de los Romanos) se fueron componiendo las lenguas Castellana, y *Portuguesa*. Despues con la invasión, y dominación de los Godos, Tom. VIII.

y Moros, y finalmente con el comercio de varias naciones de la Europa, fueron creciendo, y estendiéndose de fuerte, que no solo con la eloquencia de Oradores Evangelicos, Historiadores, Poetas, y otros Escritores ilustraron la Patria, mas en todos los climas del mundo publicaron con sus idiomas sus triunfos.

Vós, carissima hermana, enseñadme a hablar bien a un nuevo mundo. Con vuestra natural suavidad exterminadme de mucha parte de la America barbaras gerigonças; acrecentadme al Reyno temporal de Christo dos Imperios. Para coronar vuestra elegancia, abridme sus venas montes de oro; alargaron sus corrientes Rios de plata; y con vuestros tesoros se enriqueció el Occidente.

Yo, por no degenerar de mi noble nacimiento, por otros caminos seguí vuestro exemplo. Corrí el mar Atlantico, y otros, que se mostraban innavegables Oceanos; alta las puertas del Oriente, fui a despertar con christianas alboradas la Aurora; inculqué en la Gentilidad inefables verdades; persegui la idolatría, y doctiné parte del Universo.

Pareceme, querida hermana, que esta tan honrada emulación, y semejança me va haciendo merecedor de vuestra estimación; favor para mi singularissimo, porque desea mi curiosidad introducirme en los Reynos de Castilla, no ya con la pretension de que los Castellanos aprendan a hablar *Portuguez*, mas con el intento, que los curiosos de lenguas lo entiendan, para aprovecharle del nuevo Vocabulario, *Portuguez*, y Latino, que se está acabando de imprimir; y para esta introducción, necesito de vuestra aprobación,

a ii

bación,

Por medio del recurso retórico de la personificación de la voz de la lengua portuguesa, Bluteau intenta persuadir a la castellana con argumentos en su favor. Bluteau empieza su prosopopeya con la presentación del idioma portugués, o mejor, es el propio idioma que se presenta a la lengua castellana destacando ya desde el inicio las semejanzas entre las dos.

Soy el idioma *Portuguez*; aunque en esta ocasión hablo *Castellano*, no me desdigo.
(Bluteau, VIII, *Prosopopeia*, 1721: 3).

El portugués ve la lengua castellana como “màs que medio Portuguez” y considera un honor ser su “hemano, si no primogenito, gemelo, o contemporaneo”. (Bluteau, VIII, *Prosopopeia*, 1721: 3). Sigue describiendo el mismo origen de las dos – el latín – de la época Romana, de las invasiones y de los triunfos imperiales. Asocia el castellano al Nuevo Mundo, es decir, a las Índias Occidentales y el portugués a los Océanos y al Oriente, en virtud de las decisiones del Tratado de Tordesillas (1494) que definía el meridiano 370 como línea de partición, y según el cual los territorios al este de ese meridiano pertenecían al imperio portugués y los del oeste, al español.

Bluteau declara que el propósito de su prosopopeya “no es la pretención que los Castellanos aprendan a hablar Portuguez” sino el “intento, que los curiosos de lenguas lo entiendan, para aprovecharse del nuevo Vocabulario, Portuguez, y Latino, que se está acabando de imprimir” (Bluteau, VIII, *Prosopopeia*, 1721: 3). Con tales palabras de propaganda de la obra, Bluteau obviamente espera que la consulten también los extranjeros. Aunque afirme que no pretende que los castellanos aprendan a hablar la lengua vecina, sino que la entiendan, la prosopopeya es sin embargo toda una guía didáctica para su aprendizaje.

La alabanza del portugués a la lengua castellana continúa con un pedido de aprobación y patrocinio que es, al fin y al cabo, un tópico de la “captatio benevolentiae” propia del código de la época:

[...] necessito de vuestra aprobación, y patrocinio, porque, segun tengo observado, en todas las partes, con el favor de las Damas, se suele introducir todo lo que hay de bueno en el mundo (Bluteau, VIII, *Prosopopeia*, 1721: 4).

La “captatio benevolentiae”, mediante la que el idioma portugués intenta atraer la atención y simpatía del castellano, emerge como estrategia de la retórica barroca con la descripción de cómo la lengua castellana se introdujo a las Damas Españolas de la misma manera que la Aurora, Dama del cielo introduce el día; la Luna y sus Damas, las estrellas, introducen las más hermosas noches, las Musas, Damas del Parnaso, introducen a los Poetas en los gabinetes de Apolo y las tres Gracias, Damas del Primor, introducen a Don Aire. Además Bluteau pone frente a frente al castellano y las lenguas clásicas, consideradas las más perfectas, afirmando que la lengua castellana en boca de las Damas Españolas suena tan agradable como la Latina en los discursos de las Damas de Roma, con más espíritu y valor

que las Damas Espartanas, más erudita que todas las Damas de Grecia. Y sigue ensalzando el idioma castellano con el siguiente parágrafo:

Parece no fue encarecimiento el dezir que hablara Dios Castellano, si como los hombres hablasse, porque en vuestras expresiones, Divina, a todo lo que hizo Dios, le dais gracias. Todo lo criado es de propiedad de terminos con suavidad de pronunciación. Con vuestra locución adquirieron las Artes, y Sciencias pomposos ornamentos; la Oratoria le hizo mas elegante, y mas sonora la Poesía, la Historia teneis en las narraciones claridad, agudeza en las sentencias, y energia para la verdad. Acreditasteis con vuestras palabras la Philosophia, y con ellas ilustró la Theologia sus Oraculos; en un mismo tiempo sabeis cautivar al entendimiento, y regalar el oido; sois grave con dulzura, empática con armonia, y magestuosa sin arrogancia; de las plumas de vuestros Escritores se componen las azas de vuestra fama; tan altos son los buelos, que no los alcanza la contemplación; mas secunda; creció con la fecundidad la facundia; en vos naturalizó la Rhetorica sus figuras, y os comunicò sus privilegios; en vuestros equívocos triunfa el ingenio, en vuestras metaphoras se entronizó la diferecion; tan rica sois, que los mas idiomas envidian vuestros tesoros; sois tan señora, que ennobleceis, lo en que hablais; sin limites soberana, dominais en dos mundos; finalmente la Academia de vuestras elocuencias es la naturaleza toda; la escuela de hablar bien, es para vos el Universo (Bluteau, VIII, *Prosopopeia*, 1721: 4).

Al elogio introductorio de la *Prosopopeia* se siguen las ventajas o razones que justifican el aprendizaje del portugués por parte de los castellanos:

[...] a todo el Castellano discreto conviene saber Portuguez, *lo primero*, porque es idioma diverso, *lo segundo*, porque es fácil de entender, *lo tercero*, porque de la inteligencia de dicho idioma resultara utilidad (Bluteau, VIII, *Prosopopeia*, 1721: 4).

Los argumentos en favor de las tres razones – la diversidad, la facilidad y la utilidad – tienen sus raíces en el pensamiento ilustrado que prenunciaba la substitución progresiva del latín por las lenguas vernáculas. El latín era hasta el siglo XVI la lengua franca, la lengua de la cultura y de la ciencia, pero, poco a poco, el peso de la tradición y el prestigio iban desapareciendo y con eso se abrió la “batalla de los vernáculos”, cuyo objetivo fue promocionar las lenguas europeas de manera a que alcanzaran la perfección de las clásicas. La

Prosopopeia de Bluteau no se limita a elogiar y defender el portugués sino dirige su atención en la importancia de conocer y de hablar idiomas vivos.

Para ilustrar la vehemencia con la cual el teatino expone sus argumentos en beneficio del aprendizaje de dichas lenguas, sirva de ejemplo la comparación del hombre que solamente conoce su lengua materna con una “bestia”, puesto que los animales superan al hombre en muchas cosas (el elefante en grandeza, el toro en la fuerza, etc.), pero éste es el único que tiene el don de la palabra y de dominar más de una lengua, lo que le permite dedicarse a muchas actividades (en Embajadas, comercios, negocios, puede ser intérprete o traductor). Las lenguas, según Bluteau, son “uno de los grandes prodigios de la Omnipotencia Divina” y “uno de los mayores beneficios, y ornamentos del mundo” (Bluteau, VIII, *Prosopopeia*, 1721: 4). La lengua como órgano es una de las partes más pequeñas del cuerpo humano, sin embargo une el mundo, vence las mayores distancias, une a los pueblos remotos. El componente divino de la lengua se manifiesta en la elección de las tres lenguas más importantes en la tradición bíblica – hebrea griega y romana – con el fin de atraer todas las naciones del mundo y de hacer de todas las naciones un solo pueblo. Para explicar la diversidad lingüística, Bluteau alude al mito clásico de Pentecostés, que con sus lenguas simboliza la unión de los hombres de diversas culturas. Los Apóstoles hablaron todas las lenguas del mundo y “esta variedad fue uno de los primeros fundamentos de la Christiana Republica” (Bluteau, VIII, *Prosopopeia*, 1721: 4) para que todos entendieran la palabra de Cristo. Hablar diferentes lenguas es “propiedad de los discretos”, “porque el Espirito Santo [...] es toda la discreción, con esta propiedad se manifestó al mundo” (Bluteau, VIII, *Prosopopeia*, 1721: 4).

“Pero no todas las lenguas son igualmente dificultosas” (Bluteau, VIII, *Prosopopeia*, 1721: 4), continúa Bluteau, añadiendo que siempre se habla y conoce mejor a la lengua materna, que cualquier niño sabe mejor su lengua materna que un anciano que la haya estudiado muchos años, y que se puede entender muchas lenguas pero no se puede hablar igualmente bien en todas. Según el autor, la principal razón de la poca curiosidad para aprender las lenguas es que el hombre no quiere darse a ese trabajo, sea por pereza sea por soberbia. Aquí el idioma portugués desaprueba que los castellanos no aprendan lenguas extranjeras, acusándolos de inadvertencia ya que el portugués es el idioma más parecido al castellano, puesto que sus palabras son las mismas, sólo hay que cambiar las terminaciones.

Siguiendo con el tema de las lenguas y para demostrar la facilidad con la cual los castellanos podrían aprender el portugués, Bluteau describe de manera muy pormenorizada las dificultades de otras lenguas. Del hebreo dice que es la lengua de la Sagrada Escritura,

lengua sin reglas y muy ambigua; del griego, por otra parte, que goza de gran reputación pero es difícil debido a los acentos, al dual y al aoristo, habiéndose convertido en “bárbara” y “corrupta”. El alemán “tiene pronunciación tan aspera, y terrible, que de ella dicen, debía hablarse solo en tiempo de guerra, para espantar el enemigo” (Bluteau, VIII, *Prosopopeia*, 1721: 6); el galés, está lleno de aspiraciones y falta de vocales, por eso “de tal language Libera nos Domine” (Bluteau, VIII, *Prosopopeia*, 1721: 6); el francés, es elegante y suave pero “ni de los hombres, ni de Dios hablará bien” quien quisiera aprenderlo y el italiano es “lengua de los Príncipes” aunque, si se quiere hablarla bien, uno tiene que viajar por Italia. (Bluteau, VIII, *Prosopopeia*, 1721: 7).

Completa su revisión de las lenguas del mundo con las lenguas de Oriente, que siendo buenas para mercadores, están llenas de letras “a”; añade la lengua canaria y también el chino que es “interruptor y quebrado”, como los jeroglíficos de Egipto. En japonés, una palabra tiene más significados, además de diferentes palabras para hablar con personas de diferentes edades y rangos.

Pasando a Occidente y a las lenguas amerindias, el teatino describe el peruano y el mexicano como lenguas llenas de letras “t” y “l”, palabras impronunciables y ajenas a las demás lenguas. Del tupí dice que tiene muchas expresiones para el Diablo y ninguna para Dios, no tiene las letras “f”, “l”, “s”, “z” y “r”, los verbos parecen nombres, los nombres no tienen el plural, los hombres y las mujeres tienen palabras diferentes para “sí”. Concluye su enumeración con las lenguas de África que son “lenguas negras” (Bluteau, VIII, *Prosopopeia*, 1721: 7).

El portugués y el castellano, por otra parte, son las lenguas más parecidas dentro de la familia de las que derivan del latín: las dos hacen el plural con las terminaciones “-os” y “-as”, mientras el plural en italiano es en “-i” y “-e”, y el francés es la lengua románica que más se diferencia del latín.

A propósito de la “batalla de los vernáculos”, Bluteau no está de acuerdo (Bluteau, VIII, *Prosopopeia*, 1721: 9) con los que, para probar la excelencia de su idioma, buscan ascendencias antiguas y nobles – Personiz y Tripaucio pretendieron que el francés derivase del griego, Bucano que el flamenco fuese emparentado con la lengua de Adán – y añade que el portugués y el castellano son las lenguas de los ángeles por ser lenguas elegantes y bellas. Sigue comparándolas con el italiano que, según un crítico francés, sería bellísima si no tuviera tantos diminutivos que la hacen ridícula. Bluteau admite que también se podría criticar las terminaciones portuguesas en “-ão” y los monosílabos “pão, mão, são, etc.”, y pide a las

Damas Castellanas que no rían como lo hacen las de otras naciones explicando el diptongo nasal de la siguiente manera:

De este sonido, que parece duro, tiene mi hermana la culpa. Para hacerze mas dulce; ingiriò en las voces de esta terminación la letra I y assi dize Concepcion, Purificacion, deliberacion, &c. Yo casi toda identificada con ella, para diferenciarme en algo, como havia de dezir, Concepçon? ò Concepçan? Purificaçon? ò Purificaçan? &c. Pareciome mas acertado substituir la letra I, una A, y juntarla com el O, para que ambos blandamente proferidos, sin abrir mucho la boca, hiziesen un sonido, que los oidos no offendiesse; lo que sucededera, si pronunciáramos las dichas, ò otras semejantes palabras, separando las vocales A, Y, O, y cargando mucho en ellas, como hazen los que com sonido desagradable maliciosamente censuran la pronunciacion en dichas voces (BLuteau, VIII, *Prosopopeia*, 1721: 9).

Las argumentaciones se cierran con la referencia a la explicación del carácter “angélico” del castellano y del portugués: “ángel” deriva del griego “angellain”, que significa “anunciar”, y fueron los castellanos y los portugueses quienes anunciaron la fe en casi todo el mundo, los primeros en Occidente, los segundos en Oriente y en África.

Como ya se ha dicho, la lengua castellana era culturalmente relevante en el Portugal de los siglos XVI y XVII, fenómeno del que fue consecuencia el bilingüismo luso-castellano, ya que el castellano, por motivos de orden político, se había impuesto en la corte portuguesa. Algunos autores, para lograr una audiencia mayor, sobre todo después de la incorporación de Portugal a la monarquía de los Habsburgo (1580-1640), eligieron el castellano para escribir sus obras. Sólo a partir del siglo XVIII se advierte un declive de la influencia de la cultura española y un mayor influjo de la francesa. Por otra parte, en el siglo XVII se registra un reflujo en la vida cultural en Portugal hasta el punto de que la literatura portuguesa de ese periodo suele ser considerada inferior a la del siglo interior, que por ello alcanza el auge de un Siglo de Oro. Esa inferioridad se ha atribuido al absolutismo de la monarquía y a la influencia de la Inquisición, quien impuso la censura y el *Index Librorum Prohibitorum*. Bluteau, en su *Prosopopeia* se pregunta por qué los castellanos no estiman a los escritores y doctos de la lengua portuguesa como lo hacen los portugueses con la lengua castellana. Repite que su intento es convencer a los castellanos de la utilidad de aprender el portugués, pese a ser tan fácil:

[...] todo Castellano curioso pueda entender en menos de dos horas la mayor parte del idioma Portuguez [...] (Bluteau, VIII, *Prosopopeia*, 1721: 9).

El “discurso de la utilidad” que es de orden pragmático, pretende demostrar que la lectura del *Vocabulario* permitiría el acceso al latín. Dejando así el elogio de la lengua latina para la conclusión de su *Prosopopeia*, Bluteau critica a los hombres doctos, catedráticos y científicos que, despreciando su propia lengua, contribuyeron a la majestad de la latina. La lengua latina era, escribe Bluteau, la lengua de los reyes, la lengua del Imperio Romano, que tuvo unos momentos de declinio sin desaparecer porque en diferentes reinos volvió a usarse en las escuelas. El latín era la lengua de los “varones ilustres” y “hablar Latinamente, era hablar con verdad, y claridad” (Bluteau, VIII, *Prosopopeia*, 1721: 10), lo que explica la necesidad de conservar la cultura latina, como lo hizo Luis XVI quien encargó las “Anatomías Literarias”, o sea, un corpus en orden alfabético con los textos de los mejores textos en latín. Además Bluteau comenta que, a parte de los italianos, no conoce nación que más haya contribuido a la perfección y al esplendor de la lengua latina que la nación castellana, haciendo una lista de escritores latinos que escribieron obras importantes como Quintiliano, Séneca, Marcial y otros. Los vocabularios, según Bluteau, son perfectos para valorar las palabras, porque unen en orden alfabético los nombres, los verbos y las frases. Su *Vocabulario* nació “para facilitar el uso de la lengua Latina”, subrayando el autor que ni el portugués ni el castellano tienen suficientes obras lexicográficas. El *Vocabulario*, además de ser “amplo” y “exacto en apuntar los Autores Latinos”, “procura agotar los significados de cada Vocablo”, por lo que Bluteau, cada vez que encuentra palabras desconocidas en latín recurre a la “Períphrasis, y circunlocuciones, o a términos inventados, y usados de graves Autores modernos”. Es decir: a parte de sinónimos, Bluteau presenta definiciones perifrásticas. Para Bluteau, sin los hombres doctos, “los Reynos son Regiones de bárbaros, Colonias de ciegos, y poblaciones de fieras”, “para evitar esta ruina, son precisas las letras” y “para conseguir este bien, se fundaron Colegios, Universidades, y Academias”. Como no todos tienen tiempo e inteligencia para estudiar, disponen de los vocabularios que sirven para catalogar las palabras. Añade el autor que la palabra es “Sabiduría Divina”, la de Dios es “substancial”, las de los hombres son “accidentales” y todas juntas dicen menos que una única de Dios. Un vocabulario se compone de todo “lo visible” y de todo “lo dezible” (Bluteau, VIII, *Prosopopeia*, 1721: 12-13), según Bluteau, concluyendo que hay muchas semejanzas entre el vocabulario castellano y el portugués. Las dos naciones tienen universidades importantes, ya que Évora y Coimbra se pueden comparar a Alcalá y Salamanca. Aún así es

conveniente que los castellanos aprendan el latín mediante el *Vocabulario* porque de esta manera pueden aprender una lengua más: el portugués. El idioma portugués, al cerrar su prosopopeya, se dirige otra vez a la lengua castellana:

Por no fastidiaros, acabo, y buelvo a pediros, que favoreçais mi introducion en vuestros dominios. Las razones para esta pretensión (como amplamente tengo mostrado) son tres. La primera es, que el aprender lenguas, es discreta curiosidad; la segunda es que los Castellanos tienen mucha facilidad, para entender mi idioma, la tercera es, que saber por medio del Portuguez el Latin, le seria de grande utilidad.

Vuestro hermano,

El idioma Portuguez (Bluteau, VIII, *Prosopopeia*, 1721: 14).

Para valorar, en su justa medida, la contribución de Bluteau a la comunicación entre los dos idiomas hermanos, acabamos aquí con las sabias palabras de Pensado (1990: 93) a propósito de la *Prosopopeia*:

[...] fue olvidada de los coleccionadores de elogios de la lengua castellana y falta en las obras dedicadas a ese tema, en donde tenía un innegable derecho a ocupar un puesto de honor, dado que difícilmente se podría encontrar mayores alabanzas a la lengua castellana (Pensado, 1990: 93).

3.1.3 *Methodo breve y facil para entender los castellanos la lengua portuguesa*

El *Methodo* cuenta con diez páginas de las cuales el texto ocupa una página y las restantes constituyen la *Tabla de palabras portuguesas remotas de la lengua castellana*. A pesar del título de este capítulo, orientado hacia el aprendizaje del portugués, Ponce de León y Duarte (2005: 378) en su artículo sobre *O contributo da obra lexicográfica de Rafael Bluteau para a história do ensino do português como língua estrangeira*, nos hacen notar que el *Methodo* es texto subsidiario del *Diccionario Castellano, y Portuguez*, y este, a su vez, lo es del *Vocabulario Portuguez e Latino*, por eso es fundamental tener en cuenta que el fin último tanto del *Methodo* como del *Diccionario* es el aprendizaje del latín, no del portugués, conforme explica el propio Bluteau en el texto:

Pero como es obra dirigida a facilitar el uso de la lengua Latina, no me arrepiento del trabajo, que tomè en hazerle, quanto mas que sin preceder Diccionario Castellano, y Portuguez, muchas veces tropeçaria el Componedor Latino, y errando la palabra, ò entendiera que tenia falta, desconfiado de poderla descubrir, dexaria la empreza, y culparia el Autor (Bluteau, XVIII, *Methodo*, 1721: 15).

Bluteau clasifica las palabras portuguesas en tres clases según la semejanza con las castellanas. La primera clase contiene palabras que son semejantes y se diferencian según las terminaciones (ver Tabla 2):

Tabla 2

<i>Vocablos, que con el Castellano tienen mucha semejança</i>		
Clase gramatical	Terminaciones (portugués/castellano)	Ejemplo
Adjetivo	-avel/-able	amável/amable
Sustantivo	-ade/-ad	bondade/bondad
	-ede/-ed	parede/pared
	-ide/-id	vide/vid
	-ude/-ud	virtude/virtud
	-alho/-ajo	atalho/atajo
	-eyra/-o/-era/-o	carreyra/carera carpinteyro/carpintero
	-ilha/-o/-illa/-o	maravilla/maravilla ladrillo/ladrillo
	-ão/-ión	ambição/ambición
Verbo (Presente y Futuro de Indicativo)	-m/-n	clarim /clarin
	-ão/-an	andão/andan andarlo/andarán

Además, Bluteau identifica también las palabras que se diferencian por una o dos letras: fazer/hacer, lingua/lengua, porta/puerta. Ponce de León y Duarte (2005: 387) señalan además que a Bluteau no le parece relevante una importante diferencia entre el portugués y el castellano como la duplicación consonántica de –ss/-s (possível/posible).

La segunda clase contiene palabras “totalmente semejantes” y que, por ello, en el *Diccionario* están indicadas con *Idem* o *Id*, y que según Bluteau son numerosas:

En segundo lugar entran las palabras Portuguezas, totalmente semejantes a las Castellanas; ellas en el Diccionario Castellano, y Portuguez, que se sigue, se allaran apuntadas con el término Idem, ò con la abreviatura Id. y son tantas, y tan comunes a las

dos naciones, que para el curioso, que en tres horas de aplicación continua, `interpolada pudiere, y quisiere tomar de memoria las observaciones de arriba, juntamente con las palabras Portuguezas, remotas de la lengua castellana, de las cuales mas abaxo se dará noticia, para dicho curioso será quasi escusado dicho Diccionario (Bluteau, XVIII, *Methodo*, 1721: 15).

La tercera clase contiene palabras completamente diferentes que están recogidas en el capítulo siguiente titulado *Tablas de palabras portuguezas, remotas de la lengua castellana*, que constituye “el primer vocabulario unidireccional portugués-español” (Corbella, 2003: 388). Vale la pena reproducir un párrafo en que Ponce de León y Duarte (2005: 389) apuntan estadísticas realizadas por una investigadora alemana respecto a las últimas dos clases de palabras, o sea las idénticas y las más diferentes:

[...] há a acrescentar o facto de o autor chamar a atenção para o elevado número dos mesmos, que vêm assinalados no Dicionário com o termo *idem* ou com a sua forma abreviada – *id.* –. Mühschlegel da indicação do seu peso dentro do conjunto da obra, calculando que esses vocábulos correspondem a quase 50% das 22000 entradas. Quanto ao grupo dos vocábulos mais afastados do Castelhana registrados na sua *Tabla*, Bluteau alerta para a sua exigiências e justifica-a de acordo com uma selecção tendo em vista o uso “culto y político”. Apesar da nota de modéstia do autor, Mühschlegel qualifica-a como “uma abundante lista alfabética de 1200 palavras com equivalentes” e alerta para o facto de que entre as palavras consideradas divergentes, algumas há que também poderiam estar integradas em algum esquema de regularidade (Ponce de León & Duarte, 2005: 389).

Mühschlegel (2002: 152) y Corbella (2003: 289) constataron que la *Tabla* contiene palabras que en portugués y castellano sí presentan entradas diferentes, como “Cão. Perro”, “Morangos. Fresas”, “Alface. Lechuga”, “Rua. Calle” o “Malassada. Tortilla de huevos”, pero no sólo esto, sino que aparecen también muchas palabras con los mismos étimos: “Afferrolhar. Aherrojar”, “Afogar. Aogar”, “Bem. Bien”, “Bom. Bueno”, “Cem. Ciento”, “Chave. Llave”, “Chorar. Llorar”, “Coelho. Conejo”, “Olho. Ojo” etc. Corbella sigue explicando que generalmente a una entrada portuguesa corresponde un equivalente castellano, pero a veces aparecen dos sinónimos en portugués como lema (“Azevre, ou verdete”, “Facha, ou facho”, etc.) o varios sinónimos castellanos que corresponden a un lema portugués (“Alambre. Esclarecimiento. Electro. Ambar, de que hazen rosarios”, etc.). Si no existe una

equivalencia precisa entre las dos lenguas, Bluteau opta por locuciones o perífrasis en el idioma luso (“Espirrar no fogo, como faz a folha de Louro, o azeite com agua, &c”.) o en español (“Balofo. Regordito, hombre fofo, hombre de carnes no maciças.”). Además, Bluteau avisa al lector (Mühlschlegel, 2002: 155) de la existencia de falsos amigos (“Ginja, ò Açoseysa. *Anafega*. Ginja em Portuguez, es *Guinda*”). Corbella nos hace notar (Corbella, 2003: 390) que aparecen en las *Tablas* y en el *Diccionario* diferencias gráficas y fonéticas entre los lemas y las definiciones (“aguazil” en vez de “alguacil”, “cilada” por “celada” etc.) y que, asimismo, de registran nuevas equivalencias portuguesas: por ejemplo, la palabra “Aspereza” en las *Tablas* presenta el sinónimo portugués “Agrura” y en el *Diccionario* está designada con Id., etc. También hay sinónimos castellanos que no se encuentran en el *Diccionario* (*uncir, berdugo, aceytera, barbechar, barbecho, ciruelo*, etc.). Cabe aquí resaltar que Bluteau recoge también algunos diminutivos (*beyzinho, bichinho, homemzinho*, etc.)

En cuanto a la intención didáctica del *Methodo*, Ponce de León y Duarte (2005: 389) afirman:

[...] é de salientar que a orientação para o léxico e para uma obra escrita conformou o texto do *Methodo*, conduzindo-o para objectivos muito concretos no plano das competências a adquirir, objectivos esses que o autor não se cansa de repetir na Prosopopeia, vincando a modéstia das suas pretensões (Ponce de León & Duarte, 2005: 389).

De lo expuesto antes se concluye que la perspectiva didáctica inherente del *Methodo* está exclusivamente volcada en el aprendizaje del léxico, o más bien en la ortografía, y no en las competencias orales, ya que no hay ningunas instrucciones que atañan a la expresión oral¹⁰. El teatino francés no propone un método de estudio de la lengua portuguesa, sino que se limita a presentar sus ventajas a la “hermana”, las cuales se muestran en la grafía de las dos lenguas y no en la pronunciación o en la gramática. Aunque Bluteau se refiere muchas veces a “hablar” o “falar” la lengua portuguesa, Ponce de León y Duarte advierten que se trata de un “sentido figurado” (Ponce de León & Duarte, 2005: 391), ya que el propósito del Padre Bluteau se centra en la comprensión escrita. En suma, el título lo dice todo: *Methodo breve, y facil para entender*¹¹ *Castellanos la lengua Portuguesa*. No se trataba, pues, de desarrollar competencias de producción oral; se trataba de permitir la comprensión de lo escrito.

¹⁰ Cf. Ponce de León y Duarte (2005).

¹¹ El subrayado es nuestro.

3.2 FUENTES CASTELLANAS

3.2.1 COVARRUBIAS

3.2.1.1 Vida y obra

Sebastián de Covarrubias y Orozco (1539-1613) fue un intelectual español que vivió la mayor parte de su vida en el siglo XVI. Abrazó el estado eclesiástico y fue capellán de Felipe II, canónigo de la catedral de Cuenca y consultor del Santo Oficio. Gozó fama de canonista distinguido, muy versado en la historia antigua y docto en lenguas latina, griega y hebrea. Sebastián de Covarrubias es sobre todo conocido como autor del *Tesoro*, que en realidad es el primer diccionario de uso del idioma español, adoptando un criterio moderno, en él se inspiraría, un siglo más tarde, el de la Real Academia Española. Fue autor también de unos *Emblemas morales*, a la manera de los famosos de Alciato, y de un *Tratado de cifras* que no se ha conservado. Con este diccionario, Covarrubias se adelantó a su época, llevando a cabo una labor lexicográfica y crítica que parece más propia del siglo de las luces.

3.2.1.2 Tesoro de la lengua castellana o española

Recordemos aquí las obras lexicográficas que preceden a Covarrubias, empezando desde el principio con los primeros testimonios escritos en español y con eso las primeras muestras de la lexicografía castellana que son las glosas latino-españolas, pequeñas anotaciones cuyo objetivo era didáctico. El primer diccionario bilingüe con el latín surge ya en el siglo XV bajo la autoría del humanista Alfonso Fernández de Palencia, con el título *Universal vocabulario en latín y en romance* (1490), obra que “aunque no es todavía un diccionario moderno – en el sentido en que lo serán los dos bilingües de Nebrija – , podemos considerarlo como el primer exponente de la lexicografía bilingüe latino-española” (Azorín Fernández, 1999: 3). Pero la trayectoria hasta la lexicografía monolingüe en aquella época estaba todavía en mantillas y pasaron largas décadas antes de la aparición del *Tesoro de la lengua castellana o española*¹² (1611) de Sebastián de Covarrubias. Sus precursores dentro de la corriente etimológica fueron, según Azorín Fernández (1999: 6-13), Alejo Venegas

¹² Para una información más detallada acerca de la microestructura, macroestructura y otras características de este diccionario, véase los artículos de Azorín Fernández (1999) y Azorín Fernández y Martínez Egido (2006).

(1497/98-1562), quien en su obra *Agonía del tránsito de la muerte* (1565) incluye un capítulo donde, por orden alfabético, explica el origen de algunos cientos de voces; Francisco Sánchez de las Brozas (1523-1600) con sus *Etimologías españolas* (1580), que recogen unas 1200 palabras; el Licenciado Bartolomé Valverde, en cuyo *Tratado de Etymologías de voces castellanas* (1600) aparecen unas trescientas voces y Francisco del Rosal, autor de la obra *Origen y etimología de todos los vocablos originales de la lengua castellana* (1601), que es, “sin duda, el intento de mayor empeño realizado en el campo de las etimologías españolas con anterioridad a Covarrubias” (Azorín Fernández, 1999: 11). Antes de éste, aparecen algunas obras con perspectiva etimológica que estudian las voces de origen árabe en castellano: *Vocabulista arábigo en letra castellana* (1505), de Fray Pedro de Alcalá, el “Compendio de algunos vocablos arábigos introducidos en la lengua castellana”, obra de Francisco López Tamarid, que apareció como apéndice a la edición granadina del *Vocabulario de romance en latín* de Nebrija (1585) y la *Recopilación de algunos nombres arábigos* (1593), de Fray Diego de Guadix, una de las fuentes conocidas de Covarrubias. Para resumir en palabras de Azorín Fernández (1999):

El Tesoro del canónigo Covarrubias es el punto culminante de toda una tradición de estudios etimológicos en la que podemos encontrar el germen de la futura lexicografía monolingüe del español. Así, pues, adelantándose a lo que pronto sucedería en otros países de Europa, en España, de la mano de Covarrubias, el diccionario monolingüe comenzó por ser, antes que instrumento para guiar el uso de la propia lengua, una institución simbólica (Azorín Fernández, 1999: 7).

En efecto, el *Tesoro* de Covarrubias además de ser el primer diccionario de la lengua española del cual el *Diccionario de Autoridades* (1726-1739) toma buen ejemplo, es también, como lo comprueba Azorín Fernández (1999:6), el primer diccionario monolingüe extenso de una lengua vulgar publicado en Europa. El *Tesoro* no es importante solamente por el hecho de construir el único antecedente con el cual la Real Academia Española podía contar para desarrollar su labor, sino también porque presenta a su vez la culminación de toda una tradición de estudios y trabajos anteriores, especialmente aquellos centrados en la etimología, pero asimismo los de codificación gramatical del castellano, iniciados por Nebrija, con su *Gramática* (1492) y sus *Reglas de ortografía* (1517) (Azorín Fernández, 1999: 4).

Como es evidente, la vertiente etimológica al igual que la vertiente codificadora nació del interés por las lenguas romances, lo que dio lugar a intensas polémicas sobre el origen y la

antigüedad del castellano. La teoría más extendida fue la del origen latino, apoyada por los nombres más ilustres de la historia filológica, como Nebrija y Covarrubias, teoría que predominaba sobre la teoría del castellano como lengua primitiva de la Península o la del origen vasco de la lengua española. Como consecuencia de tales polémicas, a partir de la segunda mitad del siglo XVI la lexicografía empieza a incluir en su cuadro la indagación etimológica.

Según Medina Guerra (2003: 221), el “[...] *Tesoro* surge con la finalidad erudita de constituir un repertorio alfabético de las etimologías en español, en emulación de lo que para la lengua latina había hecho San Isidoro [...]”. De hecho, en principio la obra de Covarrubias debería llevar por título *Etimologías de la lengua española*, lo que justificaría su propósito primario de investigar el origen de los vocablos españoles. Más tarde, el autor decidió emplear el término “Tesoro” para así conformarse “con los que han hecho diccionarios copiosos y llamados *Tesoros*” (Azorín Fernández, 1999: 17). Covarrubias apoya la teoría de que el hebreo es la lengua matriz de la que proceden todas las lenguas tras la confusión de Babel y reconoce que la mayoría de los vocablos castellanos deriva del latín, lengua que a lo largo del tiempo se había mezclado con las lenguas de distintos colonizadores prerromanos, después con el árabe y, aún más tarde, también el romance se había mezclado con las lenguas vecinas. Azorín Fernández hace notar (1999: 20) la importancia del conocimiento del etimologista, subrayando que Covarrubias aplica rigurosamente los fundamentos del método etimológico presuponiendo que la etimología encierra el significado, el origen y la causa del nombre que recibe la realidad designada, y que contribuye al conocimiento de dicha realidad. Para poder alcanzar esta propuesta etimológica, el autor tiene que ser erudito pero también completamente devoto a su quehacer. La misma autora comprueba (Azorín Fernández, 1999: 21) que las autoridades nombradas en el *Tesoro* en su mayoría no son autores de obras lingüísticas, sino enciclopédicas, y que se pueden clasificar en tres grupos: autores que escriben en latín, escritores que utilizan una lengua románica distinta del español y autores castellanos. Podemos concluir que Covarrubias se sirvió de varias fuentes, aunque no todas eran directas, como por ejemplo el Calepino, del cual Covarrubias no se habrá servido en primera mano y que, por ello, Covarrubias “está todavía lejos de la utilización consciente, como parte orgánica de su obra, de lo que hoy entendemos como »autoridades idiomáticas«” (Azorín Fernández, 1999: 22).

Según concluye Medina Guerra (2003: 221), el “[...] máximo valor del *Tesoro* es el de constituir el arranque de la lexicografía monolingüe española; el de dirigirse en un auténtico diccionario general de la lengua y el primero publicado en Europa de una lengua vulgar”. En

efecto, el *Tesoro* de Covarrubias, pese a ser una obra de carácter primariamente etimológico, representa el primer diccionario general y monolingüe de una lengua vulgar publicado en Europa. La obra recoge más de 11.000 entradas y casi 17.000 voces (Azorín Fernández, 1999: 23), un número significativo para aquella época, con el cual Covarrubias, alcanzó sin duda el propósito de acumular la mayor parte del vocabulario de su lengua. Su *Tesoro* se nos impone por una estructura rigurosa y al mismo tiempo por la variedad sociolingüística que sólo un buen observador de la lengua y del habla podría reunir, pues se pueden observar en sus comentarios tanto marcas de uso social y estilístico (“rústico”, “bárbaro”, “poético”, etc.), como términos de especialidad relacionados con todo tipo de ciencias y artes, hasta los dialectismos y palabras antiguas. Como afirma Eberenz (1992: 987), “más que un estructurador riguroso del vocabulario, Covarrubias fue un apasionado observador del habla viva, de la lengua coloquial, de los modos de expresarse de las distintas agrupaciones y estamentos que formaban la sociedad de la época. En esta concepción totalizadora del lenguaje reside, a mi modo de ver, la modernidad de su diccionario; y es que en sus comentarios lexicográficos se advierten ya las principales clases de variedades que distingue la lingüística actual, eso es, los estados históricos de la lengua, los sociolectos y la variedad dialectal”.

La microestructura del diccionario no es sistemática ya que se manifiestan desproporciones tanto en la cantidad de informaciones de distintos artículos, como en el orden por el cual están presentadas. Con todo, Azorín Fernández (1999: 27) establece una tipología: los artículos enciclopédicos, relativos a temas que son nombres propios y cuya información varía según conocimientos del autor; los artículos de un lema relativo a una unidad del sistema léxico, que son aquellos que contienen información lingüística y, finalmente, los artículos híbridos, que contienen información lingüística además de enciclopédica. Estos son los más frecuentes.

A pesar de los defectos que marcan el diccionario de Covarrubias, como la ausencia de uniformidad, el desorden ortográfico, la falta de criterios en la macroestructura, las injerencias personales del autor, aspectos que hasta constituyen un paso atrás respecto a Nebrija, el *Tesoro* merece sin duda el renombre de ser “el devenir inmediato de la lexicografía española monolingüe” (Azorín Fernández, 1999: 31), ya que influenció no sólo a la lexicografía española sino también a la europea. Entre los seguidores de sus etimologías se encuentran John Minsheu (1560-1627), con su *Ductor in linguas* (1617), y Lorenzo Franciosini (primera mitad de XVII - post 1645), con su *Vocabolario italiano e spagnolo* (1620), además de dos famosos franceses, Gilles Ménage (1613-1692), el autor de *Les Origines de la Langue*

Françoise (1650), y Cesar Oudin (¿1560?-1625), que utilizó el *Tesoro* para la elaboración de su *Thresor de deux langues françoise et spagnole* (1616). A los anteriores, se suma Rafael Bluteau (1638-1734), que dio vida al monumental *Vocabulario Portuguez e Latino* (1712-1728).

3.2.1.3 El *Tesoro de la lengua castellana o española* como fuente del *Vocabulario Portuguez e Latino*

Es cierto que Bluteau conocía la obra de Covarrubias y, más aún, que éste es el autor castellano más citado en el *Vocabulario*. El teatino se refiere a él con todas las variantes gráficas de su apellido; Covarrubias (39 menciones), Cobarruvias (105 menciones), Cobarrubias (50 menciones) y Covarruvias (2 menciones), en suma, el nombre del lexicográfico castellano aparece en más de 190 artículos, lo que presenta un 0,45% en un total de 43.600 entradas.

Empezamos el análisis de la influencia de Covarrubias en Bluteau¹³ con respecto a la ortografía y exponemos el ejemplo de “espada” (ver Tabla 3), donde el español interpreta la locución “hombre de espada y capa” a propósito de la aldea portuguesa de Freixo de Espada Cinta en donde, según el lexicógrafo español, vivían muchos hidalgos. Bluteau transcribe casi enteramente el pasaje que le interesa, hecho muy común en los lexicógrafos de la época.

Tabla 3

Bluteau, IV, 1713: 208 FREIXO DE ESPADACINTA. [...] No seu vocabulario Castelhana diz Covarrubias honorifien menção desta Vila, sobre a palavra espada. Diz assi, <i>En Portugal ay un lugar en la raya de Castilla, por la parte que cae hazia Ciudad Rodrigo, que llama Frexo de Espada cinta: deveron ser los pobladores de aquella Villa, belicosos, como hombres de Frontera, y assim oy dia ay en ella muchos hidalgos.</i>	Covarrubias, 2009 [1611]: fol. 373v ESPADA. [...] Hombre de espada y capa , hombre seglar. [...] En Portugal ay vn lugar a la raya de Castilla por la parte que cae hazia Ciudad rodrigo, que llaman Frexo de Espadacinta. Deuieron ser los pobladores de aquella villa belicosos, como hombres de frontera, y asi oy dia ay en ella muchos fidalgos. [...]
--	--

Como ya se ha comentado antes, el gran mérito de Covarrubias consiste en las informaciones etimológicas de las cuales se sirvió Bluteau que, a su vez, daba una gran importancia al eje etimológico en la composición de su *Vocabulario*, puesto que intenta

¹³ A propósito de algunos de los aspectos analizados, véase Pizent P., “Influencias castellanas en lexicografía portuguesa: Covarrubias y Bluteau” (en prensa).

descubrir el origen de cada palabra que incorpora en la nomenclatura. Por eso resultan incongruentes las insinuaciones que encontramos en la voz “perro” (ver Tabla 4), en cuyo artículo el teatino muestra una cierta molestia frente al esfuerzo de Covarrubias en buscar la derivación de la palabra:

Tabla 4

<p>Bluteau, Volumen VI: 445</p> <p>PERRO. Parece-me trabalho inútil o buscar a etymologia deste nome, porque o Licenciado Cobarrubias depois de se cançar muito nesta pesquisa, não achou em que fundar a derivação de Perro, senão no Grego Pyr, que quer dizer Fogo, & para authorizar esta etymologia, diz, que o perro he animal de temperamento muito secco, & quando se quer deitar, não podendo dobrar de golpe o espinhaço, dá voltas, & cada volta que dá, o dobra hum pouco, até que finalmente coñéese, que se pode deitar. Notavel qualidade ignea he esta do Perro, que para lhe permitir qualquer descanso, o faz andar em huma roda viva. Vid. Caõ.</p>	<p>Covarrubias, 2009 [1611]: fol. 585v</p> <p>PERRO, animal conocido y familiar, simbolo de fidelidad y reconocimiento a los mendrugos de pã que le echa su amo. De esta materia ay libros enteros escritos, con casos muy particulares. La etimologia del perro declararemos por una pregunta ñ se suele hacer en las aldeas: ¿Por qué el perro quãdo se quiere echar da bueltas a la redonda? Respóndese por via de passatiempo que anda a buscar la cabecera. El perro es de naturaza muy seca, y para echarse recogido no puede doblar el espinazo de golpe; y así a cada buelta que da dobla vn poco hasta que a su parecer esta para poderse echar recogido, y por esta su calidad ignea se llamò perro de πυρ, πυρός, ignis. Ay muchas diferencias de perros. [...]</p>
---	--

Esta clase de intervención por parte de Bluteau es bastante frecuente. En el artículo “farfalha” (ver Tabla 5) afirma nuestro lexicógrafo a este propósito que la palabra no exigía tanta investigación etimológica:

Tabla 5

<p>Bluteau, IV, 1713: 35</p> <p>FARFALHA, Farfalhador, & Farfalhar. Derivase do Castelhana Farfulhar, que segundo o Lecenciado Covarrubias, no seu Thesouro da lingoa Castelhana, val tanto, como fallar muyto depressa, &atropelladamente. Querem alguns, que farfalham & farfalhador, no vulgo valha o mesmo, que homem inquieto, que anda buscando, & mexendo daqui, dahí, &c. A palavra não merece, que nos cançemos em investigar a sua genuina significação.</p>	<p>Covarrubias, 2009 [1611]: fol. 397v</p> <p>FARFVLLAR, hablar muy apriesa y atropelladamente, del mesmo verbo Lat. for, faris. Farfullador, el tal hablador.</p>
---	--

Como ya hemos resaltado antes, (Pizent, 2009):

[...] en el artículo relativo a “párrafo” (ver Tabla 6) se puede deducir la insinuación de Bluteau en cuanto a la confusión de Covarrubias a propósito del significado de las palabras “párrafo” y “parágrafo”. Pero al mismo tiempo Bluteau no añade ninguna explicación que pudiera esclarecer los dos significados supuestos. Bluteau explica que la

palabra “parágrafo” significa la división entre sentencias o materias en la jurisprudencia, reforzando la explicación con los signos que en la historia se utilizaban para señalar ese tipo de divisiones. Bajo el lema “párrafo” cita literalmente la explicación de Covarrubias, según el cual las dos palabras son sinónimos, como lo son también según la RAE, y al final añade el proverbio portugués: »Deus te guarde do parrafo de legista, o infra de canonista, e etcétera de escrivão, e do récipe de mata-são.« (que en la actualidad aparece también en la siguiente forma: »Deus te guarde do párrafo do legista, e do infra do canonista, e do etcétera do escrivão, e do récipe do charlatão«). Pese a la acusación de indistinción del significado de las dos palabras, Bluteau evoca un proverbio en el cual la palabra “párrafo” de hecho es sinónimo de “parágrafo”.

Comparemos los ejemplos arriba indicados:

Tabla 6

<p>Bluteau, VI, 1720: 178 PÂRRAFO. Confundem alguns esta palavra com paragrafo, particularmente na lingua Castelhana, tanto assim, que no seu Thesouro diz Cobarruvias: (<i>Paragrafo, y parrafo, comunamente se torna por el periodo, o parte de la ley, que está divisa, y distinguida de la precedente, y ponen por señal dos medias ceas, una asida con otra, &c.</i>) Tambem no dito sentido, o adagio Portuguez diz: Deos te guarde de Parrafo de Legista, & de Infra de Canonista, de <i>Et taetera</i> de Escrivão, & de <i>Recipe</i> de Matasaõ, <i>vid.</i> Paragrafo.</p> <p>Bluteau, VI, 1720: 253-254 PARAGRAFO. He o final, que particularmente os Jurisconsultos começaraõ a usar, para denotar o principio de hua nova sentença, ou de materia, separada de precedente. Fazia-se este final variamente, em primeyro lugar a modo de hum G Grego nesta forma, γ, ou a modo de hum P, tambem Grego, mas com huma perna mais curta que outra, nesta fôrma Π na impressaõ se lhe deu esta figura ¶ a modó de P, às avessas, & fechado. Hoje a mais ordinaria figura de paragrafo, he a modo de dous SS, postos hum sobre outro nesta forma §, os dous SS querem dizer <i>Signum settionis. Paragraphus, i. Masc.</i> He tomado do Grego <i>Paragraphi</i>. Exceção.</p>	<p>Covarrubias, 2009 [1611]: fol. 578r PARRAFO. <i>vide supra</i> Paragrafo. PARAGRAFO. y parrafo, comūmente se toma por el periodo o parte de la ley que esta divisa y distinguida de la precedente, y ponen por señal dos medias ceas, vna asida con otra en esta forma ¶ §. Y es de advertir que al principio de la clausula se ponia vna C y al final otra inversa □, como se hace en los parentesis; y despues las confundieron, poniendolas ambas al principio. Este vocablo es griego, παραγραφή <i>exceptio, praescriptio, litis effugium, etc. Vide Lexicon Graecum.</i></p>
--	---

Aunque Bluteau parece criticar los estériles intentos de indicar ciertas etimologías, la verdad es que la ciencia etimológica está presente en las definiciones del infatigable y

voluntarioso teatino, quien muestra una cierta sorpresa por el hecho de que un hombre tan “versado nas Linguas” (ver Tabla 7) como Covarrubias afirme que la palabra “pocella” o “poncella” en francés significa doncella, cuando el equivalente francés sería “pucelle”.

Tabla 7

<p>Bluteau, VI, 1720: 818 PUCELLA, ou Poncella. No seu Thesouro da lingua Castelhana diz Cobarruvias que Poncella he palabra Francesa, & que val o mesmo que Donzella. Alguns Authores Portuguezes tomáráo no mesmo sentido a dita palabra, & entre outros Miguel Leytao de Andrada, no Dialogo 13. da sua Miscellanea, pag. 352. diz estas formaes palavras. <i>A Poncella</i>, a que vulgarmente chamão <i>Poncella de França</i>. Que o vulgo diga Poncella, em lugar de <i>Pucella</i>, não o estranho, que he proprio do vulgo trocar, & corromper as palavras; o queo que me admira he, que u Author, tão versado nas Linguas, como Cobarruvias, affirme que <i>Pocella</i> em Francez queyra dizer <i>Donzella</i>, em nenhu tempo teve <i>Poncella</i> na lingua Franceza esta significação, mas antigamente, & hoj: <i>Pucelle</i>, em Francez he <i>Donzella</i>, & segundo os Etymologistas <i>Pucella</i> se deriva de <i>Pudicella</i>, pu <i>Puella</i>. <i>A Poncella</i>, ou (para dizer melhor) a <i>Pucella de França</i>, a que os Francezes chamão <i>La Pocille d'Orleans</i>, era huma pobre Pastora chamada <i>Jovana d'Arc</i>, natural do lugar de Dompremi, sobre o rio Mosa, a qual na idade de 18. ou 20. annos [...]</p>	<p>Covarrubias, 2009 [1611]: 592r-592v PONCELLA, fue nombrada una doncella de Frãcia, que de los años de mil y quatrocientos y veintinuee, la qual salio de la ciudad de Orliens, estando cercada de los Ingleses; pastoreaua las ovejas de su pobre padre, llamado Iacques Durcio, y vino a capitanear los escuadrones de Francia. En la puente de Orliens esta puesta una estatua suya de metal, en memoria del beneficio que della recibieron. Dixose la Poncella, que en frances quiere decir donzella.</p>
---	--

Las críticas a las etimologías de Covarrubias llegan a veces a ser agudas y Bluteau no se abstiene de condenarlas o corregirlas. En el artículo “calabriar”, por ejemplo, podemos leer:

“Das etymologias Hebraicas, & Gregas, como tambem das muitas fontes da Provincia de Napoles, chamada *Calabria*, trazidas por *Cobarruvias*, nem faço menção, porque todas ellas me parecem tam puxadas, que me não canso em puxar por ellas” (ver Tabla 8).

Bluteau, en este mismo artículo, declara haber tenido como fuente a Becano pero, leyendo la definición que Covarrubias hace de la misma palabra en su *Tesoro* (ver Tabla 8), es evidente que Bluteau, aunque haya conocido a Becano, no hizo más que transcribir las frases

del lexicógrafo español. Este tipo de cita indirecta es muy frecuente en las definiciones de Bluteau (ver Tablas 9 y 10).

Tabla 8

<p>Bluteau, II, 1712: 44</p> <p>CALABRIAR. Tomamos de Castella esta palavra; não he facil descobrir donde tomaraõ os Castelhanos, se do Alemaõ Calabren, (que segundo Becano, liv. 4 Hermatheriae, fol. 78) se diz de aquellos, que praticando huns com os outros misturaõ na conversaçã suas razones, & noticias, porque Calabriarinhos, he misturarinhos de diferentes cores, & castas; se da Calabera, ou Calivera, que em Castelhana he o mesmo que o casco da cabeça, porque vinho misturado, ou calabriado ofende mais a cabeça, que o vinho puro. Das etymologias Hebraicas, & Gregas, como tambem das muitas fontes da Provincia de Napoles, chamada Calabria, trazidas por Covarrubias, nam faço mençaõ, porque todas ellas me parecem tam puxadas, que me não canso em puxar por ellas. [...]</p>	<p>Covarrubias, 2009 [1611]: fol. 172r</p> <p>CALABRIADA. La mezcla que se hace de un vino con otro, especialmente de blanco con tinto. [...] Yo entiendo que por ser diferentes los ojos destas muchas fuentes, y después venirse todas a juntar en el corriente, se llamó Calabria, y de allí calabriada, la mixtión de un licor con otro; sin embargo desto me parece ser hombre hebreo, [...] También podría ser este vocablo alemán, de la palabra CALBERIN, contraída en calabren y de allí calabriada. Dice el Becano, lib. 4, Hermathenae, fol. 78: "<i>Calabren ii dicuntur qui inter se, in ultramque partem, de variis rebus, otiose suaves iocundosque sermones conferunt</i>", etc. Pues así como es suave y alegre la mezcla de razones en una conversación, con esa misma propiedad se pudo decir calabren la mezcla de los vinos en el convite, y de calabren haberse corrompido en calabriada. [...]</p>
---	---

Imagen 2 (Bluteau, II, 1712: 44)

CALABRIAR. Tomamos de Castella esta palavra; não he facil descobrir donde a tomaraõ os Castelhanos, se do Alemaõ Calabren, (que segundo Becano, liv. 4. Hermathenae, fol. 78.) se diz de aquellos, que praticando huns com os outros misturaõ na conversaçã suas razones, & noticias, porque Calabriarinhos, he misturarinhos de diferentes cores, & castas; se da Calabera, ou Calivera, que em Castelhana he o mesmo que o casco da cabeça, porque vinho misturado, ou calabriado ofende mais a cabeça, que o vinho puro. Das etymologias Hebraicas, & Gregas, como tambem das muitas fontes da Provincia de Napoles, chamada Calabria, trazidas por Covarrubias, nam faço mençaõ, porque todas ellas me parecem tam puxadas, que me não canso em puxar por ellas. Calabriarinhos, id est misturállos. Pina Vinis misce Calabriarinhos, id est Adubalos. Vid. Adubar. Nos Contos de Alcobaga he muito usado este verbo Calabriar, porque muito se usa, o que por elle se significa.

A esta misma conclusión llega también Messner, quien nos hace observar que, al contrario de otros lexicógrafos, Bluteau muestra “uma sinceridade desconhecida entre os lexicógrafos” (Messner 2007b: 147). Tal sinceridad consiste en indicar la fuente, diciendo “Como advertio Covarrubias” (Bluteau, I, 1712: 348), “segundo Covarrubias” (Bluteau IV,

1713: 147), “na opiniaõ de Covarrubias” (Bluteau, VIII, 1721: 18) son solamente algunas de las expresiones con las cuales Bluteau evoca el lexicógrafo castellano. Sin embargo, Bluteau no parece ser siempre fiel a su fuente española, puesto que también lo omite, sobre todo, cuando se trata de topónimos españoles. En los ejemplos que siguen el nombre de Covarrubias no aparece, si bien la fuente del lexicógrafo portugués es más que evidente. Además, en el ejemplo relativo a “Alcalá de Henares” (ver Tabla 9), Bluteau menciona a Garibay como su fuente, cuando se puede ver que éste solamente habrá sido una fuente indirecta.

Tabla 9

<p>Bluteau, I, 1712: 218 ALCALÀ DE HENARES Alcalà de nome arabico (segundo Garibai no seu Compendio Histor. De Hespanha, liv. 7. cap. 10) val o mesmo que <i>Congragação de agoas</i>.</p> <p>O cognome de <i>Henares</i> tomou do caudaloso Rio, que a lava, & fertiliza.</p> <p>Em tempo dos <i>Romanos</i> se chamava <i>Complutum</i> (como quer Clusio, fundado em antigas moedas, & cipos que alli se acharaõ).</p> <p>No tempo dos Godos foi Cidade Episcopal (segundo o P. Mariana) & depois de ganhada aos Mouros por D. Bernardo Arcebispo de Toledo que flereceio pelos annos de 1126. ficou debaixo da jurisdicção temoral, & espiritual de seus Prelados.</p> <p>[...] a faz nomeada po sua famosa Universidade eregida pello Arcebispo D. Francisco Ximenes de Cisneros anno 1499.</p>	<p>Covarrubias, 2009 [1611]: fol. 35v-36r ALCALA de Henares [...] dize Esteuan de Garibay, que Alcala, en Arabigo, vale congregacion de aguas, lib. 7, c. 10.</p> <p>Dicha assi por el rio ã passa cerca de ella [...]</p> <p>[...] por otro nombre se dixo <i>Complutum</i>, ... Abraham Ortelio efieri lo que se sigue: “<i>Complutum Ptolomeo et Prudentio Carpentanorum urbs est in Hispania Tarraconensi: Alcala de Henares esse ex vetustis marmorum rius loci inscriptionibus docet Carolus Clusius, insignis hic omnium disciplinarum academia est, etc</i>”.</p> <p>En tiempo de los godos, fue Alcalá de Henares catedral, según lo refiere el padre Mariana en su Historia de España, lib. 4, cap. 21. Don Bernardo, arzobispo de Toledo, que murio año de mil y ciento y veinte y seis, hauiendo sido prelado della por espacio de cuarenta y quatro años, gano de los moros la villa de Alcalá de Henares con sus gentes y a expensas suyas, y desde aquel tiempo quedo, quanto a lo temporal y espiritual, por los Arçobispos de Toledo.</p> <p>En el año mil y cuatrocientos y noventa y nueue, el Arçobispo don fray Francisco Jiménez fundo la Universidad al modo y traça de la de Paris, ...</p>
---	--

En sus importantes estudios de la lexicografía portuguesa y de la española, Messner (2007b: 147-148) también destaca las fuentes indirectas de Bluteau. En uno de sus artículos, Messner hace una sinopsis de los diccionarios españoles que más influyeron en los diccionarios portugueses, entre los cuales se cuenta el *Tesoro* de Covarrubias y propone el

ejemplo de “almondega” para demostrar cómo Bluteau cita al arabista español, Padre Guadix (Cf. 3.2.2.3) y , con la mediación de Covarrubias (ver Tabla 10).

Tabla 10 (Messner, 2007b:148)

<p>Guadix 1593</p> <p>Albondiga. Lllaman en España a cierta suerte de manjar de carne picada reducida a forma y manera de unas valillas o pelotillas.</p> <p>Consta de al, que, en arábigo, significa la, y de be, que significa com, y de daq o daca, que significa moledura o picadura o desmenuladura; de suerte que, todo junto, albedaca o albidaca significa la con moledura o con la picadura, .i., la carne molida o picada; y corrompiéndolo, hinchén la boca de toda esta corrupción: albóndiga.</p> <p>Note el curioso lector que fuere arábigo que todo eso viene d'este verbo daq, que significa moler, y de aquí se llama la harina daqui [...]</p>	<p>Bluteau 1712</p> <p>Almondega. Almôndega. Derivase do Castelhana Albondiga [...] (segundo o Padre Guadix) he vocabulo corrupto do Arabico Albidaca, que val tanto como Carne picada, & misturada com outra. Almondegas saõ, ou minutim concisae globi, ou globuli, orum. Masc. Plur.</p>	<p>Covarrubias 1611</p> <p>Albóndiga. El nombre y el guisado es muy conocido; [...] El padre Guadix dice que albóndiga es vocablo corrompido de albidaca, que vale carne picada y mezclada com outra. [...]</p>
---	---	---

Otro aspecto curioso que atañe a las fuentes de Bluteau es que aunque éste sostenga que Covarrubias en su *Tesoro* había escrito ciertas afirmaciones, no siempre estas se pueden encontrar en la obra española (Pizent, 2009). Esto ocurre en los lemas “selamí” o “cartas de jugar” (ver Tabla 11). En una reedición actualizada del *Diccionario* de Morais Silva, famoso lexicógrafo del portugués que conocía bien la obra de Bluteau, bajo el lema “selamim” se puede leer: “Vj. *celamim*, grafia oficial e preferivel” (Silva, 1950: X, 9) y consultando esa entrada en el mismo autor se puede leer: “Celamim, s. m. (do cast. *celemim*). Décima sexta parte de um alqueire.” (Silva 1950: II, 1074). En efecto, eso puede significar que las formas “selamí” o hasta “calexim” (que aparece en el Suplemento), utilizadas por Bluteau, habrían sido un error del propio lexicógrafo o variante antigua de la forma “celamim”. De hecho, en el artículo del Suplemento Bluteau habla de la confusión respecto a la ortografía de esta palabra afirmando haber encontrado las siguientes variantes: *celemim* y *cellamim* en Bento Pereira, *celemim* en Covarrubias, *selamim* y *celemim* en otros autores portugueses y concluye que la imprecisión ortográfica hace imposible la constatación de su etimología.

Menos suerte se tiene en la búsqueda del grupo nominal “cartas de jogar” a cuyo respecto Bluteau escribe que Covarrubias lo llama “livro descadernado em que se le communamente em todos os estados, & para hu houvera de andar no Catalogo dos livros condenados”. Sin embargo, en Covarrubias no se encuentra tal explicación.

Tabla 11

<p>Bluteau, Volumen VII: 558 SELAMÍ . Medida de cousas seccas, como trigo, cevada, grãos, &c. He meya oytava, ou a oytava parie de hum alqueyre. Diz Cobarrubias que he a razão, que antigamente se dava a cada escravo. <i>Octava pars modii.</i></p> <p>Suplemento I, 1727: 213 CALEXIM. He muito varia a orthografia desta palavra. No seu Thesouro da lingua Portugueza o Padre Bento Pereira diz <i>Celemim</i>, e <i>Cellamim</i>, com dous LL. Cobarrubias diz <i>Celemin</i> com hum L só; em alguns Authores Portuguezes tenho achado <i>Selamim</i>, e assim tengo posto no 7. volumen do Vocabul. E a este remetto o Leitor. Depois disso, acho em outro Author portuguez, <i>Celemim</i>. <i>Quando o vemos repartir</i> <i>Com voscoo celebros a moyos</i> <i>E comigo a Ceremias.</i> Oraç. Academ. De Fr. Sima~p pag. 212. De etymologia desta palavra, não se póde tirar cousa certa para a sua orthografia, porque Cobarrubias deriva <i>Celemim</i> do Grego <i>Choenix</i>, que he certa medida, e quer que le diga <i>Celemin</i>, como tomado do Grego <i>Chenemin</i>. Vid. Selamin, tom. 7. do Vocabul.</p>	<p>Covarrubias, 2009 [1611]: fol. 269r CELEMIN, medida de las cosas aridas, como trigo, cebada, garuanços, &c. Dixose assi, quasi chenemin, de la palabra griega <i>chaenix</i> χοῖνιξ, <i>choenix</i>, <i>nomen mensurae duos capiens sextarios</i>; de chenimin se dixo corruptamente celemin. Esa medida era la ración que antiguamente se daua a cada esclauo, y no la comían de balde. Entre los enigmas de Pitágoras, hay uno q̃ dize: “<i>Super choenicem non sedendum, hoc est per inertiam et otium alienum cibum non esse sectandum</i>”. Alciato haze vn emblema a este proposito, con titulo <i>Desidiam abiiciendam</i>.</p>
<p>Volumen II, 1712: 187 ... Cartas de jogar. Discretamente lhes chama Cobarrubias livro desencadernado, em que se le communamente em todos os estados, & para hu houvera de andar no Catalogo dos livros condenados. [...]</p>	<p>En Covarrubias este artículo no se encuentra.</p>

3.2.1.4 Covarrubias y los topónimos

En el capítulo precedente ya se hizo mención de los topónimos (ver Tabla 9) pero nos parece conveniente dedicarles unas palabras más. De hecho Bluteau hace buen uso de las notas de su antecesor español, a veces, como ya hemos visto en otras entradas, traduce literalmente lo que Covarrubias había escrito sobre el topónimo; en otras ocasiones rehace el

texto, pero en la mayoría de las situaciones el texto de Covarrubias es solamente una parte del artículo del teatino, puesto que éste desarrolla mucho más las expresiones sobre la toponimia española que el mismo español, lo que será resultado de la dimensión enciclopédica del *Vocabulario* de Bluteau. Hecha esta aclaración, aducimos los ejemplos en las siguientes tablas, de las cuales las primeras tres nos permiten ver claramente que Covarrubias habrá sido la fuente principal de Bluteau.

Tabla 12

Bluteau, I, 1712: 229 ALDEA-GALEGA, Aldea-galega, ou Alde-galega. Villa de Portugal, no Alétejo. <i>Pagus Gallecus</i> .	Covarrubias, 2009 [1611]: fol. 41r-41v ALDEA [...]
Em Hespanha muitos lugares deste nome Aldea, como Aldealvenga, Aldea nueva, Aldea del palo, Aldea ruiva, Aldea texada, Aldea rio, dita segundo alguns <i>Illiturgis</i> .	Ay muchos lugares en España cõ este nõbre, como aldealuẽga, aldea nueva, aldea del palo, ialdea rubia, aldeatexada, aldealrío, dicha segũ algunos autores, <i>Illiturgis</i> . [...]

Tabla 13

Bluteau, VI, 1720: 13 ORENSE. Cidade Episcopal de Galiza.	Covarrubias, 2009 [1611]: fol. 570r ORENSE, ciudad cabeça de obispado en Galizia.
Chamãolhe em Latim, <i>Aquae calidae</i> , por causa de humas fontes, ou caldas, cuja agua he tão quente, que qualquer cousa que se meta dentro, se coze, & se conforme. Chamouse antigamente <i>Auria</i> , & depois por corrupção, <i>Auriense</i> , & hoje mais corruptamente, <i>Orense</i> . Segundo a Chronica dos Cónegos Regrantas, I. parte, 325. Orense foy Cidade de Portugal, junto da lagoa das aguas santas no Minho.	Llamose antiguamente Auria, de alli Auriense y Orense: por otro nombre le llamaron Aquae calidae, por las Burgas, cuya agua es tan caliente que qualquiera cosa que meta dentro la cuece y consume.

En el ejemplo relativo a “Murcia” (ver Tabla 14) observamos que tan sólo la última parte de Bluteau tiene semejanza con la de Covarrubias, pues la parte anterior ni siquiera aparece en el diccionario español. Algo parecido ocurre en el artículo “Pireneos” donde el autor del *Vocabulario* parece parafrasear al autor del *Tesoro* en la primera parte.

Tabla 14

Bluteau, V, 1716: 641 MURCIA. Reyno de Hespanha, & Cidade do mesmo nome, sobre o rio Segura. Tem este Reyno algumas vinte & cinco legoas de comprido, & algũa cousa menos de largo. Fundarão-no, & possuirão-no os Mouros, atè que no seculo treze ficou avastallado a El Rey de Castella. As mais Cidades deste Reyno saõ Caravaca, Lorca, &c.	Covarrubias, 2009 [1611]: fol. 559r MVRCIA,
--	--

Dizem que Murcia antiguamente soi cabeça dos povos Contestanos, & que se chamava <i>Murgis</i> , donde se derivou o nome, Murcia. Tambem foi chamada Muxacra. <i>Murcia, ae. Fem.</i>	antiguamente cabeça de los pueblos Contestanos, ciudad y cabeça de Reyno. Dixose antiguamente <i>Murgis</i> , y de alli se pudo corromper en Murcia. Tambien se llamo Muxacra. <i>Vide Ortelium, verbo Murgis.</i>
---	--

Tabla 15

<p>Bluteau, VI, 1720: 528 PIRENEOS, ou Pyreneos montes.</p> <p>Segundo Silio Italico se deriva este nome da Donzella Pyrene, que depois de lograda por Hercules, foy despedazada das ferras, & sepultada em hum destes montes. Derivão outros este adjectivo Pyrente, de <i>Pyr</i>, que em Grego he fogo, porque com os muitos rayos, que cahem, são estes montes infestados do fogo do Ceo; ou porque (como escreve Diodoro) forão os matos dos ditos montes abrazados do fogo, que hũs pastorespozeraõ nos arvoredos, & matos, o qual lavtou por elles, & penetrou as cavernas dos montes de maneyra, que se descobrião muitas minas de prata, & outros meraes.</p> <p>Os Pireneos são montes altissimos, que desde o mar Mediterraneo até o Oceano pelo espaço de algumas ostenta & cinco legoas separaõ França de Hespanha: lanção muitos braços por muitas partes de Hespanha, & outros de outra banda de França, quanto mais vaõ corr~edo do Norte para o mar Oceano, tem mais altura, & aspereza; & ainda que na parte de Colagats se abaixem, & por meyo de Catalunha se ramisiquem, nem por isso cesta de roda a sua continuação; naõ medem os montes por com passo a sua altura, & largura. <i>Pyreni montes. Plur. Masc. Plin. Hist.</i> Pomponio Mela diz <i>Pyrenaeus</i> no singular, no cap. 6. do livro II. Que começa assim, <i>Pyrenaeus primo hinc in Britannicum procurrit Oceanum. Pyrene, es. Fem.</i> he para Poetas. Silio Italico, & Tibullo usaõ delle. (Nas outras Comarcas aos Montes Pireneos. Mon. Lusit. Tom. I. 294.)</p>	<p>Covarrubias, 2009 [1611]: fol. 589v PIRENEOS, montes, los que diuiden a Francia de España.</p> <p>Segun algunos les diò nõbre Pyrene, una donzella, a la qual Hercules forço en este passo y esta alli sepultada. Otros de <i>πῶρ, πόρ</i>, <i>ignis</i>, o por los muchos rayos que caen en ellos por ser altos, o porque, según Diodoro Siculo y otros autores, en tiempos passados, descuidandose vnos pastores del fuego que auian hecho para passar la noche, soplando el aire se vino a encender la montaña, y por haber en ella muchas minas de plata y oro, con la fuerça del fuego, se derritieron estos metales y corrieron por la superficie de tierra, y fue en tanta cantidad que cargaron los extrangeros sus nauios de oro y plata, y fue ocasión que muchos viniesen a España por esta codicia.</p>
--	--

Sin embargo, en otros casos no se puede deducir que la fuente haya sido Covarrubias. En el ejemplo de “Salamanca”, es obvio que Bluteau se había apoyado en las informaciones de Covarrubias, puesto que hace mención al autor castellano. En el inicio del artículo ambos hablan de Teucro, que fundó la ciudad de Salamanca, pero Covarrubias alarga mucho más el

asunto. Lo opuesto se nota al final, cuando los dos describen la Universidad de Salamanca, descripción en la que Bluteau se detiene mucho más. En la parte central, que atañe a la etimología de la palabra, Bluteau y Covarrubias presentan los mismos hechos, aunque éste último añade muchos más datos. No obstante, se puede afirmar con toda certeza que era al menos una de las fuentes, ya que está citada.

Tabla 16

<p>Bluteau, VII, 1720: 442-443 SALAMANCA. Cidade Episcopal de Hespanha, no Reyno de Leão, sobre o rio Tormes, tres legoas de Ciudad Rodrigo, & 14 da raya de Portugal para o Nascente.</p> <p>Querem alguns que esta Cidade tomase o nome de <i>Salamanca</i>, dos Salaminos, ou Povos de Salamina, & dos Atticos, que acabada a guerra de Troya passarão a Hespanha com Teucro, seu Capitão, o qual fundou a dita Cidade, chamada em Latim <i>Salamantica</i>, nome em que se encerrão os dos dous povos, Salaminos, & Atticos.</p>	<p>Covarrubias, 2009 [1611]: fol. 18v-19r</p> <p>El obispo de Girona en el Paralipomenom de las historias de España libro segundo, cuenta como Teucro, acabada la guerra de Troya, vino al reino que agora llaman de Salamina; y no hallando allí acogida paso a Cipro, donde poblo la ciudad dicha Salamina, y que, oyendo la fama de España, que Hércules había ganado, partiò para ella embarcándose y llegó a tomar puerto a donde despues fue la nueva Cartago y de alli fue entrando por la tierra y llegó al sitio donde está agora Salamanca. Poblò en él a la ribera del río Tormes la dicha ciudad, y de la gente que consigo traía, que eran Salaminos y Athicos, se compuso el nombre de Salamantica, mil y trescientos y sesenta y cinco años antes de la venida del hijo de Dios al mundo. Otros quieren que se aya llamado Hermandica, vna de las ciudades famosas que Anibal destruyo entrando por Castilla la Vieja, que llaman tierra de Baceos, como lo cuenta Plutarco, libro De virtutibus feminarum; y dice el mesmo, que auiendose dado los ciudadanos a partido de que saliessen, solos y desarmados, las mugeres debajo de sus sayas les sacaron las espadas; y habiendo entrado Anibal con su gente a saqueas el lugar, los salamantinos dieron en la guarda de real y hicieron grande estrago y mortandad, ayudados tambien de sus mujeres, arredrandose a las montañas, y al cabo Anibal ler restituyo la ciudad. Polibio y Estéfano llamaron a Salamanca Elmantica, y en la Cosmographia de Antonio Pio se dize Selmantica; pero parece distar los vnos nombres de los otros. Veras el fray Prudencio de Sandoval, obispo de Truy, en la Crónica del rey Don Alonso el séptimo, cap. 14. Puede ser nombre hebreo, de Salam, ..., pacificum esse, pacê habere, y es asi q̃ la dotrina, y su verdad pacifica y aquieta los ánimos de los q̃ la procuran</p>
---	--

<p>Querem outros, que <i>Salamantca</i>, se derive do Grego <i>Psallo</i>, que val o mesmo que <i>Canto</i>, & <i>manticos</i>, que quer dizer, <i>Adivinho</i>, alludindo aos encantos nigromananticos, & Arte Magica, que antigamente, perto de Salamanca, na cova, que chamarão de S. G. brião se ensinava, o que segundo Cobarrubias, & outros Autores, he fabula.</p> <p>A Universidade de Salamanca he hua das mais antigas, & famosas da Christianidade. Sempre floreceo em grande numero de Estudantes, & Lentes. Os Lentes de Theologia são oyto, a que chamão <i>Cathedraticos</i>; & outros não tem salario, se chamão <i>Pretendentes</i>, porque pretendem a primeyra Cadeyra vago. O mesmo se practica para as Caderas de Direyto Civil, & Canonico, Filosofia, & Mathematica. Tem ordinariamente sessenta & duas Cadeyras assalaradas, em que presidirlo homens eminentes em todas as sciencias, & produzirão sugeytos singularísimos para todos os Tribunaos de Hespanha. Houve tempo, em que os Estudantes chegarão a mais de quinze mil. Para esta Cidade trasladou o Santo Rey D. Fernando a Universidade de Palencia, anno 1240. D. Alfonso XII como Patria sua a acrescentou, & dotou de singulares privilegios. Traz por Armas em escudo a Ponte sobre o rio, no meyo hua arvore, & adiante hum touro, coroa Saracenos. Tem-se celebrado nella tres Concilios. De Salamanca diz o rifaó Salamanca a huma fará, a outros manca. <i>Salamantica, e. Fem.</i></p>	<p>y juntamente pacifican a los demás, componiéndoles sus diferencias y declarándoles la verdad de sus pretensiones.</p> <p>Algunos quieren que éste sea griego, de ψάλλω, psallo, et μαντική, ή, mantici, diuinatio, quasi cantus divinus; parece aludir a la fábula de que en Salamanca se enseñaua la encantación y arte nigromancia, en vna cueua que llaman de San Cebrián. Esto tengo por fabula. El rey Don Fernando el Santo, que ganó a Seuilla, pasó la vniuersidad de Palencia, que fundo Don Alonso, a la ciudad de Salamanca, cerca del año 1240.</p>
--	--

Por otra parte, también se nota que Bluteau había documentado un mayor número de topónimos españoles que el mismo Covarrubias, y que los artículos que el teatino les dedica son mucho más extensos que los del canónigo de Cuenca. Bluteau incluye en su nomenclatura todo tipo de nombres geográficos, desde los nombres de ciudades y aldeas hasta los de los ríos, montañas y barrios. Con todo, Bluteau se muestra muy incoherente en lo que atañe a la ortografía, ya que considera la misma palabra bajo dos letras diferentes, como sucede con los dos topónimos Zafra y Zamora, que también se encuentran con S inicial, o sea Safra y Samora. Este fenómeno no es de extrañar, puesto que entonces la ortografía aún no estaba estabilizada según criterios de absoluta uniformidad. Por otra parte, al incluir tales formas

Bluteau parece preocuparse con el lector del *Vocabulario*, para quien la grafía de aquellos topónimos no era evidente en función de su conocimiento de la fonética del español.

Tabla 17

<p>Bluteau, VIII, 1721: 626 ZAFRA, ou Safra. Villa da Estremadura de Castella, fundada pelos Celtas, anno 580. antes do Nascimento de Christo, & por elles chamada <i>Segeda</i>, acrecentada por Julio Cesar, foi chamada <i>Restituta Julia</i>, durando até as invensoens, dos Mouros, que celebrando hua feira, que se faz no mez de Junho, a que elles chamão <i>Zafar</i>, introduzirão o nome <i>Zafra</i>. Outros attribuem este nome a hum Capitão Romano, ou Godo, chamado <i>Zafra</i>. Anno de 1240. foi ganhada aos Mouros pelo Rey D. Fernando III. & por elle povoada de Christãos. Tem por Armas em escudo partido, à mão directa campo dourado, hum vaso azul de açucenas, na mão esquerda hum castello sobre rochas.</p> <p>Volumen VII, 1720: 428 Safra. Em Castella ha dous logares deste nome, <i>Safra de Cuenca</i>, & <i>Safra de Extremadura</i>. De hũa destas duas Safras, querem os Castelhanos, que fosse natural o Padre João Maldonado, que escreveo doutissimos Commentarios sobre os quatro Evangelhos, mas o Autor do Agiologio Lusitano, tom. I. pag. 63. mostra, que a patria do Dito Maldonado era Safára, Aldea de Portugal, & não Safára do Castella. <i>Vid.</i> Zafra.</p>	<p>Covarrubias, 2009 [1611]: fol. 261r [ZAFRA] Çafra, en tierra de Cuenca hay un lugar puesto en vn alto deste nõbre. Çafra tienese por cosa cierta ser Arabigo, en la qual lengua vale cosa amarilla, y por alusion vale colera, por tener esta color, porque la colera sube a lo mas alto, que es la cabeça, deuio tomar aquel lugar este nombre, o por cogerse en el açafran. Ay papeles antiguos y tradicion en aquella tierra del Moro de Çafra, que dizen fue valentissimo, y de estatura de gigante. Otra Çafra hay en Estremadura, donde hubo un muchacho que, siendo de muy poca edad, era tan grã jugador de axedrez, que todos le reconocían la ventaja, y quedó el nõbre del niño, de Çafra. Iuã Lopez de Velasco: Çafra vale en lengua Arabiga, embarcadero.</p>
---	--

Imagem 3 (Bluteau, VIII, 1721: 626 y VII 1720: 428)

car.
ZAFRA, ou Safra. Villa da Estremadura de Castella, fundada pelos Celtas, anno 580. antes do Nascimento de Christo, & por elles chamada *Segeda*, acrecentada por Julio Cesar, foi chamada *Restituta Julia*, durando até as invasoens dos Mouros, que celebrando hua feira, que se faz no mez de Junho, a que elles chamão *Zafar*, introduzirão o nome *Zafra*. Outros attribuem este nome a hum Capitão Romano, ou Godo, chamado *Zafra*. Anno de 1240. foi ganhada aos Mouros pelo Rey D. Fernando III. & por elle povoada de Christãos. Tem por Armas em escudo partido, à mão direyta campo dourado, hum vaso azul de açucenas, na mão esquerda hum castello sobre rochas.

Safra. Em Castella ha dous logares deste nome, *Safra de Cuenca*, & *Safra de Extremadura*. De hũa destas duas Safras, querem os Castelhanos, que fosse natural o Padre João Maldonado, que escreveu doutissimos Commentarios sobre os quatro Evangelhos, mas o Autor do Agiologio Lusitano, tom. I. pag. 63. mostra, que a patria do dito Maldonado era Safára, Aldea de Portugal, & não Safára do Castella. *Vid.* Zafra.

3.2.2 VOCABULARIO DE VOCABULARIOS

Como escribe Bluteau en la introducción de este catálogo, los diccionarios históricos “dão noticia das pessoas” a diferencia de los “verbaes” que “ensinão o uso das palavras” (Bluteau: Supl. II, 1728: 536). Bluteau compara los diccionarios históricos con los diccionarios de lenguas y toma como ejemplo el diccionario histórico de Moreri y, asimismo, los de la lengua de Furetière y de la Academia de la Lengua Francesa. En el histórico, todas las entradas son nombres personales o geográficos, excluyendo “expressoens Grammaticaes, Logicas, Fysicas, Medicas, Anatomicas, Arithmeticas, Pathologicas, Therapeuticas, Pharmaceuticas, Chemicas, Botanicas, Dogmaticas, Astronomicas, Asceticas, Teologicas, etc.” (Bluteau: Supl. II, 1728: 536).

Para definir su concepto de la palabra “diccionario”, Bluteau explica que los diccionarios pueden tener diferentes títulos: “Glossarios, Thesouros, Jardins, Onomasticos, Inventarios, Indices universaes, etc.” (Bluteau: Supl. II, 1728: 537), si bien todos son diccionarios porque cumplen los dos rasgos básicos de su género: las entradas están en orden alfabético y declaran el significado de las palabras.

La lista de los vocabularios que Bluteau reúne al final de su obra y que explícitamente afirma haber utilizado en la formación del *Vocabulario Portuguez e Latino* es bastante amplia. Aquí recogemos sólo los vocabularios relevantes para este trabajo:

1. VOCABULARIOS PORTUGUESES

P. Bento Pereira: *Thesouro da Lingua Portugueza com seu latim*, Évora, 1797.¹⁴

_____: *Frazes Portuguezas*, Évora, 1797.¹⁵

_____: *Adagios Portuguezes*, Évora, 1797.¹⁶

Jeronimo Cardoso: *Dicionario Portuguez e Latino*, Lisboa, 1694.

Agostino Barbosa: *Dicionario Portuguez e Latino*, Braga, 1610.

Amaro de Roboredo: *Porta de Linguas*, Lisboa, 1625.

P. D. Rafael Bluteau: *Vocabulario Portuguez e Latino*, Coimbra – Lisboa, 1712 – 1721.

2. OTROS VOCABULARIOS COMPUESTOS POR PORTUGUESES

¹⁴ La fecha de la primera impresión de esta obra es 1647, por lo que quizás se trate de una errata de la responsabilidad del impresor de Bluteau.

¹⁵ La fecha de la primera impresión de esta obra es 1647, por lo que quizás se trate de una errata de la responsabilidad del impresor de Bluteau.

¹⁶ La fecha de la primera impresión de esta obra es 1655, por lo que quizás se trate de una errata de la responsabilidad del impresor de Bluteau.

João Franco Barreto en su Biblioteca Lusitana, que nunca se editó, menciona los siguientes vocabularios:

Hesidoro de Paiva: Dicionario Hebraico, e Grego.

Henrique Henriques: Dicionario Malabarico.

P. Manoel de Veiga: Dicionario Brasilico.

P. Joseph Anchiera: Dicionario Brasilico (Tenerife).

Duarte Nunes de Leão: Vocabulario Latino e Portuguez.

Francisco Sanches: Vocabulario Latino Lusitano.

P. Fr. Jacinto de Deos en su libro Veregel de Plantas escribe que el P. Fr. Gaspar de S. Miguel compuso “Lingoagem do Reino do Idalcão, hum Calepino, huma Arte, e hum Manoal para os Parocos, e Reitores” y que P. Mauel Banha escribio el Vocabulario da mesma Lingua do Idalcão.

3. VOCABULARIOS LATINOS Y PORTUGUESES

P. Bento Pereira: Prosodia in Vocabularium bilingue, Latinum, e Lusitanum digesta, Autore, Doctore P. Beneditto Pereira, Évora, 1697.

Agostino Barbosa: Diccionario Lusitanico Latinum, 1610.

Jerónimo Cardoso: Dictionarium Latino – Lusitanicum.

_____ : *Hieronymi Cardosi Dictionarium Iuventuti studiosae admodum frugiferu*, Conimbriga, 1551.

Ambrosio Calepini: Dictionarium Latino – Lusitanicum ac Japonicum, Amacula, 1595.

4. VOCABULARIOS CASTELLANOS

Don Sebastián de Covarrubias Orozco: Tesoro de la Lengua Castellana, Madrid, 1611.

D. Bernardo de Aldrete: Origen y Tesoro de la lengua Castellana.

Vocabulario de Cristobal de las Casas.

Imagen 4 (Bluteau, Supl. II, Vocabulario de Vocabularios, 1728: 539)

VOCABULARIOS CASTELHANOS.

Tesoro de la Lengua Castellana, por el Licenciado, Don Sebastian de Covarrubias Orozco, en Madrid, por Luiz Sanchez, impressor del Rey, Anno M.DC.XI.
Origen, y Tesoro de la Lengua Castellana, por el Doctor, Don Bernardo de Aldrete, Fol.
Vocabulario de Christoval de las Casas.

5. VOCABULARIOS CASTELLANOS Y LATINOS

Diogo Ximenez Arias: Diccionario Ecclesiastico.

6. VOCABULARIOS LATINOS Y CASTELLANOS

Antonio Nebrija: Dictionarium Hispanico Latinum & vice versa, Madrid, 1619.

Fr. Lopes: Ejusdem Lexicon, 1588.

P. Bartholomeo Bravo: Thesaurus Hispano -- Latinus, Valencia, 1690.

P. Petrum da Salas: Compedium Latino -- Hispanicum, Madrid, 1695.

Lexicon Ecclesiasticum, Latino -- Hispanicum, 1572.

Lexicon Hispanico -- Latinum, Londres, 1617.

J. Alonso: Lexicon Medicum, Latinè ac Hispanicè, Alcalá, 1606.

Cornelium Valerium Louvanii: Lexicon Gallaco -- Latinum, & Hispanicum, 1556.

Onophrio Povio: Thesaurus Puerilis, Valencia, 1615.

7. VOCABULARIOS CASTELLANOS Y FRANCESES

Celar Oudin: Thesoro de las dos Lenguas, Española y Franceza, Lyon, 1675.

Sobrino: Diccionario Espanhol & Françaïs, Françaïs Espagnol, 1705.

8. VOCABULARIOS ITALIANOS

9. VOCABULARIOS ITALIANOS Y LATINOS

10. VOCABULARIOS ITALIANOS Y FRANCESES

11. VOCABULARIOS ITALIANOS Y CASTELLANOS

Lorenzo Franciosini: Dittionario Italiano e Spagnuolo, Genevra, 1556.

Tesoro das tres linguas, Castelhana, Italiana, e Franceza, Genevra, 1671.

12. VOCABULARIOS FRANCESES

13. VOCABULARIOS FRANCESES Y CASTELLANOS

Cesar Oudin: Tresor des deux langues, Françaïse, & Espagnole, Lyon, 1675.

Jerome Victor: Tresor de la langue Françaïse, & Espagnole, Geneve, 1609.

14. VOCABULARIOS LATINOS

15. VOCABULARIOS LATINOS MULTILINGÜE

Ambrosio Calepini: *Dictionarium Octolingue*, 1681.

Sebastian Monsteri: *Dictionarium trilingue (ut Latinis respondeant Graeca, Hebraica, & Caldaica)*, 1562.

Sylvia Quadrilinguis (Bohemicè, Latinè, Grecè, Germanicè), Praga, 1598.

Lexicon Latinum, Italicum, Germanicum, Dalmaticum, Hungaricum, 1595.

Lexicon Latino – Germanico – Polonicum, Cracovia.

Lexicon Latinum, Graecum, Gallicum, & Teunetonicum, 1610.

Lexicon Latinum, Gallicum, Hispanum, Ital. Angl. Teutonicum, 1579.

16. VOCABULARIOS LATINOS DE ARTES Y CIENCIAS

Antonio Nebrija: *Lexicon Juris Civilis*, 1527.

Como bien podemos ver, la imprenta castellana estuvo bastante presente en la biblioteca del teatino. Entre los vocabularios encontramos nombres eminentes como Nebrija, Covarrubias, Aldrete y Cristóbal de las Casas, además de muchos otros que escribieron diccionarios bilingües o multilingües incluyendo el español. Del catálogo arriba transcrito se puede también deducir que las obras consultadas por nuestro autor eran principalmente diccionarios del latín y de otras lenguas romances que, como sostiene Bluteau, eran los más necesarios en Portugal ya que, como dice Bluteau, al “amigo das boas letras”, el parentesco con el castellano, con el francés y con el italiano “facilita muito a sua intelligencia, e o grande numero de bons livros, com que cada dia vaõ enriquecendo a Republica das letras, pode satisfacer a curiosa ambição de todo o genero de Leitores” (Bluteau, Supl. II, 1728: 537). Con esas palabras el teatino justifica este último capítulo de su majestuosa obra, concluyendo con el siguiente consejo:

Esta he a razaó, que me obriga a representar aos curiosos de Liguas, que em idade madura naõ porfiem em querer fallar outra lingua que a sua, porque por limpa, e bem compaginada, que seja, sempre cheirá a vasilha, e, como diz o vulgo, Negro velho naõ aprende lingua. Tratem de folhear, e revolver Vocabularios, e particularmente de sua lingoagem, ou de linguas aparentadas com a sua, como para Portuguezes saõ os da Lingua Castelhana, Italiana, Franceza, e Latina, dos quaes com estudo particular escolhi, e nas

folhas, que se seguem, declaro em diferentes paragrafos os melhores, e mais usados (Bluteau, Supl. II, 1728: 538).

3.2.3 FILÓLOGOS

Antonio de Nebrija

Como ya hemos visto en el capítulo anterior, a propósito del *Vocabulario de Vocabularios*, donde el mismo Bluteau afirma haber utilizado “os melhores, e mais usados” (Bluteau, Supl. II, 1728: 538) dicionarios bilingües y monolingües de la lengua española, el nombre del humanista y gramático español, Antonio de Nebrija (1441-1522), aparece dos veces, con el *Dictionarium Hispanico Latinum & vice versa* (1619) y con el *Lexicon Juris Civilis* (1527). Aunque el teatino no cite a Nebrija tantas veces como a Covarrubias, es cierto que su nombre aparece en los artículos del *Vocabulario*, como por ejemplo en las voces “albufeira”, “lobrego”, “Navarra” y “Navas”.

ALBUFEIRA. Derivase do Arabico *Al, & Buhar*, que val o mesmo, que Mar; & os Arabes, & Hebreos chamão mar a qualquer tanque grande, ou lagon. Chamão os Castelhanos, *Albufeira de Valencia*, à hum grande lagoa, que fahe do mar perto da Cidade de Valencia, & querem alguns, que seja o que Plinio Histor. chama *Amenon Stagnum*. **Antonio de Nebrija** lhe chama *Portus magnus*. He pois Albofeira entre nos a agoa do mar, que impeto das ondas ou do vento lança fora dos limites ordinarios, & cobre algum espaço de terra seca. *Aestuarium, e., Neut.* Caesar. Tacit. E suas agoas das *Albofeiras* se coalhão, ainda que he agoa salgada do mar. Avellar n asua Chronographia, pag. 59. Vid. Albohera (Bluteau, I, 1712: 213).

LÔBREGO. Segundo **Antonio Nebrissense**, deriva-se do Latim *Lugubris*, triste, & em Castelhana *Lobrego*, quer dizer Lugar escuro.

Gviando a turba fea em males certa

Bramando sahe da lobrega a morada.

Malaca Conquist. Livro 6. Oit. 43 (Bluteau, V, 1716: 171).

NAVARRA. [...] No livro da conquista deste Reyno escreve **Antonio Nebrissa**, que Navarra foi assim chamada, por ter em si muitas navas, que são hũs campos rasos, cercados de bosques [...] (Bluteau, V, 1716: 687-688).

NAVAS. A batalla das Navas. No anno do Senhor mil & duzentos & doze, que era o ultimo anno del Rey de Portugal D. Sancho, ou (segundo a opinião de outros) sendo já Rey de Portugal seu filho D. Affonso, se deo a famosa batalha, que chamão das Navas de Tulosa, por El Rey D. Affonso VII. De Castella, na qual alcançou dos Mouros huma das mayores victorias, que no mundo se virão, porque somente dos vencedores morrerão mais de vinte & cinco mil homens, & forão tantos os vencidos, & mortos, (segundo affirma o Arcebispo D. Rodrigo, que nessa se achou presente) que em os dias que se detuve alli o campo para descansar do trabalho da peleja, não se fez o comer de todo elle com outra lenha y senão com lanças, & letras dos inimigos. E porque esta importantíssima victoria se lançou milagrosamente (segundo escreve Valerio na Historia Ecclesiastica de Hespanha) se introduzco não comerme carne em os dias de Sabbado, por serem dedicados à Virgem Maria, cuja imagem levavão nos estandartes, depois que já estava decretado pelos Canones. Diz **António Nebrissa**, que *Navas* quer dizer huns campos rasos, cercados de bosques; parece que em hum sitio desta naturaza foi dada a batalha das Navas. Tambem a guerra, da qual procedeo esta batalha, se chama *Guerra das Navas* [...] (Bluteau, V, 1716: 688).

César Oudin

Mayor número de referencias le merece a Bluteau el hispanista francés César Oudin (¿1560?-1625) y su *Tesoro de las dos lenguas francesa y española* (1607). Véanse aqui solamente algunos de los casos más interesantes:

TAFORÊA. Segundo **Cesar Oudin**, no seu Diccionario Castelhana, & Francez, he navio de transporte, que leva cavallos por mar, a que Tito Livio chama *Hippogogus navis*, & Plinio, *Hippagus*, *i. Masc.* Mas atêgora só no dito Oudin achey esta palabra, & este significado della. Em alguns lugares das Decadas de Barros acho a dita palabra *Taforea*, mas pareceome embarcação da India. (Com sua *Taforea*, da qual tirava hũa salvagem à Cidade, a matar gente. Barros 4. Dec. Pag. 232.) (Que na *Taforea*, de que era Capitão, levasse mantamentos, & munições. Dec. 2. fol. 2. col. 3.) (Bluteau, VIII, 1721: 15).

En entrada relativa a “tagarote” Bluteau comete un error escribiendo que la obra de Oudin se titulaba *Diccionario Castellano y Portuguez* en vez de *Diccionario Castellano y Francés*:

TAGAROTE. Segundo **Cesar Oudin**, no seu Diccionario Castelhana, & Portuguez, em Castella chamão *Togarotes*, a huns pobres Cavalheyros, que frequentão as casas, em que achão comer, & nellas fazem bem sua obrigação (Bluteau, VIII, 1721: 16).

TREBELHAR. Palavra antiquada, derivada do Castelhana tambem antigo *Trebejar*. *Vid.* O que temos Dito na etymologia de *Trabalhar*. Segundo **Cesar Oudin** no seu Diccionario Castelhana, & Francez *Trebejar* he jugar o xadrez, ou brincar, como fazem os rapazes quãdo dão voltas, confusamente misturados. Tambem em Portuguez antigo *Trebelhar*, era *Brincar*, ou bulir com varias cousas, & correr de hũa parte para outra.

Per mil goivos Trebelhando

Oy, oy, bes lômbrego.

São versos de Gonçalo Henriques à sua querisa Oriana, citados na Chronica de Cister do P. Fr. Bernardo de Britto, fol. 347 (Bluteau, VIII, 1721: 265).

CAPIGORAÕ. He tomado do Castelhana *Capigorrón*, que segundo **Cesar Oudin** no seu Diccionario Castelhana, e Francez, he o famulo, ou criado estudante, que leva a capa, e a gorra, mas não a sotana. (Quando se apresentou a meus olhos hum *Capigoraõ*, vestido de huma bacta. Antonio Lopes Cabral na Oração, que fez, na Academia dos Singulares a 24. de Fevereiro de 1654. Anda na primeira parte das obras da dita Academia, pag. 335) (Bluteau, I, 1712: 195).

No menos interesantes son también los dos ejemplos siguientes en los que Bluteau admite no conocer las interpretaciones de Oudin:

VIRAGO. He nome Latino, que val o mesmo que mulher varonil, alentada, animosa. Usa Ovidio desta palavra no livro 2. das Metamorph. onde diz: *Huc ubi pervenit, pello metuendal Virago*. No seu Diccionario Castelhana, e Francez, traz **Cesar Oudin** esta palavra no mesmo sentido, que o de cima no verso allegado, porque diz, que *Viràgo* quer dizer A mulher, que faz obras de himem. Eu atégora não achey esta palavra em Author Portuguez, senão no Poema da Destruição de Hespanha, composto por André da sylvia Mascarenhas, mas em sentido, que não entendo, porque na Oitava 89. do livro 2. diz o dito Ahtor,

Para contar o obscuro Labyrintho

Dos castigos, que vaõ no immundo lago,

No homicida, todo em sangue tinto

No ladraõ, no adultero, e Virago (Bluteau, Supl. II, 1712: 303).

NAFETE. No Thesouro das linguas Hespanhola, e Franceza, pag. 691. diz **Cesar Oudim**, que *Nafete* he hum dito picante, usado em Portugal. Eu atégora não o ouvi (Bluteau, Supl. II, 1712: 67).

3.2.4 HISTORIADORES

Padre Guadix

Hay que tener en cuenta que no todos los autores citados se pueden considerar fuentes directas de nuestro lexicógrafo. El ejemplo más llamativo lo constituye la presencia significativa del arabista español padre Diego de Guadix (m. 1615), intérprete de la lengua árabe en el Santo Oficio de la Inquisición de la ciudad de Granada y su reino. Granadino de nacimiento y franciscano de vocación es conocido en materia de arabismos como el autor del vocabulario *Recopilación de algunos nombres arábigos, que los árabes (en España, Francia y Italia) pusieron a algunas ciudades, y a otras muchas cosas* (c. 1593). Según el análisis llevado a cabo por el profesor Messner, Covarrubias fue “también a fonte para difundir as explicações etimológicas em Portugal que o arabista espanhol Diego de Guadix já havia redigido antes de 1593” (Messner, 2007b: 148). A este propósito, Messner (2007b: 148) propone el siguiente ejemplo (ver Tabla 18) que ya hemos presentado en el capítulo dedicado a la influencia de Covarrubias en Bluteau (Cf. 3.2.1.3) y que repetimos por ser el más representativo (ver también Tabla 10):

Tabla 18

<p>Guadix 1593 Albondiga. Llanan en España a cierta suerte de manjar de carne picada reducida a forma y manera de unas valillas o pelotillas. Consta de al, que, en arábigo, significa la, y de be, que significa com, y de daq o daca, que significa moledura o picadura o desmenuladura; de suerte que, todo junto, albedaca o albidaca significa la con moledura o con la picadura, .i., la carne molida o picada; y corrompiéndolo, hincen la boca de toda esta corrupción: albóndiga. Note el curioso lector que fuere arábigo que todo eso viene d'este verbo daq, que significa moler, y de aquí se llama la harina daquiq [...]</p>	<p>Covarrubias 1611 Albóndiga. El nombre y el guisado es muy conocido; [...] El padre Guadix dice que albóndiga es vocablo corrompido de albidaca, que vale carne picada y mezclada com outra. [...]</p>	<p>Bluteau 1712 Almondega. Almôndega. Derivase do Castelhana Albondiga [...] (segundo o Padre Guadix) he vocabulo corrupto do Arabico Albidaca, que val tanto como Carne picada, & misturada com outra. Almondegas saõ, ou minutim concisae globi, ou globuli, orum. Masc. Plur.</p>
---	--	--

Atendiendo al valor de las etimologías de Guadix, no es de extrañar que el nombre del padre Guadix se repita en el *Vocabulario*:

BASTARDO. [...] Finalmente o **P. Guadix** tem esta palabra por Arabica, & deriva *Bastardo* de *Baxtavidû*, que val o mesmo que dizer por aquelle, que quizerdes, dando a entender, que no Bastardo lhe podemos dar o *pay que quizermos*, pella pouca certeza, que pode haver delle, especialmente se a mãy he molher, que tenha reputação a tratar com muitos homens. Por esta razão diz Aristoteles lib. 9. Ethic. Cap. 7. que de ordinario os pays não querem tanto aos filhos, como as mãys, porque estas não podem duvidar, que os filhos sejam seus, & podem os pays ter sua duvida. Por isso dizem os Mouros, *El hijo de mi hija estar mi nieto. Nothus, i. Masc. Filius notbus: Nothe originis filius. Filha bastarda. Haec notha, ae. Filia notha. Quintil.* [...] (Bluteau, II, 1712: 63).

Ya en Covarrubias se puede leer lo siguiente:

BASTARDO. [...] El **padre Guadix** tiene por arábigo este nobre bastardo, y venir de *baxtaridu*, que vale tanto como por el que quisiéredes, dando a entender que el bastardo le podemos dar el padre que quisiéremos por la incertidumbre dél, especialemtne si la madre es mujer infamada de haber tratado con diferentes hombres; y así Aristoteles, en

el lib. 9 de las Ethicas, cap. 7, sobre esta proposición, cuál tiene más amor al hijo, el padre o la madre, dice: “Filios minus solent patres amare Quam matres, quod hae cerciores sint a suscepta prole, Illia minus certi saepe etiam Dubai”. Y por eso dice el morisco: El hijo de mi hija estar mi nieto. [...] (Covarrubias, 2009 [1611]: fol. 125r-125v).

Todo parece indicar que Bluteau tradujo por completo el párrafo citado arriba de su fuente castellana, es decir, Covarrubias, sin mencionarla una sola vez. Vemos, pues, que Bluteau cita al Padre Guadix como si fuera su fuente directa, aunque es evidente que se sirve de Covarrubias. Podemos deducir que lo mismo ocurrió en otros ejemplos, de los cuales transcribimos aquí tan sólo uno más, donde, al contrario del ejemplo anterior, se menciona a Covarrubias:

ASCUA. He palavra Castelhana, que (segundo **Cobarruvias** no seu Thesouro) he carvão, lenha, ou qualquer outra materia encencdida, e trespallada do fogo. Parece trazer sua origem do Caldeo *As*, que val *Fogo*; ou (como diz o **Padre Guadix**) he o nome Arabico de *Ayxqua*, que val o mesmo que *Mao amor, e má amizade*, porque nenhuma se póde conservar com o fogo, que tudo conforme. Mais propriamente querem outros, que *Ascu* seja a lingua de fogo, como lavereda pequena, propria da tocha ACESA. *Bernard. Armas da Castidade, pag.* (Bluteau, Supl. I, 1727: 79).

Covarrubias indicaba lo mismo, lo que comprueba, una vez más, que Guadix funcionaba como una fuente indirecta de Bluteau:

ASCUA. Carbón o leña o otra cualquiera materia encendida y traspasada del fuego. Dice el **padre Guadix** que es nombre arábigo, de *ayxqua* que vale mal amor y mala amistad, porque ninguna se puede tener con el fuego que todo lo consume. Otros dicen que *axqua*, de *ax*, voz del que se duele. Parece traer su origen de la palabra caldea [...], *as* que vale *ignis, inde ascua* (Covarrubias, 2009 [1611]: fol. 95r).

Para concluir el respecto a la presencia de Guadix como fuente indirecta de Bluteau por medio de Covarrubias, veamos el ejemplo de “chufa”, aunque éste no sea tan evidente como los anteriores:

CHUFA. Vid. Tom. 2. do Vocabulario. Derivase do Castelhana *Chufar*, que he zombar, burlar. O **Padre Guadix** deriva este vocabulo do Arabigo *Xufa*, que quer dizer *Beijo*, porque muitos com ridiculo movimento dos beiços acompanhaõ as suas zombarias. Tenho reparado, que em **Cobarruvias**, e outros Authores de Diccionarios Castelhanos, nao se acha *Chufa*, mas só o diminutivo *Chufeta*; por ventura quereraõ evitar a equivocalaõ com *Chufa*, que tambem em Castelhana he o nome de huma frutinha doce, que se cria ao pé de sua raiz, debaixo do chaõ, de que saõ golosos os rapazes, e por outro nome lhe chamaõ *Cucas* (Bluteau, Supl. I, 1727: 233).

Aunque Bluteau afirme que en Covarrubias no aparece el lema “chufa”, esa información no es correcta; de hecho, encontramos el nombre del padre Guadix bajo la definición de “chufeta”:

CHUFETA. Cuasi trufeta, de trufa, que vale burla en lengua toscana, y de allí decimos truhán el chorrero y hombre de burlas. El **padre Guadix** dice ser nombre árábigo, de *xufa*, que significa labio, porque los que burlan de otro escarnecen con el movimiento de las narices y los labios (Covarrubias, 2009 [1611]: 296r).

Maestro Venegas

Alejo Venegas del Busto (1497 ó 1498-1562) fue escritor, humanista, lexicógrafo y ortógrafo español del Renacimiento. Ostentó el título de Maestro de Gramática en la Universidad de Toledo y también fue Preceptor de Gramática en los Estudios Generales de Madrid. Poseía una vasta cultura, dominaba el latín y el griego y simpatizaba con Erasmo de Rotterdam. Su obra más célebre es *Agonía del tránsito de la muerte con los avisos y consuelos que cerca d'lla son provechosos* (1537), y en materias lingüísticas, el *Tractado de orthographia y accentos en las tres lenguas principales* (1531). Bluteau se refiere a él como “Meste Venegas”, lo que se registra por ejemplo en el artículo “trufo”, donde especifica: “He palavra corrupta de *Triunfo*, que em Castelhana significa o proprio jogo, do qual o Mestre Venegas tirou huas moralidades taõ discretas, que me pareceo bem fazer mençaõ dellas com suas proprias palavras” (Bluteau, VIII, 1721: 315).

TRUNFO – Há *trunfo carta*, & *Trunfo jogo*. *Trunfo, carta*, em alguns jogos he o metal, que sahe; nos jogos da *Espadilha*, e *Renegada*, he aquelle metal, ou *naype*, de que se

faz, quem joga. Trunfo, jogo de quatro parceiros: tomou o nome da carta, que se levanta. He palavra corrupta de *Triunfo*, que em Castelhana significa o proprio jogo, do qual o **Mestre Venegas** tirou huas moralidades taõ discretas, que me pareceo bem fazer menção dellas com suas proprias palavras. (Triunfo quiere dezir *Vencimiento*, y tropheo quiere dezir *Señal* de vitoria, como son las Armas de los Escudos, que nacieron de los triunfos. De aqui se llamó el juego de las basas de naypes *Triunfo*; en donde podremos notar, que los oros, y copas valen màs, mientras son menos, para darnos a entender, que el que menos tiene en este mundo, triunfa del que tiene muchos thesoros: y el que mienes tuviere, triunfarà de la Venus, porque dize Terencio, *Sine Cerere, & Baccho friget Venus*. En el comer, y beber templado, se resfria el incendio de luxuria. De màs deste notaremos, que en el juego del *Triunfo* si juega una a uno, no tiene quien le levant3e, que si dize, no la quiero, se hà d'èchar en la baraja, y si juegan dos a dos compañeros, aunque uno diga, no quiero la carta embidada, puede el outro dezir, yo la quiero, & el quiero edel un compañero levanto al no quiero del outro; assim el Angel, porque no era màs de una sola sustyancia, quando no quizo acudir a la Gracia, y dixo: No la quiero, cayò en la baraja de la confusion del pecado, y por eso su pecado fue irremediable, porque no es màs de una sustancia espiritual; mas el hombre, porque aunque es una persona, es compuesto de dos sustancias, como si casa naturaleza fuesse un compañero, quando la sensualidad dize, no la quiero, diziendo, no quiero el Sermon, no quiero el ayuno, no quiero el trabajo, acude el segundo compañero de la razon, no desmayes, compañero, q yo la quiero, no os echeis, que tengo tres matadores, acompañados del Rey, y punto callado, tengo Fé, Esperança, y Caridad, que son los matadores de los pecados, tengo Rey, que es el libre alvedrio, y el punto callado, que vale más que todo, que es la Passion de mi Señor Jesu Christo (Bluteau, VIII, 1721: 315).

PLEITO. Diz o **Mestre Venegas** que he vocabulo antigo Castelhana, que algum dia queria dizer *Concordia*, como se vê nas Leys de Castella, chamadas *Del fuego Julgo*; & agora tão travados andão, & tão mal travados, que não ha cousa tão opposta à concordia, como he o pleito. [...] (Bluteau, VI, 1720: 547).

De la misma manera que Bluteau critica a Covarrubias, lo hace con Venegas sobre el cual comenta que “na investigação de algumas etymologias tem sua extravagancia” (Bluteau, V, 1716: 186), como podemos leer bajo el lema “louco”:

LOUCO. O **Mestre Aleixo Venegas**, & na investigação de algumas etymologias tem sua extravagancia, diz que a palabra Castelhana *Loco*, (da qual se deriva *Louco*) he

palavra Latina, de *Locus*, que quer dizer ligar, porque como no livro 4. dos *Physicos* diz Aristoteles, que não pode haver lugar, sem que esteja cheyo de algũa materia, chama-se *Loco* aquelle, que puramente he *Lugar*, sem ter o enchimento, que convem a tal lugar. Logo o homem vasto de siso, prudencia, juizo, descrição, & moderação, diremos que he *Louco*, em Castelhana *Loco*, & em Latim *Locus*, porque este tal não he outra cousa mais que *Lugar*, & vasilha, em que as ditas cousas havião de estar. *Amens, ou demens, tis. Omn. Gen. Vecors; dis. Omn. Gen. Insanus*, ou *Vesanus*, a, um, Cic. *Vid.* Doudo. *Vid.* Loucura (Bluteau, V, 1716: 186).

Padre Mariana

Juan de Mariana (1536-1624) fue un jesuita, teólogo e historiador español, que constituye, junto a Baltasar Gracián, un ejemplo mayor de los escritores de la Compañía de Jesús. En su vasta producción resaltan: *Tractatus septem: De adventu Jacobi Apostoli in Hispaniam*; *Historia de rebus Hispaniae* (1592), *De Rege et regis institutione* (1599), *Pro editione vulgata*; *De spectaculis*; *De monetae mutatione*; *De die mortis Christi*; *De annis arabum*; *De morte et immortalitate* (1609). Bluteau lo cita en algunos artículos, entre ellos:

MARRÂNO. Nome injurioso, que algunas nações dão aos Castelhanos, ou que os mesmos Castelhanos atribuem aos Mouros, ou Judeos, que em Castella se convertem ``e Fé Catholica, com presumpção de que a conversao deste genero de homns he apparente, & fingida. O **P. João de Mariana** lib. 7. de Rebus Hispan. Fallando em hũa doação, que Aurelio Rey de Galiza fez a certo Mosteiro na era de 1313. diz: [sigue citación en latín] (Bluteau, V, 1716: 342).

ALADA, ou Alava. Pequena Região de Hespanha; antigamente pertencia a Navarra; depois foi de Biscaya, hoje he de Castella. Cabeça deste Estado he a Cidade de Vitoria, ou Voctoria, que D. Sancho, Rey de Navarra fortificou para se defender delRey de Castella. **Mariana** lib. 8. cap. I. (Bluteau, Supl. I, 1727: 22).

RAMESIO. No tempo de Roma Getilica só os seus Sacerdotes sabião o neme do Deos Tutelar da dita Cidade, mas não o podiaõ publicar, porque os inimigos lhe não fizessem preces, para alcançar que deixassem a tutela de Roma, ou com palavras magicas o levassem Valeriano Sorano condenado à morte, como so vé em Plinio, e Alexandre ab Alexandro. O nome do Deos Tutelar de Roma era *Ramesio*, postoque **Joaõ de Mariana**,

Hist. De. Esp. Lib. I. cap. 10. cuida que aquello nome occulto não era de algum Deos, mas que o tivera Cidade antes que chamasse Roma (Bluteau, Supl. II, 1728: 170).

3.2.5 CIENTÍFICOS

Andrés Laguna

Otra fuente española de Bluteau es el médico Andrés Laguna (1499-1559), quien se había distinguido en la farmacología y la botánica médica, además de ser el traductor español del principal manual de farmacopea medieval y renacentista – *De Materia Medica* – de Dioscórides. De hecho, es éste el nombre que aparece siempre junto al de Laguna en Bluteau. Veamos algunos ejemplos:

ALA. Segundo **Laguna** sobre Dioscorides, liv. I. cap. 17. pag. 33. Ala, & rayz da Ala, he o nome, que os Portuguezes dão à erva, que os Boticarios, chamaõ *Enula campana*. *Vid.* No seu lugar. *Enula campana* (Bluteau, I, 1712: 203).

BATECA, Batêca. **Laguna** sobre Dioscorides livro 2. cap. 124. pag. 218. erradamente dà a entender, que *Bateca* he palavra Portuguesa, & que val o mesmo que *Balancia*, ou (como querem outros) *Melancia* (Bluteau, II, 1712: 69).

HYPOQUISTIDOS. Hypoquístidos. (Termo de Boticario.) Dizem, que he o çumo de Putegas espessado, as quaes são humas ervas, como rosas enfiadas. Mas advertio **Laguna** sobre Dioscorides, lib. I. cap. 108. que o que vulgarmente chamaõ *Hypojuistidos* nas boticas não he o verdadeiro çumo da Putega, mas da erva, a que chamamos, *Barba de Bode*, & Dioscorides chama *Tragopogon* [...] (Bluteau, IV, 1713: 88).

LAMPÂGO. Herva medicinal. Assim chamada, porque he combustivel, & ACESA pode servir de tocha. *Verbascum*, *i. Neut. Plin.* Ha de duas castas, Lampaso branco, a que chamão Macho, & Lampaso negro, a que chamão Femea. Nas oficinas chama-se *Candela Regis*, *Candelaria*, *Tapsus barbatus*, *Phómis Lychnitis*, *herba Paralysis*, *Bracca cuculi*. Babuino no livro 28. da historia das Plantas, cap. 93. diz que os Castelhanos chamão ao Lampaso bravo *Candilera*. Porém **Laguna** sobre Dioscorides não faz menção deste nome, mas chama ao *Verbascum*, Gordo Lobo. O Lamparo deita

hum talo grosso redondo, duro, & lanuginoso, com muito raminho, vestido de folhas compridas, & largas, molles, felpudas, & alvadias, com flores a modo de rosinhas amarelas, que na summidade da planta se ajuntão, & compoem hum molho, ou ramalhete vistoso, (As folhas de hũa herva, a que chamão *Lamposos*, que tem huns botones que se pegão nos vestidos, a que alūs chamão *Amores*. Rego, Sumula de Alveitar. 233.) (Bluteau, V, 1716: 30-31).

SERRALHAS, ou Cerralhas. Herva. Ha duas especies principaes. As certalhas da primeyra especie lanção hum talo tenro esquinado, oco, & tirante a vermelho. As folhas são compridas, lisas, recortadas, hũas com pé, outras sem elle, & abraçadas com base do talo. Nascem as flores no mais alto dos ramos, & formão huns como ramalhetes, amarelos, ou brancos. Esta herva pizada se resolve num çumo branco, a modo de leyte salutifero, particularmente para as inflammações, & dores de estomago. Chamaõlhe em Latim *Sonchus*; do Grego *Soon quein*, que val o mesmo que lançar de si hum çumo saudavel. Para distinguir esta especie da outra, chamaõlhe *Sonchus laevis*, *laciniatus*, *latifolius*. E porque os coelhos são amigos della, & com ella se refrescã as lebres, quando sentem grande calor, com inflammação do figado, & estomago, chamalhe *Apuleso Lactucaleporina*, & outros, *Brassica leporina*, *ae. Fem.* As cerralhas da segunda especie dão folhas pouco, ou nada retalhadas, & muyto mais espinosas, por isso lhe chamão, *Sonchus*, *minus lacinosus*, *asperior*, *sivespinosior*; ou *Sonchus asper*, *non laciniatus*. **Laguna**, sobre Dioscorides, acrescenta a estas duas especies outra, que segundo elle, cresce como arvore, & se acha em alguns lugares de Italia (Das hervas o Trevo, a Chicoria, as *Serralhas*. Noticias Astrolog. Pag. 397.) (Bluteau, VII, 1720: 611-612).

UGEM, Uge, ou Hugia, ou Uia. Na Villa de Setuval, e em alguns Autores se dão estes, e outros semelhantes nomes a hum peixe, de que trata Dioscorides, liv. 2, cap. 19. em que se debe reparar, que o ferraõ, ou aguilhaõ, que diz tem na cauda, entre as escamas, mitiga a dor dos dentes, &c. não tendo este peixe escama alguna, porque he da casta dos peixes planos, e se parece com raya. Tambem se enganou Laguna, dizendo que não he conhecido em Hespanha, avenido em Setuval (pelo que me dizem) grande quantidade delles. Tudo o mais, que refere **Laguna** sobre este peixe, he verdade; e no que toca no ferraõ, que he bom para as dores dos dentes, alguns o te machado por experiencia [...] (Bluteau, Supl. II, 1728: 295).

Juan de Vigo

Otro naturalista al que Bluteau cita varias veces es el renacentista español Juan de Vigo (1450-1520), pionero de la cirugía. A él y a su majestuosa obra titulada *Chirurgia* se refiere Bluteau:

ANTIDOTARIO, Antidotário. He o nome com que alguns Medicos intitularão os Livros, em que tratareaõ dos antidotos. V. gr. O *Antidotario* do Myrepso, de Salernitano &c. *Liber, in quo ejus Author differit, ou disputat de antidotis*. Na Exposição do *Antidotario* 2. parte Apologer. Pelatrituração da salapa. Pag. 12. Como diz **Joannes de Vigo**, no *Antidotario* Recop. I de Cirurg. 55. O livro diz *Antidotario* deve ser erro da impressão (Bluteau, I, 1712: 403).

ESTIOMENO, ou Esthiomeno. (Termo de Medico.) Derivase do Grego Estomenos, que quer dizer Comido, devorado. He no progresso da Gangrena total mortificação destruição, & podridão do membro, o qual se faz negro, molle, & fedorento, como cousa morta. Deraõ-lhe os Gregos este nome, porque neste estado a Gangrena *devorou*, & *consumio* tudo. Por outro nome lhe chamaõ os Gregos Sphaxeios, ou Naerocis, ou Ascachilos, postoque **Joannes de Vigo** quer que este ultimo não seja total corrupção, mas só privação de sentimento no membro. Dizem outros que este mal he o que o vulgo chama fogo de S. Marçal, ou de Santo Antonio. Segundo Calepino chamase em Latim *Sideratio*, onis. Fem. Sinaes da Gangrena, & *Estiomeno*. Recopil. De Cirurg. 82. Os grumos de sangue apodrece, & causaõ *Estiomeno*. Ibid. Pag. 108 (Bluteau, III, 1713 322).

JOANNES. Pós de Joannes, são huns pós, inventados por Loan, ou **Joannes de Vigo**, que (segundo dizem) são excellentes para Chagas corrosivas. (Enxuto se cure com pós de Joannes. Cirurgia de Ferreira, pag. 298) (Bluteau, Supl. I, 1727: 524).

3.3 REFERENCIAS A OTRAS FIGURAS CASTELLANAS

3.3.1 Santos españoles

San Isidoro de Sevilla

Como todo hombre religioso, Bluteau se inspiró sobre todo en los grandes nombres de la Iglesia Católica, como San Isidoro de Sevilla (560-636). “El hombre más sabio de su época”, apodo por el cual es conocido desde siempre San Isidoro de Sevilla, fue uno de los grandes eruditos de la Edad Media y autor prolífico que escribió tratados filosóficos, lingüísticos e históricos. Desde nuestro punto de vista, es una figura crucial ya que sus *Etymologiae* (627-630) son una recopilación de la cultura clásica que se convirtió en el texto más utilizado en las instituciones medievales y hasta renacentistas. Algunas de las citas de San Isidoro de Sevilla están en las entradas siguientes:

ANTIGRAPHO, Antigrapho. He hũ sinal, que outros chamaõ meyo circulo, porque tem esta figura): E serve para quando glosamos a setenta de algũ Author; para com elle dividirmos as palavras glosadas, das que explicamos, ou quando declaramos algum Dito incluindo nelle as palavras, ou Dito, & depois delle escrevemos letra grande. **Santo Isidoro** no Liv. 1. de Grammatica, cap. 20. o chama *Antigraphus*, i. Masc. Os finaes para a boa intelligencia da Oraçaõ, saõ ao todo dezasete, a saber Apostropho, como, &c. *Antigrafo*. Barreto Ortographia da Lingoa Portug. pag. 229 (Bluteau, I, 1712: 405).

CASCADEL, Cascavel. Bolinha de metal, do tamanho de huma avelãs, oca, & furada com hum bocadinho de ferro, ou de outra cousa dura por dentro, que causa hum tinido alegre. Poemse nos peitoraes das bestas, a os pós dos falcoens; & as pernas dos que bailaõ nas festas. Eu o chamara, *Tumulo*, aris cavi bulla, ae. Fem. Alguns lhe chamaõ, Nola, ae. Fem. Porque dizem, que os cascavens foraõ inventado em Nola, Cidade do Reino de Napoles, assim como o sino se chama em latim, *Campana*, porque os primeiros sinos foraõ feitos em huma provincia do reino de Napoles, chamada Campania. *Campana* (diz S. Isidoro, liv. 16. cap. 24.) a regione Italiae nomen accepit, ubi primum ejes usus repartus est [...] (Bluteau, II, 1712: 179).

NOME [...] Nome de Deos. Nenhum nome póde declarar o que Deos he. Com tudo em Deos reconhecem os Theologos tres nomes, hum esencial, outro nocional, & o terceiro pessoal. Nome esencial chamão àquelle, que significa a essencia Divina, ou algum dos attributos communs às tres Pessoas, *Creador*, v. g. *todo poderoso*, &c. são nomes essenciais. Nome nocional he aquelle, que dà noção, ou razão, & idea particular, para se distinguir huma pessoa da outra, v. g. *Innascivel*, *gêrado*, *spirado*. Nome pessoal he o que significa algoma das Pessoas Divinas, ou alguna propriedade constitutiva della, como são, *Pay*, *Filho*, & *Espirito Santo*, *Paternidade*, *Filiação*, *Processão*, ou *Spiraço*. Entre os Hebreos os nomes de Deos mais venerados erão doze. No cap. I do livro 7. faz **Santo Isidoro** menção de dez, a saber. *El*, *Eloi*, *Eloe*, *Sabath*, *Elion*, *Eiece*, *Adonai*, *Jo*, *Saddm*, & *Jehovah*, ou *Jova* (como pronúncia alguns) que por ser composto de quatro letras, he chamado *Tetragrāmaton* [...] (Bluteau, V, 1716: 741).

PÀ [...] Pà de abanar o trigo, ou alimpar o pão. He hum pao, que no cabo tem a modo de huma taboa, de largura, & comprimento de hum palmo, com que erguem o pão nas crias para o alimpar da palha, ou moinha, & nos celleyros para o arejar. *Pala*, ae. *Fem*. Cataõ. Varro. *Pala à ventilandis paleis nominata*, diz **S. Isidoro** lib. 20. 14. Querem alguns que Pala seja o mesmo que *Ventilabrum*, porém *Ventilabrum*, não he pá, mas joyera (Bluteau, VI, 1720: 169).

3.3.2 Literatos

Raimundo Lullo

No podría faltar en las estanterías de Bluteau el filósofo, poeta, místico y teólogo Raimundo Lullo (¿1232?-1315), considerado uno de los creadores del catalán literario y uno de los primeros en usar una lengua neolatina para expresar sus conocimientos humanísticos:

B [...] Em diversas obras suas dá **Raimundo Lullo** a esta letra diversos significados; chamalhe Principios, elementos, ou (segundo a phrasi do dito Author) partes elementadas na materia da Pedra Philosophal; em outro lugar chama ao B Azougue, ou Mercurio, & os quatro elementos, confusos nos metaes [...] (Bluteau, II, 1712: 2).

LUGARES. [...] Lugares communs da Rhetorica. São as fontes dos argumentos, & as circunstancias donde se tomão provas nos discursos Oratorios: v. g. *Util*, *bonesto*,

agradavel, são lugares communs, porque delles commummente se tirão arumentos, & razões, para provar algũa cousa. Tambem tem a Logica seus lugares communs. Toda a arte de **Raymundo Lullo** consiste em certos lugares communs de cousas, cuja significação se pondera toda sucesivamente, para esgotar tudo o que se pode dizer na tal materia. *Loci comunes*, ou *Loci* sómente. Cic. Tambem se pode dizer neste sentido. *Loco, orum. Neut. Plur.* (Bluteau, V, 1716: 201).

Luís de Góngora

Luis de Góngora y Argote (1561-1627) fue poeta y dramaturgo español del Siglo de Oro, máximo exponente de la corriente literaria conocida como culteranismo o gongorismo, que más tarde imitarían otros artistas. A él hace referencia Bluteau él en el siguiente ejemplo:

OLHOS DO SOL. [...] Olhos do Sol se chamão huns pequenos circulos de luz formados pelos rayos do Sol, que passão entre folhas de arvores, ou por buraquinhos, & aberturas pequenas, & reflectem no chaõ, ou em qualquer outro lugar em que dão. Tambem os Castelhanos lhe chamão *Ojos*.

Entre rama, y rama

Quando el ciego dios

Pida al Sol los ojos

Por verlas mejor,

Las vereis pisar

Unas por pinones,

Otras por bailar.

Gongora, Romances lyricos, Romance 8. no fim (Bluteau, VI, 1720: 67).

Pero ésta no es la única vez que el nombre de Góngora aparece en el *Vocabulario*, puesto que en el segundo volumen del Suplemento Bluteau dedica siete páginas al soneto suyo (Cf. 3.4.5), proponiendo una interesante clasificación y ejemplificando cada tipo de soneto que analiza. Así bajo el “soneto polyglotto” anota un soneto gongoriano:

SONETO POLYGLOTTO, CASTELHANO, LATINO, TOSCANO, E PORTUGUEZ,
DE LUIS DE GONGORA.

Las tablas del baxel despedaçadas,

Signum naufragii, pium, & crudele

Del Templo sacro con le rote vele
 Ficáraõ nas paredes penduradas.
 Del tiempo las injurias perdonadas,
Et Orionis vi nimbose stelle
 Raccoglio le smarrite pecorelle
 Nas ribeiras do Betis espalhadas.
 Bolverè a ser Pastor, pues marinero
 Quel Dio non vuol, chel col suo strale sprona.
 Do Author os assopros, e do Oceano as aguas
 Haziendo al triste son, aunque grossero
 Di questa canna gia salvaggia donna
 Saude às feras, e aos penedos màgoas (Bluteau, Supl. II, 1728: 224-266).

Francisco de Quevedo

Francisco de Quevedo (1580-1645) fue un noble, político y escritor español del Siglo de Oro y uno de los más destacados de la historia de la literatura española. Una redondilla suya aparece en el siguiente ejemplo:

MULHER. [...] Mulher calada. [...] Celebres saõ as Redondilhas de **Quevedo**, sobre o Orpheo tirar sua mulher Eurydice do Inferno.

Al Inferno el Theracio Orpheo
Su muger baxo a buscar,
Que no pudo a peor lugar
Llevarle tan mal deseo.
Cantò, y al mayor tormento
Puso suspensión, y espanto
Mas que lo dulce del canto
La novedad del intento.
El triste Dios ofendido
De tan estraño rigor,
La pena que hallò mayor,
Fue bolverlo a ser marido.
Y aunque se muger le diò
Por pena de su pecado:
Por premio de lo cantado,

Miguel de Cervantes

Otro personaje español que no podía faltar en la bibliografía de Bluteau es Miguel de Cervantes Saavedra (1547-1616), considerado el máximo exponente de la literatura española y uno de los más importantes autores universales de todos los tiempos. Bluteau lo cita en el siguiente artículo:

MORRER. [...] Statutum est hominibus semel mori. Demais do que, se a morte não ajudara as doenças, & a velhice nos não livrara della, seria a vida supplicio eterno, faria: os homens votos a morte, & o annuncio della seria o mayor Frazer da sua vida, por isso **Miguel de Cervantes** fazendo fallar hum omem afflicto, & cançado de viver, com sua admirable diferiçãõ disse:

Ven muerte tan escondida,

Que no te sienta venir,

Porque el plazer del morir,

No me torne a dar la vida.

Vid. Morte (Bluteau, V, 1716: 585).

Imagem 5 (Bluteau, V, 1716: 585)

**por isso Miguel de Cervantes fazendo
fallar hum homem afflicto, & cançado
de viver, com sua admiravel discriçãõ
disse;**

*Ven muerte tan escondida,
Que no te sienta venir,
Porque el plazer del morir,
No me torne a dar la vida.*

MIQUELETES, [...] Segundo **Miguel de Cervantes**, no seu Dom Quixote, parte 2. impressa em Anvers, anno 1672. pag. 530. antigamente os Miqueletes se chamavaõ em Castelhana Vandoleros, e Miqueletes parece nome moderno. Em Aragaõ chamaõ-lhe voluntarios. Nas Gazetas de Portugal, onde se falla nas ultimas guerras com Castella, muitas vezes se faz mençaõ de Miqueletes [...] (Bluteau, Supl. II, 1728: 48).

3.3.3 Cronistas

En este apartado se incluyen las referencias a los cronistas de España. En la entrada “zagal”, encontramos huella de las *Chronicas de Hespanha* en el *Vocabulario Portuguez e Latino*:

ZAGAL. Segundo Diogo de Urrea, he palavra Mourisca, derivada do verbo *Cegale*, que val tanto como vestirse de pelles, & como este genero de vestir he proprio de pastores, ou de homens robustos, & fortes, como Hercules, & outros Heroes, que a Antiguidade representa vestidos de pelles de Leaõ, ou outras feras, os Castelhanos derão este nome a homens valentes, & pastores; por isto nas **Chronicas de Hespanha** se acha, que os Mouros puzerão por alcunha a alguns cavalheiros, *Los Çagales*, como se disserão *Os valentes*, & contra elles houve hum chamado *Orezco el sagal*. Como pois os pastores por andarem por campos, & montes, estão muy curtidos às inclemencias dos tempos, forão chamados *Çagales*, como homens mais robustos, principalmente os pastores moços, & ainda não casados, & (segundo Cesar Oudin no seu Diccionario Castelhana, & Francez) *Çagal* he propriamente o pastor moço, & criado do mayoral, ou do senhor do gado, & superior àquelle, a z os Castelhanos chamão *Rabadan* (Bluteau, VIII, 1721: 626-627).

En este ejemplo particular Bluteau no concretó las crónicas a las cuales se refiere. En la época medieval, la crónica era un género literario que gozaba de gran reputación y España se puede vanagloriar de tener una producción muy rica. Algunas de las crónicas generales más notables del siglo XVI fueron: *Crónica general de España que mandó componer Alfonso X el sabio* (1541); *Crónicas de España* (1534) de Esteban de Garibay; *La Crónica de España* (1554), que empezó Florian de Ocampo y que continuó Ambrosio de Morales; y la más distinguida por su estilo sublime, la *Crónica del rey Don Pedro, de Don Enrique II, y de Don Juan I* (1511), de Lope de Ayala. Viendo los títulos, la que coincide con la cita de Bluteau es la crónica de Garibay. De hecho, el nombre Garibay aparece algunas veces en el *Vocabulario*, pero siempre relacionado con su obra *Compendio historial de las crónicas y universal historia de todos los reinos de España* (1556-1571), que sin embargo no puede ser el mismo Garibay, ya que éste nació en 1533, o sea, un año antes de la publicación de las mencionadas *Crónicas de España* (1534). Esteban de Garibay (1533-1600) fue un conocido historiador vasco, nombrado “Cronista de Su Majestad” en 1592, al cual Bluteau hace referencia en los siguientes ejemplos:

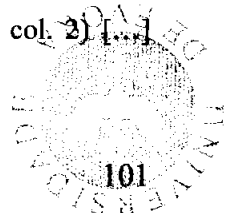
ONHATE. Cidade de Hespanha com titulo de Códado, na Provincia que chamaõ *De la Macha*. Em Biscaya ha outro Onhate, em que o Bispo de Avila D. Rodrigo de Mercado fundou anno de 1543. huma Universidade, com o Colegio do Espirito Santo. Nesta Universidade aprende o **Estevão de Garibay**, celebre Author do Compendio Historial de Hespanha. *Ounatum, ou Ognatum, i. Neut. Lexic. Baudrand* (Bluteau, I, 1712: 79).

ALCALA, Alcalà de Henares. Celebre Cidade de Castella a nova. *Alcalá* he nome Arabico, (segundo **Garibai** no seu Compendio Histor. De Hespanha liv. 7. cap. 10.) val o mesmo, que *Congregação de agoas*. O cognome de *Henares* tomou do caudoso Rio, que a lava, & fertiliza. Em tempo dos Roman, se chamava *Complutum* (como quer Clausio, fundado em antigas moedas, & cipos, que alli se acharaõ.) No tempo dos Godos foi Cidade Episcopal (segundo o P. Mariana) & depois de ganhada aos Mouros por D. Bernardo Arcobispo de Toledo, que flereceo pelos annos de 1126 ficou debaixo da jurisdição temporal, & espiritual de seus Prelados. Tem seu assento 6. legoas de Madrid, para a parte de Guadalaxara, he povo de mil visinhos, que venera por Patronos à seus illustres filhos, & Martyres gloriosos Justo, & Pastor, & áffaz nomeada po sua famosa Universidade eregida pello Arcebispo D. Fr. Francisco Ximenes de Cisneros anno 1499. *Complatum, i. Neut. De Alcalá de Henares. Complutensis, sis. Masc. & Fem. fe, is. Neut.* (Bluteau, I, 1712: 218).

El antes citado Ambrosio de Morales (1513-1591), historiador y arqueólogo español que continuó la *Crónica* iniciada por Florián de Ocampo (1513-1590), también parece haber dejado una huella en Bluteau, que a él alude en los siguientes ejemplos:

MOLLÎTA, ou Mosmelita. Antigamente no Reyno de Portugal os Mouros, filhos dos Christãos, se chamavão *Mollitas*, & mais propriamente *Mozmelitas*. No tomo 2 da Monarch. Lusitan. Livro 7. cap. 12. fallando seu Author em Mahamer, Rey de Merida, que teve senhoria em terras de Lusitania, diz assim (Não sei, se por via da mãy, se do pay, descendia de Christãos, como notou **Ambrosio de Morales**, porque fallando Isidoro, Bispo de Beja, nelle diz que era mollita por geração, nome propio daquelles, que ou deixavão a Fe Catholica, ou descendião daquelles, que a tinham deixado, ainda que seu verdadeiro nome arabigo, era Mozlemitas.) (Bluteau, V, 1716: 548-549).

RASTEJAR. [...] (E **Morales**, que com muyta diligencia descobrio todas as antigualhas de Hespanha, *Rastejou* huns longes desta batalha. Mon. Lusit. Fol. 363. col. 2) [...] (Bluteau, VII, 1720: 117).



ABBADE. [...] Abbade antiguamente em Portugal queria dizer Confessor, & não sem razão, porque (como fica dito) Abbade vem de Ab-bar, que quer dizer Pay, & Cõfessor he Padre espiritual. A causa de se introduzir o nome de Abbades aos Confessores, parece, que ficou já do tempo dos Godos em Hespanha. Observarão **Ambrosio de Morales**, & **Frey Antonio de Yepes**, que quasi todos os Parochos em Hespanha se chamavão Abbades, particularmente naquellas Igrejas, que podião sustentar Diaconos, & outros de ordens menores, que as servissem, & assim o Parocho, que lhes presidia se chamava Abbade [...] (Bluteau, I, 1712: 18).

En el ejemplo anterior, Ambrosio de Morales aparece junto a Fray Antonio de Yepes (15??-1618), otro historiador español y autor de la *Crónica general de la Orden de San Benito* (1617), cuyo nombre se registra también en el siguiente:

DUPLICE, ou duplex. [...] Dupice. Convento duplice. Chamavaõse Conventos Dupleces os que eraõ cõmundos a Religiosos, & Religiosas, que militavaõ debaixo da mesma regra [...] Vimos inferir que Celio, a que todos chamaõ *Monge Abbade*, era da Religião de S. Bento, & o convento em que presidia se affirma ser hum dos *Duplices*, que havia em Portugal, & como tal o refere **Jepes** na sua Historia. Cunha, Bispos de Lisboa, part. I. pag. 56. col. 1 [...] (Bluteau, III, 1713: 311).

Otra obra histórica de la que Bluteau hasta cita unas frases es el *Catálogo Real Genealógico de España* (1639) de Rodrigo Méndez Silva (1607-1675):

PETIGUEIRO [...] Dos Petigueiros de Castella temos de mais a noticia, que se segue. **Rodrigo Mendes da Sylvia** no seu Catalogo Real, e Genealogico de Hespanha, fol. 101. fallando del Rey D. Affonso XII. De Castella diz: *Año de 1328. hizo en Burgos nueva criacion de Condes en Castella, cuyo titulo diò de Trastamara, Lemos, y Sarria a Don Alvaro Nuñes Osorio, su desgraciado valido, Mayordomo mayor, Adelantado, Y Pertiguero mayor en tierra de Santiago (vocablo Gallego, lo propio que Defensor, Alferes, y Jujlicia, dignidad, derivada de los Romanos [...])* (Bluteau, Supl. II, 1728: 130).

3.3.4 “Certo Author Castelhanao”

Además de los anteriores, aparece un “certo Author Castelhanao” y “varios Autores Castelhanos” de los que Bluteau no menciona los nombres:

PELICANO. [...] Em **certo Author Castlehanao** tenho lido, que em Madrid, na fabrica *del Buen Retiro*, se tem visto entre muytos passaros estrangeyros, hũ Pelicano. Mas este mesmo Author, de humas palavras de Olao magno, erradamente conjectura, que o verdadeyro Pelicano he a ave, a que os Gregos chamão *Onocrotalo*, porque o passaro *Onocrotalo*, (segundo o representão Aldovrando; Jonstono, & outros Ornithologicos) tem o bico redondo, & chato, & mal poderia esta ave com este epalmado instrumento, ainda q com biquinho no meyo, picar o peyto de forte, que delle fácilmente sahisse sangue para alimento dos linhos [...] (Bluteau, VI, 1720: 379).

SOLAR. [...] Solar de Fidalgo. He nome deduzido de palabra Latina Solum, que quer dizer *Chaõ*, ou *assonio*, donde o homem està; & assim *Solar* significa Terra, & mais amplamente lugar, ou edificio, em que teve principio algũa familia nobre de Hespanha. Em demonstração de nobreza desta terra edificavão os senhores della hũa casa forte, ou torre, a qual tambem servia para se defendere dos rebates dos Mouros, ou outros inimigos. [...] E na realidade **varios Autores Castelhanos** fazem esta distinção, chamando Fidalgos notorios de Solar conhecido aos descendentes de alguns poucos, Godos, homen nobres, & principaes, que le retiraraõ aos montes de Aragaõ, Biscaya, &c. & unidos com o Infante D. Pelayo o ajudaraõ a recobrar Hespanha [...] (Bluteau, VII, 1720: 698).

3.3.5 Otras referencias

Incluimos aquí el personaje que despierta aún hoy la imaginación de muchos autores españoles. Se trata de una figura histórica y legendaria de la Reconquista, cuya vida inspiró el más importante cantar de gesta de la literatura española, el Cantar de Mio Cid. Ha pasado a la posteridad como El Campeador o El Cid, y así lo recuerda también Bluteau:

CID, ou **Cide**. He palabra Arabica, que significa *Senhor*. Deraõ os Mouros este nome a Rodrigo Dias de Vivar, Capitaõ Castelhanao, pelo grande valor, com que se houve em

todas as batalhas, que os Christãos lhes deran em Hespanha. Deste cognome nasceo, que em muitas partes da Europa, daquelle, que he muy valente, dizemos que he hum **Cid**, ou hum **Cide**.

Pois eu sey, que com chapim,

Faz fataxas, como hum Cide.

Obras Metricas de D. Franc. Mas. Tom. 2 na viola de Thalia, pag. 241. col. I (Bluteau, Supl. I, 1727: 234).

En el *Vocabulario* hasta el caballo de El Cid merece una referencia:

BABIECA. Babiêca. He o nome do famoso cavallo de **Cid** Ruy Dias, do qual dizem, que viveo quarenta, & quatro annos, & que està enterrado à porta de Pedro de Cardena, & sobre sua sepultura està hum Alemo, com hum notavel epitaphio. O seo notavel cavallo, *Babieca*. Galvão, Trat. Da Gineta, pag. 17 (Bluteau, II, 1712: 5).

Entre los artículos de Bluteau, también se encuentra el nombre de un español llamado Fernando Quir, quien, según Bluteau, por haber descubierto una región en Australia, dio su nombre a dicha región:

QUIR. He hũa parte da terra Austral, ou Antarctica, foy chamada assim por **Fernando Quir**, Castelhana, que a descobrio. Mas não se sabe bem se vizinha com as Ilhas de Salamaõ, ou se fica para a parte da Zelanda Nova. Os Europeos não tem nella Colonias (Bluteau, VII, 1720: 69).

4

PALABRAS ATRIBUIDAS AL CASTELLANO

Es bien conocido que la información etimológica es uno de los aspectos más complejos y difíciles en cualquier diccionario. Aunque no podemos aquí analizar en detalle las etimologías apuntadas por Bluteau, ni tampoco realizar su revisión, identificaremos solamente algunos casos en que el lexicógrafo indica o supone un origen castellano. Esto significa que no entramos en consideraciones basadas en la actual ciencia etimológica y que tan sólo pretendemos identificar y señalar las referencias al castellano en la información etimológica integrada por Bluteau, incluso cuando el lexicógrafo se equivoca a respecto del origen de las palabras portuguesas, atribuyéndoles una procedencia castellana.

Antes que nada destacamos los gentilicios derivados de España o los que son tomados como sinónimos de aquellos. En efecto, las voces “español”, “hispano” y “castellano” son presentados como equivalentes, ya que Bluteau remite, como podemos ver en la voz “ispano”, de unas a otras. Ya hemos comentado la definición de castellano en uno de los capítulos anteriores, respecto a la insistencia de Bluteau en las dos expresiones “Espanhol, que não he Portuguez” y “Espanhoes, que não são Portuguezes” (Cf. 1.2.1). Aunque las dos frases de Bluteau pueden ser objeto de diferentes interpretaciones, sino de alguna ambigüedad como comentó Pensado (1983: 200), para el teatino el término “hespanhol” remite para todos los pueblos peninsulares que no son castellanos, ya que todos se integran en la Hispania y que, por otra parte, tales pueblos eran conocidos con sus particulares gentilicios (gallegos, portugueses, extremeños, valencianos, murcianos, andaluces...). Sin embargo, a diferencia de la mayoría de éstos, los portugueses tenían corte propia.

CASTELHANO, Castelhana. Natural de Castella. Assim costumamos chamar qual quer Espanhol, que não he Portuguez) porque Castella, he o Reyno, em que reside a Corte dos Espanhoes, que não são Portuguezes. [...] (Bluteau, VII, 1720: 185).

HESPANHOL, español, ou Espanhol. Natural de Hespanha. No. 2. Tomo da Mon. Lusit. Fol. 53 & 54. com autoridade de inscripções, & escritores antigos, mostra o P. Fr. Bernardo de Britto, que os Portuguezes, ou Lusitanos não eram compreendidos debaixo do nome geral de Hespanhoes. *Hispanus*, a, um. Cic. Era Raynha, & *Hespanhola*. Vieira, Tom. 2. pag. 4. (Bluteau, IV, 1713: 29).

ISPANO. Vid. Hespanhol. Vid. Castelhana. Como quem sabe a lingua *Ispana*. Camoens Cant. 7. oit. 25 (Bluteau, IV, 1713: 208).

HISPANO. Vid. Hespanhol. Disparate da Hispana Christandade. Anré da Sylva. Masc. Destruiç. De Hespanha, liv. I. Oit. 24 (Bluteau, Supl. I, 1727: 496).

Hispano, Hespanhol (Bluteau, Suplemento, Catálogo).

También es curioso el ejemplo de “jobelos” que, según Bluteau, sería el nombre primitivo de los pueblos de la Península. No menos ilustrativo nos parece el extensísimo artículo dedicado al “castellano rabudo”, en el cual Bluteau afirma que era una expresión peyorativa que los portugueses daban a los españoles.

JOBELOS. Jobélos. He o nome, que se deu aos primeiros Hespanhoes, porque há opiniaõ, que Jobaba, neto de Heber, de progenie de Sem, ou Melchisedech, foy hum dos primeiros, que povoaraõ Hespanha. Chamar *Jobelos* aos Hespanhoes. Antiguidade de Lisboa, part. I. pag. 42 (Bluteau, IV, 1713: 188).

Castelhano Rabudo. Por antipathia, ou por emulação, & enveja, ou por odio, bem, ou mal fundado, com anexina, & apodos, costumão injuriarse as nações confinantes. De algũas das ditas causas procedeo, chamarem os Portuguezes aos Castelhanos *Rabudos*. He verdade, que de algũas nações, & familias se conta, que nellas nascem os homens com rabos. O Cardeal Jacobo de Vitriaco escreveo, que nascido em Inglaterra homens rabudos, & parece, que daqui tomãrão occasião os Francezes, para chamarem aos Inglezes, *Rabudos. Anglicos potatores, & caudatos appellantes. Histor. Occident. Cap. 7.* Porém segudo outra opinião mais probable, se deu aos Inglezes este epíteto, por causa de hũa palavra equivoca, que assim como significa *Guapo, bizarro, bem alinhado*, em outra linguagem quer dizer *Rabudo*; & o primeyro significado, he o propriado da nação Ingleza. Não obsta, que não haja homens realmente rabudos. No seu Itinerario escreve Alberto Herport, que na Ilha Ferosa ha huns homens silvestres, com hũa excrescencia de carne a modo de rebete. Estes taes vivem no descampado, & são muy daninhos para os mais moradores da Ilha, porque em apanhando algum delles, o despedaço. O abuso que em Portugal se introduzco nas pessoas nobres, & na Corte, a saber, que a Rainha Dona Brittes, Castelhana de Gusmão, & may del Rey D. Diniz, nascera com rabo. Tanto assim, que el-Rey D. Sebastião, no I. de Agosto de 1469. mandou abrir todas as sepulturas, que estão no Mosteyro de Alcobaca (excepto as del-Rey D. Pedro, & D. Ines de Castro) para ver os corpos daquelles Principes, & com particularidade se fez diligencia, & examen a Rainha D. Brittes, para se averiguar aquella suspeyta, & o P. Fr. Affonso de Fala, Religioso da Ordem dos Pregadores, que se achou presente com el-Rey

naquella occasião, na Historia, que então escrevia, deyxou memoria do caso, nestas palavras: (Alguns dizem, que esta Rainha tinha hum rabo, & vinha por parte da may, de hũa casta, que em Castella nascido com rabos. Dizem, que S. Bernardo lhe tirou este rabo, & mostraos hum manto, que ella lhe deu por isso. O manto, eu o vi, mas se foy dado por isso, ou não, não acho escrito, nem menos, que ella tivesse rabo, mais que affirmares pessoas lidas nestas historias, que o lerdo, que se achava a Rainha *Rabuda*, ao menos ella agora não tem final, porque não faltou fazer sobre isso, diligencia, para saber a verdade disto.) O que nesta materia se pôde dizer com mais acerto, he o que adverte o Doutor Fr. Francisco Brandaõ no 6. tom. da Mon. Lusit. fol. 36. a saber, que não se attribuiò à Rainha D. Britis o nome *Rabuda*, por defeyto, nem por desprezo, mas porque devia ser a primeyra, que em Portugal introduzco as costas de rabo, ou caudatas, vestidura de que usaraõ antigamente as mayores Senhoas, & Princesas, & como na antiga frugalidade Portuguesa se estranhou o traje, derão titulo de *Rabudo* à introductora delle, & por ser Castelhana, aos Castelhanos se attribuiò o mesmo titulo. De mais do que, como nos Reynos de Aragão, Navarra, & Principado de Bearne, a gonte a que chamão *Agotes*, por descender dos Godos, que tyrannizarão aquellas terras, he ainda hoje tão desestimada, & aborrecida dos naturaes, que por desprezo dizem, que nascem com rabos, assim he probable, que sem outro motivo, nem fundamento, que o da aversão, & antipathia natural, particularmente dos animos vulgares, se introduzco em Portugal o costume de chamar aos Castelhanos, *Rabudos*. Guillelme Herneo no livro do *Animal. Gener. Exercit. 9.* diz q em lugares montuosos da Ilha de Borneo, ha hũa casta de gente, que toda nasce rabuda, & escreve Pedro Martur, que n aterra chamada *Insignamin*, ha gente com rabo, não já flexible, como o dos animaes, mas duro, & tão taezo, que se não assentão, senão em bancos furados; & para se asentarme no chão, mandão fazer n aterra buracos, em que metem o rabo. Zahn. Rom. 3. pag. 70. col. I (Bluteau, VII, 1720: 84-85).

Repecto a la información etimológica hay que decir que se registran unas 350 entradas en la nomenclatura del *Vocabulario*, a las cuales Bluteau atribuye un origen castellano. Dicha información aparece de diferentes maneras: “he Castelhana”, “he palabra Castelhana”, “he tomado do Castelhana”, “vem do Castelhana”, incluso “he mais Castelhana que Portuguez”.

1. “o Vocabulo he Castelhana” ~~He vocabulo Castelhana~~

ALVERCA. He vocabulo Castelhana, e val o mesmo que *Terra alagadita*, [...] (Bluteau, Supl. I, 1727: 33).

MATASANO. O Vocabulo he Castelhana, mas usamos delle por chularia, fallando em Medicos ignorantes, que mataõ os faõs. [...] (Bluteau, Supl. II, 1728: 22).

Rancho. [...] he palavra Castelhana, mas quer dizer Pousada. (Bluteau, VII, 1720: 103).

2. “he palavra antiga Castelhana”

REPTAR, ou Retar. He palavra antiga Castelhana, da qual faz menção a segunda ley da Partida, no lugar donde traz a etymologia de Repto, ou Riepto, (que tambem antigamente era usado em Castelhana), [...] (Bluteau, VII, 1720: 267).

OUTORGA. He huma das antigas palavras das Hespanhas. [...] (Bluteau, VI, 1720: 156).

3. “he mais Castelhana que Portuguez”

ARROIO. [...] He mais Castelhana, que Portuguez. [...] (Bluteau, I, 1712: 569).

PLANA. He mais Castelhana, que Portuguez. *Vid.* Pagina. (Bluteau, VI, 1720: 517).

Risco. [...] é mais Castelhana, que Portuguez. [...] (Bluteau, VII, 1720: 345).

XARA. He mais Castelhana q Portuguez. [...] (Bluteu, VIII, 1721: 611).

4. “he tomado do Castelhana” **he tomado do Castelhana.**

VOLVER. Voltar. He tomado do Castelhana Bolver. [...] (Bluteau, VIII, 1721: 573).

5. “he tomado por syncopa do Castelhana”

DESSAR. [...] He tomado por syncopa do Castelhana, Dessalar, que vem a ser como Dessalgar. [...] (Bluteau, Supl. I, 1727: 311).

6. “vem do castelhana”

MOCHILA. Vem do Castelhana *Mochilero*, que quer dizer moço, que leva o alforge do caçador, ou do soldado. [...] (Bluteau, V, 1716: 523).

El teatino también emplea mucho el verbo *derivar* en las frases como: “deriva-se do Castelhana”, “derivão os Castelhanos”, “parece derivado do Castlehano”, “também se poderá derivar do Castelhana” o, simplemente, nos subraya que los españoles “deraõ os Castelhanos o nome”:

se deriva do Castelhana

7. “deriva do Castelhana”

ANTOLHAR. [...] *Vid*, Antojár. Carvoens, cinza, laã, & outras variedades, que se lhe *Antolhaõ*. Luz da Media, 362. Antolhar he mais Portuguez, que *Antojár*, que se deriva do Castelhana *ojo* olho.

8. “derivão os Castelhanos”

ALFARRABIO. Dizem, que era o nome, ou alcunha de hum velho Castelhana, que vendia em Lisboa livros velhos. Hoje se chama Alfarrabio qualquer Barcamarte, ou livro velho [...] (Bluteau, Supl. I, 1727: 26).

9. “parece derivado do Castelhana”

CEROULAS. Parece derivado do Catelhano *Çarazuelas*, que significa o mesmo [...] (Bluteau, II, 1712: 252).

10. “tambem se poderà derivar do Castelhana”

TRAQUINADA. [...] se deriva do Francez *Tracas*, que significa as ideas, & venidas de quem tem muita lida [...]. Tambem se poderà derivar do Castelhana *Traquear*, que he fazer estrondo. [...] (Bluteau, VIII, 1721: 253).

11. “deraõ os Castelhanos o nome”

Prenhadas. Na Ilha Teneriffe deraõ os Castelhanos o nome de Prenhadas a humas Limas, porque são muito gordas, e cheas de outras pequeninas. [...] (Bluteau, Supl. II, 1728: 154).

12. “nas Hespanhas se deo antigamente este nome”

LADINO. Nas Hespanhas se deo antigamente este nome, aos que aprendiaõ melhor a lingua Latina, [...] (Bluteau, V, 1716: 16).

Menos positivas parecem ser las referencias al castellano en expresiones como: “he corrupçam do Castelhana”, “à imitação dos Castelhanos”, “palabra que se nos peguo de Castella”, “deraõ os Castelhanos o nome”, “podia ter passado po Hespanha”, abajo registradas:

13. “he corrupçam do Castelhana” **He corrupção do Castelhana**

GADO. He corrupção do Castelhana *Ganado*, & *Ganar*, que he acrescentar o *Gado*, & dahí qualquer outra fazenda, & *Ganancia* he o que se accrescenta ao cabedal. [...] (Bluteau, IV, 1713: 5).

MOSINHO [...]. Outros com mais fundamento dizem que he corrupção de *Mocinho*, ou *Monasilho*, do Castelhana, por serem instituidas estas porçoens para moços das Sacristias, ou outros semelhantes, que servem nas Igrejas. [...] (Bluteau, Supl. II, 1728: 60).

14. “à imitação dos Castelhanos”

TRATARANETA, [...] Eu à imitação dos Castelhanos, que dizem *Tataranietos*, & *Tataraguelos*, em Portuguez dissera *Tataraneto*, & *Tataraneta*, porque em Castella os meninos por pay, ou paysinho dizem *Tata*. [...] (Bluteau, VIII, 1721: 55).

15. “palabra que se nos pegou de Castella”

DESPEJO. [...] Faz grande dano huma maldita palabra, que se nos pegou de Castella, a que chamaõ *Despejo*, de que muytas mulheres se prezaõ, & certo he, que bom Portuguez, *Despejo* he descompostura. [...] (Bluteau, III, 1713: 163-164).

16. “ja usada entre Hespanhoes”

RECRUTA. [...] Nas conferencias eruditas, que se celebrãõ na livreria do Conde da Ericeyra, anno de 1696. em lugar de *Recruta*, vocabulo estrangeyro, foy proposto *Reforço*, palabra racional, mas achando, que não explicava adequadamente, se admittio *Recruta*, tanto mais, que já he usada entre Hespanhoes, [...] (Bluteau, VII, 1720: 166).

17. “podia ter passado por Hespanha”

PICARDIA. Picardia. Acção bayxa, vil, picara, velhaca. As etymologias que se podem dar a esta palabra neste sentido, são que da *Picardia*, Provincia de França poderia ter passado a Hespanha algũa gente pobre, & vil, de cuja maliciosa bayxeza se tomasse o nome da terra donde vieraõ (segundo Valesio, que deriva o nome da Provincia *Picardia*, do Francez *Piquer*;) porque os Picardos, tomados do vinho, facilmente se picão, ou agravão, & o homem picado, & aggravado, para se vingar, não repara em fazer vilezas, & maldades, poderia ser que *Picardia* viesse a ter em Hespanha o dito significado, *Vid.* Baixeza. *Vid.* Maldade. (O perdoar, he ostentar grandeza, o vingar, picardia. *Fabula dos Planetas*, pag. 56. vers.) (Bluteau, VI, 1720: 479).

18. “palabra usada em Castella”

ALMOXARIFE. [...] A palabra *Almoxarife* Arabiga he, & foi mui usada assim em Castella, como em Portugal; neste Reino se usa ainda, & com ella conhecemos os cobradores das vendas Reaes pellas comarcas. [...] (Bluteau, I, 1712: 276).

Por otro lado, también encontramos palabras a las cuales Bluteau no atribuyó explícitamente el origen castellano, pero nos ofrece informaciones sobre su uso entre los españoles, por medio de frases de tipo dicen/llaman/pronuncian/escriben los castellanos:

19. “dizem os castelhanos”

PIOLHO. [...] Dizem q os Castelhanos quanso saqueárão o Palacio de Mothezuma, acharão nos seus thesouros muitos sacos cheyos de piolhos, hoje toda a piolharia esta nas casas dos povos, a que exorbitancia dos tributos não deixa outra cousa, que as sordidas insignidas sa sua pobreza. [...] (Bluteau, VI, 1720: 521).

20. “chamão os Castelhanos / em Castella chamão” os Castelhanos chamaõ

CHAMORRO. Assi chamavaõ antigamente os Castelhanos aos portuguezes, por desprezo, parece que, porque se costumavaõ a tosquiar, contra o costume da outra gente de Hespanha, que traziaõ cabelleiras largas, porque *Chamorro* quer dizer Tosquiado, & chamaõ hoje alguns Castelhanos *Chamorras* às ovelhas tosquiadas. Chronic. del Rey D. Joaõ o I fol. 211. El-Rey D. Joaõ o I. de Castella, chorando a perda da memoravel batalha de Aljubarrota, dizia, que não tivera tanto sentimeto, se o vecera qualquer outra naçaõ do munso, mas que não podia levar em paciencia, q o vencessem os Chamorros. Podera considerar El-Rey, de Castella, que aindaque cada hum daquelles Portuguezes, que o venceraõ era hum Santao no valor, não trazia o esforço nos cabellos, senaõ nos braços. (Bluteau, II, 1712: 207).

MULADAR. [...] Em Castella chamão *Muradal*, ao lugar fora dos muros de huma povoação, aonde se deita o esterco, & mais inmundicias, & porque he fora dos muros, se chamou *Moradal*, & dalli *Muladar*, trocando as letras. (Bluteau, V, 1716: 628).

CIMENTO. [...] De *Cementum* fizeraõ os Francezes o seu *Ciment*, que he certa casta de Argamaça; & os Castelhanos chamaõ aos alicertes *Cimiento*, por ventura, porque nos alicertes costumaõ lançar a pedra como a natureza a fez, & sem ser lavada. [...] (Bluteau, II, 1712: 314).

21. “os Castelhanos pronunciam”

SETUVAL. [...] Como os Castelhanos pronunciação Setubal, com b, em lugar do v, este nome deu causa a se enganar Florião do Campo, dizendo, que Setubal fora o primeyro lugar, que Tubal edificàra em Hespanha. [...] (Bluteau, VII, 1720: 628).

22. “em Castelhana escrevem”

ORATE. Algũs em Castella escrevem Horate, & querem que se derive de *Hora*, [...] (Bluteau, VI, 1720: 99).

Por último, analizamos los siguientes ejemplos:

23. “em Castelhana he o mesmo”

SALAMANDRA. Vid. Tomo 7. do Vocabulario. Se em Castelhana *Salamandria* he o mesmo que entre nós *Salamandra*, e *Salamanquesa* o proprio que em Portugal *Salamantega*, ou *Salamantiga*; debe de haver entre estes dous bichos alguma diversidade [...] (Bluteau, Supl. II, 1728: 190).

24. “temos em castellano”

EMPRESA [...] mas tambem se apropria a palavra *Empresa*, às imagens, & representaçoens das Heroixas virtudes dos Santos; como se ve nos dous volumes, que o P. Fr. Joaõ dos Prazeres imprimio da Vida do Gloriosos Patriarca S. Bento, discursada em *Empresas*, & pela mesma razão temos em Castelhana as *Empresas Sacras* do Padre Francisco Nuñes de Cepeda. [...] (Bluteau, III, 1713: 72).

25. “som Castelhana”

PASSA-CALHE. Som Castelhana, que se toca com qualquer instrumento de cordas. (Bluteau, Supl. II, 1728: 116).

26. “de Castella”

OREJONES de Castella são pecegos passados, ou peras. [...] (Bluteau, Supl. II, 1728: 95).

27. “ouvi dizer de hum Castelhana, que em Granada se chama”

SALMONEJO. [...] Ultimamente ouvi dizer a hum Castelhana, que em Granada se chama Salmonejo o ocelho, guizado com varios adobos. [...] (Bluteau, VII, 1720: 449).

Muchas veces, como podemos observar en los siguientes ejemplos, los artículos de Bluteau se convierten en “pequenos dictionarios”:

BRIGA. [...] confusoens, & pendencias, que depois forão chamadas Brigas, não so em Hespanha, mas também em Italia, França, Inglaterra, &c. como se pode ver em papeis antigos [...] (Bluteau, II, 1712: 192).

MARACUJA. [...] Os Castelhanos lhe chamão Granadilla, por ter o fruto desta planta alguma semelhança com a romaã, a que elles chamão Granada. (Nomen hoc imposuerunt Hispani [...]) (Bluteau, V, 1716: 317).

PALMALHA. Jogo que os Castelhanoes chamão Palmallo, os Italianos Palamaglio, os Francezes Pale-mail, palavras todas derivadas do Latim *File mallens* da *pêla*, ou *hola*. [...] (Bluteau, VI, 1720: 191).

PAVILHAÕ, ou pavelhaõ. Os Castelhanos dizem *Pavellon*, os Francezes *Pavillon*, os Italianos *Padiglione*, & em todas estas linguas se pode esta palavra derivar do Latim *Papelis*, quer signifique *Tenda de guerra*, quer sugnifique *Barboleta*. [...] (Bluteau, VI, 1720: 326).

RELAÇÃO [...] Chamão os Latinos as casas donde se administra Justiça, *Juridici conventus*, que nós chamamos *Relação*, & os Castelhanos *Chancellarias*. [...] (Bluteau, VII, 1720: 215).

REPARAR. [...] Reparar chamão os Pregadores Hespanhoes, levantar difficuldades, & propor duvidas sobre lugares da sagrada Escritura, das quaes resultaõ as sentenças moraes, a que chamão Conceytos. Vis. Conceyto. (Bluteau, VII, 1720: 253).

SERRA. [...] Serra. Trazer aquí os nomes de todos os montes, que os Portuguezes chamaõ Serras, & os Castelhanos Sierras, seria processo infinito. [...] (Bluteau, VII, 1720: 611).

DONINHA. [...] He huma especie de doninha de cor ruiva, que se cria nos montes, e he muy ligeira, e com seu rabo muy felpudo, se defende do Sol, donde lhe chamaraõ os Latinos *Sciurus*, de Sxía, que no Grego he *Sombra*, e *Oura*, *Rabo*. Os Castelhanos lhe chamaõ *Harda*, e no diminutivo *Hardilla*; os Francezes *Ecureau*, eu *Ecurevil*, os Italianos *Schirato*, ou *Schiratolo*. Nos nossos Diccionarios Portuguezes não acho o seu progrio nome Portuguez, porque sobre a palavra *Sciurus*, ou ([...]) *Sciurus Getulus*, ou *Sciurus varius*, ou simplesmente *Varus*, na sua *Prosodia* verbo *Sciurus*, o Padre Bento Pereira diz: doninha de rabo muy felpudo, a modo de raposa, sobre a dita palavra no seu *Diccionario Lusitanico-Latino*, nenhum nome lhe dá, mas diz assim *Sciurus*, hum certo animal. Agostinho Barbosa no seu *Indeznominatum linguae Latinae*, não faz menção delle, só Amaro de Roboredo no seu *Compendium Calepini*, com nome Castelhana, e Orthografia portugueza diz, *Sciurus*, [...] (Bluteau, Supl. I, 1727: 329).

PE [...] Entre nõs creaturas mortaes até o nada tem muitos nomes, os Castelhanos, como nõs, lhe chamaõ *Nada*, os Latinos *Nihil*, os Italianos *Niente*, os Francezes *Rien*, os Inglezes *Nothing*, os Alemaens *Nichis*, os Gregos *Ouden*, ou *Miden*, os Hebreos *Ephes*, ou *Belimah*, [...] (Bluteau, Supl. II, 1728: 119).

Para concluir, presentamos dos casos curiosos que aparecem en el *Vocabulario* – “coche” y “menino” – los cuales, según Bluteau, los españoles tomaron del portugués, ya que es un equivalente de *mi niño*, junto con “menina”, que es señora “da primeira qualidade”:

COCHE. Carruagem de quatro ródas, tirada por mulas, ou cavallos. He nome generico, porem hoje se não chama coche senão aos antigos, ou aos Castelhanos; mas se diz fullano tem coche, ou faz hum coche. [...] (Bluteau, II, 1712: 353).

MENINO. Aos Castelhanos, na qua à mi niño, & por isso tomarlo da lingua Portugueza a palavra *Menino*, & cem ella chamão como nõs aos filhos dos senhores de qualidade, q de paquaenos entrão em palacio a servir as pessoas Reaes, no Paço, & fora delle anuão sem capa, & sem chapeo. A’ imitação dos Castelhanos, chamão os Francezes *Menin*, [...] (Bluteau, V, 1716: 422).

MENINA. Rapariga. *Puella*, *ae. Fem.* [...] Meninas, no Paço de Madrid chamaõ às ayas das Infantas. São señoras da primeira qualidade, & moças, ouvi dizer que lhe chamão Meninas, porque andão com calçado Baixo, & sem chapins. [...] (Bluteau, V, 1716: 421).

5

OTRAS MENCIONES

5.1 *Mención a la ortografía del castellano*

Al iniciar cada capítulo dedicado a una nueva letra Bluteau describe el uso ortográfico de las letras y no siempre se limita a la lengua portuguesa, pues en los siguientes casos alude también al español. En todos ellos observa las diferencias ortográficas entre las dos lenguas, las cuales asentaban en las respectivas realizaciones fonéticas: la F- latina en castellano, debido a la aspiración medieval, se convierte en H (fazer y hacer, etc.); a la grafía de la palatal palatal lateral portuguesa (LH) le corresponde en castellano la LL; en donde el español tiene una -n final en portugués hay una -M final (sin/sem, con/com, etc.), lo que traduce que en portugués hay vocales nasales, mientras que en español hay una secuencia de vocal y consoante dental; el diptongo AÕ portugués equivale en español a las terminaciones AN o ON (capitão/capitán, fultão/falcón, etc.); la nasal palatal en castellano se escribe con Ñ, contrastando con la grafía portuguesa (NH) y, finalmente, la C española, con valor de fricativa, es explicada con base en el cambio (palatalización) que afectó a la oclusiva T latina seguida de vocal anterior (lección/lectio, etc.). Añádase, por último, que Bluteau se refiere a las diferencias fonéticas por medido de la grafía, lo que era propio del estado del conocimiento y de la descripción del cambio lingüístico. Véanse los ejemplos relativos a los aspectos antes aducidos:

F. [...], parece que os Portuguezes para mais differençarem o seu idioma do Castelhana, se valerão so F em muyots vocabulos, que começaõ por H, porque os Castelhanos dizem Hazer, Higado, Higo, Haya, Hazanha, &c. o Portuguez diz Fazer, Figado, Figo, Faya, Façanha, &c. (Bluteau, IV, 1713: 2).

L. [...] Na sua Orthographia pag. 11. &c. traz Duarte Nunes de Leaõ razões, para provar que os Castelhanos erradamente suprem o nosso Lh com dous LL, & q neste particular estamos melhor que elles, porque a todos os vocabulos Latinos, que tem dous LL, & na lingua Castelhana guardão o soido Latino, necessariamente tiraõ hum L, como nestas palavras *Sylogismo*, *Sylaba*, *Colegio*, que de outra maneyra escrevendoas com dous ll, como devia ser, ficarão dizendo, *Silhogismo*, *Sylhaba*, *Colhegio*, &c. [...] (Bluteau, V, 1716: 3).

M [...] Huma das razões de não pronunciarem os Castelhanos o Portuguez com facilidade, he que onde nos terminamos as palavras em M, acabão nos terminamos as palavras em M, acabão elles com N, como quando dizem En, Sin, Con, &c. que

respondem ao nosso Em, Sem, Com, &c. [...] pela analogia, & respeito que a lingua Portugueza vai tendo com a Castelhana, sempre terminamos em *aõ* as diçoens, que em Castelhana acabão em *on*, eu *an*, como *Capitaõ* por *Capitan*, *Fulcaõ* por *Falcon*. [...] (Bluteau, V, 1716: 226-227).

N. [...] Denotão os Castelhanos este *NH*, com *N*, & tal nesta forma, ñ, & assim dizem *Alemaña*, pelo que dizemos *Alemanha*. [...] No seu Lexicon Philologico diz Martinho Martini, que este *N* val o mesmo, que acerca dos Hespanhoes *Fulano*. O que na opinião de alguns procede, de que antigamente nas Escrituras *EN Joaõ*, quer dizer *O Senhor Joaõ*, ou *Fulano Joaõ*, & *NA Joana*, valia o mesmo que *A Senhora Joana*, ou *Fulana Joana*, [...] (Bluteau, V, 1716: 656).

T. [...] Em muytas dições trocaraõ os Castelhanos *T*, dos Latinos em *C*, dizendo *Sciencia* por *Scientia*, &c. *Leccion* por *Lectio*, &c. *Incarnacion* por *Incarnatio*, &c. na opinião de alguns, a razão desta troca he o *C.*, q he letra q se forma quasi assoviando, & dos Mouros, de que foraõ dominadas as Hespanhas, tomàraõ os Castelhanos este sibilante sonido. [...] (Bluteau, VIII, 1721: 1).

5.2 Ejemplos, refranes, anécdotas

A parte de los aspectos antes comentados, hay que señalar que el castellano figura en los artículos de Bluteau, en el ámbito de definiciones de ciertas palabras que suscitan anécdotas relacionadas con españoles o sus actividades. Veamos los casos más curiosos, empezando con los ejemplos más cortos en que “lo español” está simplemente mencionado:

DISPARAR. [...] Disparar hum tiro. *Vid.* Tiro. Naõ dispara tiro, que naõ acerte. *Nunquam displodit sistulam ferrcam, nisi certo uctu.* Hũ tiro que *Disparaõ* Castelhanos. Vida del-Rey D. Joaõ. I. (Bluteau, III, 1713: 247).

MANEJAR. [...] Manejar. Obrar o cavallo bem a lição. Observar bem a lição do manejo. Este cavallo maneja bem. *Egregiè se regi, ou donari finit hic equus. Suo domitori belle paret, ou ebtencerat hic equiis.* (Nenhum cavallo Hespanhol manejava melhor. Galvão, trat. Da Estardiota, 479.) (Bluteau, V, 1716: 287).

QUEBRAR. [...] Quebrar lanças. Pelejar. Vid. No seu lugar. (Quebràrao os Castelhanos hum pouco as lanças, por se não meter nellas. Guerra do Alem Tejo. Pag. 30.) (Bluteau, VII, 1720: 41).

Véase uno de los numerosos artículos en que Bluteau cuenta alguna historia o curiosidad relacionada con España o sus habitantes, llegando a atribuir a los castellanos la invención del chocolate:

CHOCOLATE. [...] Os Castelhanos depois de estabelecidos naquéllas partes acharão a Bainilha, ou Vainilha, & excluindo muitos ingredientes do Choclatl dos Indíós, em cujo lugar puzeraõ a Bainilha, compuzeraõ o Chocolate na fôrma, que hoje se usa. [...] (Bluteau, II, 1712: 298).

Los castellanos aparecen igualmente en los refranes portugueses recogidos en la microestructura del *Vocabulario*:

MUITO. [...] Adagios Portuguezes de Mutio. [...] Muito pão tem Castella, mas quem não tem, lazera. [...] (Bluteau, V, 1716: 627).

CASAMENTO. [...] Casamento. Adagios Portuguezes. [...] De Castella, nem vento, nem *casamento*. (Bluteau, II, 1712: 176).

Imagen 6 (Bluteau, II, 1712: 176)

De Castella, nem vento, nem Casamento.

Bluteau acude a la referencia castellana para ejemplos para los cuales podría haber escogido otro gentilicio, ya que la historia o anécdota no tiene nada de español:

NOMINA. [...] Contase de hum Castelhana, que deo à hospeda, que estava de parto, huma nomina, afirmando que teria bom sucesso. Deo-lhe a hospeda bem de cear, & bem de comer à sua mula, & o dia seguinte pela manhã se poz a caminho. Querendo pois a hospeda por curiosidade ver o que estava escrito dentro, achou hum papel que dizia, Coma mi mula, y cene yo, si quiera para, si quiera no. [...] (Bluteau, V, 1716: 742).

Como ya hemos dicho, Bluteau transforma varias veces sus artículos en pequeños diccionarios al comparar distintas lenguas vernáculas, buscando semejanzas y diferencias de uso en diferentes lenguas. En el ejemplo de “semana” traduce los nombres de los días al italiano y al francés, y en el artículo dedicado a “Tetragrammaton” hasta aparecen lenguas de todo el mundo, muertas y vivas, tanto de Oriente como de Occidente:

SEMANA. [...] Ficarão ainda hoje em varias partes da Christianidade estes nomes, excepto no Domingo, que he o dia do Senhor, & no Sabbado, porque os Castelhanos, Italianos, & Francezes usão com differente corrupção dos nomes dos Planetas, como se vê no Lunes, Martes, Miercoles, Jueves, & Viernes dos Castelhanos, no Lunedì, Martedì, Mercoledì, Giovedì, & Venerdì dos Italianos, & no Lundy, Mardy, Mercedy, Jeudy, & Vendredy dos Francezes. Só os Portuguezes confirmando-se com a Igreja, que segundo a ordem do Papa Sylvestre (como refere Beda, De Natura rerum, cap. 8) mudo uestes nomes Gentilicios em Feiras, chamaõ ao primeiro dia Domingo [...]. (Bluteau, VII, 1720: 563).

TETRAGRAMMATON. [...] Chamàrão os antigos Toscanos a Deos *Esar*, os Assyrios lhe chamão *Adad*, os Macedonios *Bedi*, os Persas *Syre*, & os Magos de Persia, *Orsi*. Ente Godos, hũs chamàrão a Deos, *Oden*, outros *Thor*, & outros *Froe*. Os Gregos lhe chamão *Teos*, os Tartaros, *Itga*, os Sarmatas, *Bouh*, & *Istu*; os Esclavoens, *Bog*, ou *Boog*, os Alemaens *Gott*, ou *Godt*, os Inglezes *Good*, os Castelhanos *Dios*, os Portuguezes *Deos*, os Italianos *Idio*, os Francezes *Dieu*. Os Arabes, Sarracenos, & Turcos, chamão a Deos *Allà*, outros discipulos de Mafoma, *Abdi*, alguns povos da India *Esgi Abir* (quer dizer Creador do Universo.) Finalmente os moradores da Ilha Formosa lhe chamão *Ethye*. Certa nação do mundo novo lhe chama *Zoni*. Segundo Cicero, no livro 2 de Divinitat. Os antigos Romanos chamàrão a Deos *Aius*, *eo quod Aiebat*, & loquebatur, [...], Autor delles lhe chama *Tupa*, que na lingua daquelles Indios val o mesmo que *Espantosa excellencia*. (Bluteau, VIII, 1721: 139-140).

5.3 Citas en castellano

Muchísimas veces, Bluteau incluye en sus definiciones frases enteras en castellano, aspecto que queda ilustrado en los ejemplos siguientes:

VELHO. O que està na idade, que se segue à de verão. Na idade de sessenta annos, o homem he velho, o cavallo nos vinte. Hum Fidalgo Castelhanao velho, dizia pelas cãas, *Que no era mala la color, se se usara, & outro, Que no sabia que se hiziesse, porque si se rapava, parecia vieja, y si no, viejo*. Vi.d Velhice (Bluteau, VIII, 1721: 387).

OFERTA. [...] Achey muita graça no Dito de hum Cavalheyro Castelhanao, chamado D. Bernardino de Ayala, que estando para morer em hum lugar perto de Toledo, & vindo o Cura untilllo, & andando muyto solícito em negociar a offerta que esperava, vio-o D. Bernardino, & entendeo-o, & chamou hum amigo, & parente, & dísele: *D. Juan dezia al Cura que se modere, sino juro a Dios, que me vaya morir a Poçuelos*, que era hũ lugar dahi a duas legoas *Donnum, i. Neut*. [...] (Bluteau, VI, 1720: 46).

Del mismo modo, también dichos españoles están incluídos en el *Vocabulario*, sea en castellano, como podemos notar en el ejemplo “verde”, sea en traducción portuguesa, como en “carrilho”:

VERDE. [...] Os Castelhanos nos dizem, *Darse en verde*, por tomar hum regabofe. Entre os mesmos, *Estar se uno verde*, he não deixar a louçania de moço, havendo entrado em idade. [...] (Bluteau, VIII, 1721: 435).

CARRILHO, Carrilho, como quando se diz, Comer a dous carrilhos (proverbio Castelhanao, usado em Portugal), [...] (Bluteau, II, 1712: 163).

Las citas se muestran también en forma de poesias enteras¹⁷, como en los ejemplos de “chicisbeo” y “politica”, en los cuales, por médio de un soneto, Bluteau da consejos sobre cómo gobernar bien:

CHICHISBEO. [...] He nome, que alguns Portuguezes trouxeraõ de Italia, aonde assim chamaõ a huns Fidalgos moços, que descarapuçados, e a pè, vaõ seguindo as liteiras das Senhoras, conversando com ellas, acompanhando-as nas visitas, e fazendolhe outros cortesãos obsequios, segundo o estylo da terra. Como esta cortesania he taõ pouco conhecida neste Reyno, e taõ contraria ao genio desta nobreza, me pareceo bem declarar os mysterios deste titulo, com as Decimas discretíssimas de D. Eugenio Gerardo Lobo,

¹⁷ Para el enlace entre Bluteau y la poesía castellana vease el apartado 3.4.5.

Capitão de Cavallos Couraças do Regimento velho de Granada, o qual na desposta, que dá a huma Senhora Castelhana, que lhe perguntou, que cousa he *Chichisbeo*, diz assim:

*Es, Señora, el Chichibeo,
Una immutable atención,
Donde nasce la ambicion
Estrangera del deseo.
Exercicio sin empleo
Vagante llana, sin lumbre,
Una elevación sin cumbre,
Un afan sin inquietud,
Y no siendo esclavitud,
Es la mayor servidumbre.*

*Es un enfatico gusto,
Gloriosamente empleado
En fomentar un agrado
De una humilde vanidad;
Donde la capacidad
Con sus caudales se obliga
A ala incessante fatiga
De toda una ociosidad.*

*Es un racional tributo,
Que la diversión previene,
Sobre una ara, donde tiene
Propiedad, sin usufruto:
Un decoro estatuto
Del que es suavísimo imperio,
Desahogo de lo serio,
Respiracion del cuidado,
Y es un chiste disfrazado
Con mascara de mysterio.*

*Es un dominio, que alcanza
Inmensa jurisdicción
Y parece posesión,
Y no toca en esperanza.
No expone la confianza
A pouca seguridad,
Antes bien la voluntad
Exempta vivie el daño,
Porque se trata este engaño
Con la mayor realidad.*

*Es afectado tormento
De un cauteloso alvedrio,
Que encamina al desvario*

*Por reglas de entendimiento-
Seguro consentimiento
De reciproca llaneza,
Donde parcial la agudeza
Vende en manos del primor
Agrado, que no es favor,
Afflicto que no es fineza.*

*Es aquella de Platon
Alta idea respetable,
Que hizo a el alma separable
De su misma propensión,
Subtilissima opinión
De natural repugnancia,
Pues la comun elegancia
De los preceptos, que informa
Sin materia admite forma,
Accidente sin substancia.*

*Es una correspondencia
De pensamientos visibles,
Que de algunos imposibles
Haze talvez apariencia:
Antibiologica ciencia,
Del ignorar y saber,
Empeñada en proponer'
Con repugnancias notables,
Los principios demostrables
De lo que no puede ser.*

*Es, en fin, ficcion hermosa
De autorizada cautela,
Indefectible novela
De una verdad mentirosa;
Perspectiva, que ingeniosa
Abulta lo que desvia,
Elevada fantasia.
Sin efecto, y sin favor,
Y es de las ansias de amor
La mas discreta ironia.*

*Este es, Señora, el retrato
Mas legal, mas parecido,
(Según lo que he comprendido)
Del Señor Chichisbeo, &c.*

Os Italianos escrevem *Cicisbeo*, porque pronunciaõ o C antes do I, como ch, e segundo este modo de escrever de *Cicisbeo*, formaraõ este anagrama puro, ainda que impuro, *Sii becco*. (Bluteau, Supl. I, 1727: 228-229).

POLITICA. [...] me veyo às mãos hum Soneto Castelhana, com as principaes advertencias politicas, necesarias a hum Principe para o bom governó, & prosperidade dos seus Estados. Com o preso se fará mais publico, que com andar escrito de mão.

*Cobrar y administrar com buena cuenta,
 No dar a quien por si no lo merece,
 No quitar lo que al otro pertenece,
 No permitir q el premio pare en venta.
 Pegar las deudas, q el descuido argumenta,
 Y moderar el gasto, que empobrece,
 Tener en el, que más justo parece,
 Providencia prudente, y no avarienta.
 Socorrer las fronteras sin tardanza.
 Mantener en su honor a la Milicia,
 Formentar del comercio la ordenanza.
 Formar Artes fabriles con pericia,
 Alentar las virtudes, y lembrança,
 Y sobre tudo administrar injusticia. [...] (Bluteau, VI, 1720: 577).*

Para concluir, demostrando que y probar que Bluteau incluye poemas españoles en todo tipo de entradas, veamos lo que aparece en “Baxana. Arvore do Reyno de Deli”:

BAXANA. [...]

No seu Diario Metrico, Soneto CCCXXVII. Compara Joseph Soares da Sylva o Mysterio da Immaculada Conceição de Maria Santissima, com os maravillosos effeitos da dita planta, e diz assim:

*De Deli en la Region, Mayolo escribe,
 Que um arbol ay, que tal virtude adquire,
 Que a quel que toca en sus raizes, muere,
 E a quel, que gusta de sú fructo, vive.
 En este prodigioso arbol describe
 Naturaleza, quanto le prefiere
 La gracia, haziendo su poder modere,
 Quando en su oposición mas se apercibe.
 Assi se advierte, y mira practicado,
 Siendo Maria fruto saludable
 De arbol humano, en la raiz infecto.
 Inficionale Adan con el pecado,
 Pero no pudo al fruto, que inculpable-
 Le desvanece su mortal efecto. (Bluteau, Supl. I, 1727: 116).*

5.4 Poesía

Quaõ bem que soa o verso Castelhana.¹⁸

Empezamos este apartado con los versos de Camões que aparecen en el volumen VII del *Vocabulario* bajo la entrada “quanto” y que, por lo que veremos a continuación, muestran que Bluteau quizás compartía la opinión del gran poeta portugués. La poesía lírica española ya fue mencionada en el apartado 4.2.6.2, dedicado a Luís de Góngora, cuyo nombre y poemas aparecen algunas veces en el *Vocabulario*. Es cierto que en buena parte vienen a propósito de la terminología relacionada con la poesía. En la mayoría de los casos Bluteau completa artículos con sonetos, composición poética a la que dedica siete páginas enteras, que hemos entresacado del Suplemento¹⁹ para así demostrar de forma la extensión y el esfuerzo de la labor de nuestro lexicógrafo:

¹⁸ QUANTO [...] Camões, Ecloga I. Estança. [...] (Bluteau, VII, 1720: 17).

¹⁹ **Imagen 7** (Bluteau, Supl. II, 1728: 221-227)

SONETO SIMPLES.

*Ao Arcanjo São Rafael, pedindolhe diri-
ja huma perigosa navegação.*

Ploto celestial, Norte Divino,
Primeiro Tifis, Palinuro bello,
Guiador de Tobias a Gabello
Igual luz que do velho, do menino
Este madeiro, que sem luz, sem rino
Corta do Mundo tanto paralelo,
Que preago se mostra em seu desvelo,
Mais do naufragio, que do porto dano.
Soccorrey, e guay entre as porfias
Dos erros, e das sombras, q' ignorante
O desvião do porto verdadeiro.
Qual como fostes a ambos os Tobias,
Do pay mézinha, e Medico elegante,
Do filho guia, e doce companheiro,

*No Soneto simples os oito versos primeiros
se chamaõ pès, e dos seis ultimos se fazem
as duas voltas; e não haõ de levar con-
sonante algum dos que vão nos pès, se-
nã for no Soneto, a que chamaõ
Continuo.*

SONETOS DOBRADOS.

*Ha tres generos delles: chamaõlhe Do-
brados, porque dobrã as consonancias com
certos versos, que o Poeta lhes accres-
centa; o que se não faz nos So-
netos simples.*

DE SONETOS DOBRADOS,
PRIMEIRO GENERO,

Ao Amor Mundano.

SON

SONETO. No setimo tomo do Voca-
bulario temos dado conta da differença
dos Sonetos, mas sem exemplos delles,
circunstancia necessaria para a noticia,
e uso deste genero de Poesia.

Tom. II.

T. iij Halago,

222 SON
Halago, con que muere nuestra vida,
Enrada sin salida,
Castillo, que debaxo està minado.
Celada de enemigos en la sierra,
Fingido lamentar de Crocodilo,
Candela sin pavilo,
Velea de tejado variable,
De lana por torcer delgado hilo,
Engaño manifesto, y delcitable,
Calentura incurable,
Promete paz, mas es la misma guerra.

DE SONETOS DOBRADOS,
SEGUNDO GENERO

A LOS INNOCENTES.

Nuevo esquadro de gète señalada,
Tierna, y no acostumbrada
Al exercicio de la guerra,
Los filos de la más cruel espada,
Que fue en el Mundo usada,
Sin os dexar poner el piè en la tierra.
Batalla atroz, sangrienta, y desastada
Publican: o sagrada,
Y fuerte cõpañia, en quien se encierra
La fortaleza, y gracia anticipada,
Ay dad la vida amada,
Que vuestra madre en defenderla yerra.
El niño, que ha nacido, està a la mira,
Y por vós otros mira,
Mirando que vos otros degollados,
Qual victima por el sacrificados
Del padre mitigaís la justa ira,
Y quanto más se oyra
El Rey, y sus Ministros desfalmados,
Mas son vuestros triùphos aflamados.

DE SONETO DOBRADO,

TERCEIRO GENERO.

Debaxo de un Alifo, dóde el vieto
Suavemente entrava,
E un manso, y apacible silvo dava,
Templando del calor el crecimiento,
Sobre la yerva estava
El bello Daphnis echado, do gozava
con Tyrho, y Corydon del fresco alièto:
cada uno guardava

SON

Su hato, y delde allí le acareava,
y quando acometia el lobo hábriento,
La honda disparava,
Y el hurto de los dientes le sacava.
Todos tres eran meços ciudadafos,
Sueltos en el correr, y diligentes,
Robustos, y valientes
En el tocar los caramillos diestros,
E en el hablar a todo son, maestros
Relabios, o siniestros,
De torpes Zagalejos codiciosos
A ellos no llegavan a los dientes.

SONETO TERCiado.

*He aquelle, cujos pès vão terçando nas
consonancias, sem que se pareçam, e corres-
pondão dois versos, e sem que façã
cruz, como no Soneto simples.*

DEspeñan a los Angeles malvados
Del estrellado throno, y alto afflito,
Son los primeros padres desherrados
Del ameno Paraizo, y su contento.
Son todos los mortales anegados,
Confundense ciudades del cimiento,
Trastruecanse los tiempos cõcertados,
Escupe el Cielo rayos, brama el vieto.
Padece Dios açotes, llagas, muerte,
En quanto a hãbre muere perseguido,
Y todo por la culpa del peccado.
Y està-se el hombre tan obstinado,
Que no tiene otra cosa en más olvido,
Como es el mejorar su mala suerte.

SONETO CONTINUO.

*Chama-se assim, porque continúa as con-
soantes sem os dos pès; e assim só se diffe-
rença do Soneto simples, na Terçado, em
que tem as consoantes das voltas do
mesmo genero, que o dos pès.*

CEniza espiritada, vil mixtura,
Homre del polvo, y lagrimas formado,
Par ley Divina a muerte condenado,
Porque no pones freno a tu locura!
Comença ya a llorar con a gargura
Lo mucho que a Dios tienes enojado,
La mala vida, el tiempo mal gastado,

Si

SON

Si no te quieres ver en apretura,
Llamando te está ya la sepultura,
Lugar estrecho, do será enterrado
Deleite, honra, mando, y hermosura,
Y quanto en esta vida es estimado,
El alma es immortal, y siempre dura,
En sola ella emplea tu cuidado.

SONETO ENCADEADO.

Consiste em que o pé segundo comese por dicção consoante da última do pé primeiro, e que por este modo se vão encadeando até o fim.

Perdidos mancebitos trasijados,
En cuidados enormes consumidos,
Corridos más que galgos afrenidos,
Privados de razón, y de sentidos.
Gemitos para amar son escusados,
Ducados son los q̃ hazen ser queridos,
Y dos si no los ay para apocados
Desconsolados, tristes, y afligidos.
Zamarras andais hechos mendigando,
Desempedrando calles con guitarras,
Mudarras os fingien do blazonando,
No aprovechando sino son arras
A garras del amor, que andais bribando,
Cantado qual Francez, o qual cigarras.

SONETO COM REPETIÇÃO.

Neste genero de Sonetos a ultima dicção de hum verso deve ser principio de outro.

Guarda Mundo tu flaca fortaleza,
Fortaleza de carne no la quiero,
Quiero servir a aquel, en quien siempre,
Espero hara de noble mi flaqueza.
Flaqueza en la virtud es gran vileza,
Vileza no consiente un cavallero,
Cavallero en la sangre, no en dinero,
Dinero, que escurcece la nobleza,
Nobleza verdadera en Dios se halla,
Hallala el que a si mesmo despreciando
Preciando a solo Dios, en el se honra,
Honra Dios a los suyos, quando calla,
Calla, porque en silencio está ayudando
Dando paciencia, y honra en la deshora.

SON

223

SONETO RETROGRADO.

Em cada verso delle ficão as palavras collocadas de sorte, que lido au direito, e ao revés, sempre faz sentido. No tomo sétimo do Vocabulario, verbo Retrogrado, achará o Leitor hum exemplo, aqui tem outro.

Ao Santissimo Nome de JESUS.

Sagrado Redemptor, y dulce Bispofo,
Peregrino, y supremo Rey del Cielo,
Camino celestial, firme consuelo,
Amado Salvador, JESUS gracioso,
Prado ameno, apacible, deleitoso,
Fino Rubi engastado, fuego en yelo,
Divino Amor, paciente, y santo zelo,
Dechado perfectissimo, y glorioso.
Muestra de amor, y caridad lubida
Distes señor al mudo haziendoo hóbne,
Tierra pobre, y humilde a vós juntado,
Venistes hombre, y Dios, amparo, y vida,
Nuestra vida, y miseria mejorando,
Encierra tal grandeza tal renombre.

SONETO COM ECO.

AO SANTISSIMO SACRAMENTO.

OY es un pan, al combidado, *dado*
Muy celestial con un Divino, *vino*.
Del Cielo, porque assi convino, *vino*
En amor puro, y no rasiado, *assado*.
Para sarar al revelado, *elado*,
Y hazer del peccador indigno, *digno*,
Dando, apartado el delatino, *tiño*,
Para que no ande el desterrado, *errado*:
Y el pobre pan, que le mantengo, *traga*,
Mas quando al paladar estraga, *traga*,
La muerte, y assi en tal comida, *mida*,
Su alma el hombre, y qual coveenga, *vinga*,
Si quiere que provecho en la siaga, *haga*,
Y no levar otra enxerida, *herida*.

OUTRO SONETO COM ECO.

Mucho a la Magestad sagrada, *agrada*,
que entienda a quien está el cuidado, *dado*,
Que es el Reino de acá prestado, *glado*,
Pues

224

SON

Pues es al fin de la jornada, *nada*.
La silla Real por afamada, *amada*,
El más sublime, el más pintado, *bado*,
Se vé en el sepulcro encarcelado, *elado*,
Su gloria al fin, por defechada, *echada*.
El que ver lo que acá se adquiere, *quiere*,
Y quanto la mayor ventura, *atura*,
Mire que a Reina tal fosierra, *tierra*.
Y si el que ojos tuviera, *viere*,
Pondrá, ó Mundo, en tu locura, *cura*,
Pues el que fia en bien de tierra, *yerra*.

SONETO COM COLA.

Cada dous pes, e cada volta leva hum quebrado, e estas colas são como caudas do Soneto.

A's Divinas perfeições da Virgem nossa Senhora.

Los ojos de honestissima Paloma,
Lo del octavo Cielo las Estrellas

SON

Relumbrantes:
La frente de la Aurora, quando affoma
A las granadas las mexillas bellas
Semejantes.
Los labios, qual carmin defechado en goma,
Palabras, y mengos de donzellas
No arrogantes.
El pecho qual conficionada poma,
Los piés, quales Rubia, que dan centellas,
O diamantes.
La estatura qual de una hermosa palma,
Y de marfil el blanco cuello, y manos,
Son dores deste cuerpo sacrosanto
De Maria:
Porque los interiores, y del alma,
Venid, ó Querubines soberanos,
Alto conçar, que ya no pue de tanto
Mi Thalia.

SONETO EM DIALOGO.

A Vida, e o Tempo.

Vida. Quem chama dentro em mi? **Tempo,** o Tempo ouzado
Entrafe sem licença? **T.** Tenhoa ha muito.
V. Que me que me queres? **T.** Que me ouças. **V.** Já te escuto.
T. Promettes de me crer? **V.** Falla avilado.
T. Errada vas. **V.** Tambem tu vas errado.
T. Esta he condicão minha. **V.** Esse he meu fruto.
T. Es mulher descuidada. **V.** Es velho astuto.
T. Erro sem dano meu. **V.** Assas tens dado.
T. Ay, vida, como passas? **V.** Perseguida.
T. De quem? **V.** De ti. O tempo o gosto nega.
V. O Tempo he ar. **T.** A vida he passatempo.
V. Tu já nem tempo es. **T.** Nem tu es já vida.
V. Vay para louco. **T.** Vayre para cega.
Vedes como se vão a Vida, e Tempo.

SONETO POLYGLOTTO,

CASTELHANO, LATINO, TOSCANO, E PORTUGUEZ,

DE LUIS DE GONGORA.

Las tablas del baxel despedaçadas,
Signum naufragii, pinum, & crudele
Del Templo sacro con le rote vele
Ficará nas paredes penduradas.
Del tiempo las injurias perdonadas,

Et

Et Orionis vi nimboſa ſtelle
 Raccoglio le ſmarrite pecorelle
 Nas ribeiras do Becis eſpalhadas.
 Dolyerè a ſer Paſtor, pues marinero
 Quel Dio non vuol, chel col ſuo ſtrale ſprona.
 Do Auſtro os aſſopros, e do Oceano as aguas
 Haziendo al triſte ſon, aunque groſſero
 Di queſta canna gia ſalvagga donna
 Saude às ſeras, e aos penedos màoas.

SONETO ACROSTICO, E TELESTICO,
 Começando, e acabando os verſos com duas ſyllabas da meſma palavra.

A' CONCEIÇAM DE NOSSA SENHORA.

blicar que es Maria hermoſa, y pti
 ede, y deve en elogios mil qualque
 es ſiendo ſola, ſobre ſer prime
 blico applauſo pide ſu hermoſu
 ede bien dilatarſe en ſu pintu
 es de flores de Gracia es Primavera
 Fu e de aclamar la alteza de ſu eſſe ra,
 es la mira exceder toda criatu
 blicar quanto oblige, y enamo
 reza tanta, perfeccion tan ra
 ede en obzequio de tan gran Seño
 nro empero mäs breve, o voz mäs cla
 do ninguno hallar, que deſta Auro
 blique quanto el pura ſer decla

SONETO TETRACROSTICO
 Em applauſo do Presidente da Academia dos Applicados
 TRISTAÕ GUEDES DE QUEIROS,
 Na Seſſão de 30. de Janeiro de 1720.
 Pelo Academico Applicado Franciſco de Souſa de Almada.

* A pollo vos	A dmire, e	A me	A ltamente,
A riſtaõ por	A ntos	A ritulos,	A triuſante;
A raios	A epita, e	A rye	A utilante,
A uſto	A nterpondo o	A nizo	A ntelligente.
* A abio	A ois o mais	A olido, e	A sapiente,
A endo o	A riunſo no	A ropico	A onante;
A miravel eſte	A to	A pplauda	A mante
A mcurio	A is	A gniloquo	A ente.
* A lorias	A rato	A ozais	A lorificando
A oſſa	A ictoria, e	A alido	A encendo
A ſſa	A ſfera eſſe	A ſpirito	A levando:
* A onde eſſes	A ons, e	A ores	A ispendendo,
A levais	A ſſe	A ngenho,	A xuperando
A eculos	A empre, e	A abios	A uſpendendo.

SO-

SONETO PROTÊO, EM LABYRINTHO,

Retrogrado, Tercizado, Continuo, tirado dos Eneaticos applauſes, que compoz Franciſco de Souſa de Almada em obzequio do Duque de Banhos, aliã de Aveiro,

METRO VII. ASSUMPTO V.

O qual he darſe a ſentença em hum Sabbado, que foy a 17. de Fevereiro, do Anno de 1720.

A Urora, Eſtrela, Sol,	Gloria Maria,
Eſperança, Aſtro, bem,	Nectar, ſoſteno,
Senhora, liberal,	Segura Gna,
Conſiança ſingular,	Sacro portento
Tutora Celeftial,	Alta Alegria,
Bonança, Candor, luz,	Suave alento,
Valedora; Geo, flor,	Sagrada via,
Aliança ſuperior,	Facil augmento,
Deſenſora, ley, paz,	Apta Harmonia,
Segurança, Nao, Mar,	Doce concento,
Pandora Virginal,	Sacra valia,
Aliança, prazer, Dom,	Contentamento,
Exora feliz Mãe;	Glorioſo Dia,
Alcança ao Duque ſim,	Dã vencimento.

Por qualquer verſo dos 14. por donde ſe queira começar a ler, fórma Soneto, e ſentido perfeito. Eſta dividido em duas ſeſas, e tambem por cada huma delleſas faz dous generos de Sonetos miúdos; hum de ſeis ſyllabas na primeira linha, começando a lerſe das ultimas palavras retrogradamente; outro de cinco ſyllabas, lendoſe progreſſivamente na ſegunda linha. E lendoſe inteiro o Soneto Heroico, ſe pôde começar a ler, quando for retrogrado tanto da ultima palavra, como da penultima.

Contem eſte Soneto oitenta e ſete mil cento e ſenta e oito milheos, duzentas e noventa e huma mil e duzentas combinaçoens, e outros tantos Sonetos, em que ſe transfigura, conforme a regra Arithmetica combinatoria.

Não duvidará da prodigioſa multiplicação delleſas combinaçoens quem conſiderar que das vinte e tres, ou vinte e quatro letras do Alphabeto, differente-

mente combinadas, conſtituão as palavras de todas as Linguas do Mundo.

SONETO. Vid. tomo 7. do Vocabulario. Eſteve Luciano, que os Antigos pintavaõ os ſonhos com azas, porque em hum instante elles avoaõ. Faz Homero mençaõ de duas portas, pelas quaes nos vem os ſonhos; huma de marſim, pela qual entraõ os ſonhos duvidofos, e embaraçados; outra de corono, pela qual nos vem os ſonhos claros, e certos. Da Macrobio a razião delleſas duas portas. A materia cornea he transparente, o marſim, nunca; e aſſim os ſonhos verdadeiros ſão os em que a alma deſoccupada do ſeu corpo pelo ſeno, penetra no veõ, que lhe rouba a viſta das verdades; e quando elle veõ não he diaphano, e transparente, nada verdadeiro rem os ſonhos; fica a alma envolta na eſcuridade da materia. Ualla Juvenal no ſup. ſticioſo commercio de hums Judeus do ſeu tempo, que por di-

nheiro

Es importante subrayar que el teatino francés, siempre que se trata de poesía, escoge ejemplos del español, para términos rima, estrofa, antístrofa, verso, canto, estancia, lira, redondilla, quintilla, seguidilla, sextina, terceto, villancico, sinéresis, etc. Para todos, el teatino presenta un poema en lengua española, conforme se ve en las entradas “seguidilhas” y “quintilha” que incluyen las siguientes informaciones:

SEGUIDILHAS. (Termo da Poesia vulgar, & verso de Arte menor.) são Coplas, diferentes dos Romances, & Endechas em tudo, porque o primeyro verso, & o terceyro de cada Copla consta de sette pés, & o segundo, & o quarto de cinco pés, nellas se usa de Toantes, porèm diferentemente do que nos Romances, & Endechas, porque em cada Seguidilha posso elegir novo Toante; o que se não póde fazer nas Endechas, nem nos Romances, porque hey de fazer tudo no Toante em que principiar. Em hũa carta de Dom Francisco de Portugal, que anda n asua obra das Prizões, & Solturas de hũa Alma, se achão as Seguidilhas, que se seguem.

Quando todos se alegram,

Tome entristesco,

Que tiene negras Pascuas

Quien tiene zelos.

No ay com zelos tristes

Alegre cofa,

Quien los tiene, aunque cante,

Exéquias llora, &c.

Que me alegre com zelos

Nadie me diga

Que se han buuelto en Endechas

Las Seguidilhas. (Bluteau, VII, 1720: 550).

QUINTILHA. He hũa poesia de cinco versos juntos, com sentido perfecto, & separadamente, como Coplas, & com os consoantes interpolados; a medição he como a de Romãce, de oyto pés casa verso. N asua Arte Poetica traz Filippo Nunes esta Quintilha ao Nascimento do Senhor:

Porque al Infante ofreceis

Dones de tanta grandeza?

Porque su ser conoceis?

O por comprar su riqueza?

O porque pobre la veis? [...] (Bluteau, VII, 1720: 67).

Añadimos parte de los ejemplos de “rima” y “strophe”:

RIMA. [...]

Sexta rima. São Estancias de seis versos: v g.

El furibundo Marte pasea

*Con subjeccion tyraricalas tierras,
Y la humana sobervia pretendia
Allonar las encumbradas sierras,
Con esto, unos Imperios, y Reynados
Faeron perdidos, otros ensalçados. [...]*

Exemplo de Rima encadeada com consonantes em meynos versos de cinco syllabas:

*Sus colores al mundo restituye
El Sol que huye del Neptuno vado
En su dorado carro por el Cielo
El frio yelo en agua destillando
De su rocío al campo despojado. [...]* (Bluteau, VII, 1720: 337-338).

STROPHE. [...]

Na primeyra parte da Academia dos Singulares, tempo hum exemplo em versos Castelhanos, composto por Antonio Marques, Cantor da Capella Real, pag. 332.

*Exercitos rompiendo
De hierro, y fuego duramente armados,
Que en los muros de Troya levantados
Infelizmente estan resplandeciendo,
Aquel mancebo fuerte,
Burlando de la muerte,
Al Padre, (que piedad) sobre sus hõbros
De las llanas redime,
Y quanto al padre llora, el hijo gime
Con el pelo este, aquel con los affombros,
Luego surcando el campo cristalino
Despues de varios casos importunos
Aporta con algunos,
Patrio al solo Latino,
Donde por el consejo, y por la espada
Nueva patria en la vieja le fue dada. [...]* (Bluteau, VII, 1720: 759).

Aunque no ponga un poema, Bluteu no renuncia a conectar los términos líricos con la tradición poética española, como queda ilustrado en las entradas “serventesio” o “picaresco”:

SERVENTESIO. Versos Serventesios. Segundo a arte Poetica Hespanhola, os Italianos lhe derão este nome, porque servem a doctos, & indoctos; por ser composição de pouco artificio. São huns quartetos semelhantes aos quatro primeyros versos da oytava, dos quashee multiplicados se costuma fazer hũa larga narraçaõ. Vid. Sermontesio (Bluteau, VII, 1720: 613).

PICARESCO. Estylo picaresco. Vid. Chulo. (Nem os Italianos na phrase burlesca, nem os Hespanhoes no estylo picaresco os igualarão. Lobo, Corte na Aldea, Dial. 3. pag. 69) (Bluteau, VI, 1720: 497).

Para describir la noción “el pie quebrado”, Bluteau introduce los siguientes ejemplos:

QUEBRADO. [...]

Ha muytas maneyras de Redondilhos quebrados; [...]

Quan presto passa el plazer:

Como después de acordado

Dà dolor,

Como a nuestro parecer,

Qualquiera tiempo passado Fue mejor. [...]

Tambem ha Vilhancicos de pés quebrados, & estes por muytos modos, aquí tens hum exemplo delles:

Quando el coração se abraza,

Echa luego

Por las ventanas de casa

Vivo fuego.

No se puede reprimir

El amor

Aunque màs quiera encubrir

Au fervor,

Que como es niño, y ciego,

Dà sin tasca

Por las ventanas de cada

Una de las voces relacionadas con la lírica castellana es “salada”, a cuyo respecto escribe Bluteau:

Salada. (Termo Poetico) he hũa composição de composição de coplas Redondilhas, entre as quas he se mistura todo o genero de versos, & em diferentes linguas ao arbitrio do Poeta, & por esta mistura de metros, & linguagens se chama *Salada*, Filippe Nunes, n asua Arte Poetica cap. 20. diz, *Salada*, & no Dito lugar adverte que nas *Saladas* sempre o Retornelo ha de ser o mesmo do Mote, ou cabeça.

Exemplo deste genero de Metro ao Menino Jesus recém nacido. Coro.

Dejadle llorar
Orillas de la mar,
Orillas de la mar.
Este bello Infante,
Que veys reclinado
En el portalejo,
Fuera del lugar,
Es Dios infinito,
En carne abreviado,
Que al linage humano
Viene a remediar,
Dejadle llorar
Orillas de la mar,
Orillas de la mar.
Por consolar vuestra Madre,
Templad Jesus los enojos,
Que lagrimas de esos ojos,
Una basta para el Padre.
En vuestros ojos se mira
La Madre, que os ha engendrado,
Y del coraçon llagado
Settas de amor os tira.
Siente màs vuestros enojos,
Sabiendo que de esos ojos
Una gota basta al Padre.

Dejadle llorar, &c.
Si vous pleuras pour may
Pleures, pleuras,
Não choreis meus olhos,
Depois chorareis
Mes sey quanto pódeme
Lgrimas de Deos,
Pleures done Pleurs,
Qui seuls nos maux chaffent
Naõ choreis meus olhos,
Depois chorareis, &c. [...] (Bluteau, VII, 1720: 442).

No menos interesantes son los ejemplos “epodo” y “remate”:

EPODO, ou Epodon. Vid. No. 3. tom. Do Vocabul. Segundo outra lição, he o canto, que se fazia depois do hymno, ou da ode cantada em honra dos Deoses. *Scaligero na Poetica*, livro 5. Os Epodos de Horacio saõ excellentes. Na I. parte das Academias dos Singulares de Lisboa, pag. 333. temos este exemplo em Castelhana.

EPODON.

Que palmas, que trofeos, que coronas
Que triunfos, que vivas, y laureles,
O Patria, que te abonas
De hazañas tan fieles,
Que poblaron las Zonas,
Deves a su valor, y a su fortuna?
La que oy se sirves tumba, y fuíste cuna.
Como aquel que a sus hombros ye ha llevado,
sin aliento a tus pies está postrado?
Como pecho tan fuerte
Al golpe se ha rendido de la muerte?
Mas que importa, si en casos tan fatales,
Mas que importa, si en fuertes tan esquivas
Muerto le dá la fama eternos vivas,
Vivo le escribe el tiempo los Annuales,
Y aunque muerto en efecto
No la patria lo sienta, ni se assombre,

*Que ayer vencio su braço, oy su respeto,
Ayer el, oy su nombre,
Y que a su Patria assista, bien se infiere
Pues a su Patria va, aun quando muere.* (Bluteau, Supl. I, 1727: 385).

Remate. O genero de versos, a que os Poetas vulgares chamão Canção, consta de Estancias, & Remate, porém algũas vezes se remata a Canção com a ultima Estancia, & não tem outro remate, & quando o tem, este Remate he hũa Estancia pequena, em que o Poeta no fim da Canção falla com ella, ou notando-a de algũa falta, que leva, ou desculpando-a, ou insinuándole o que ha de responder, se lhe puzeram tal, ou tal defeyto, & variando tal vez o proposito, q até alli trouxe, & às vezes tambem seguindo-o, & esta Estancia não ha de levar os mesmos consoantes, que as outras. V. g. a hũa Canção feyta à Gula, que começa assim:

*Gula bestial, fiera hambrienta
Por ti la muerta vino a los humanos, &c.*

Poz o Poeta por Remate os versos, que se seguem:

*Procura Cancion mia desviarte,
Y del todo aparte
De manos de Epicuros, y glotones,
Si quieres no morir a mordiscones.* [...] (Blutea, VII, 1720: 231).

5.5 *Títulos nobiliarios*

Otra presencia castellana se detecta en los títulos nobiliarios incluidos en nomenclatura del *Vocabulario*:

BARÃO. [...] Os Reys de Portugal, & Castella honravão com o titulo de Barão aquelles, que se aventajavão na guerra, concedendolhes o privilegio de Ricos homens, & dándole algunas terras, & fortalezas, a que chamavão Paronias. [...] (Bluteau, II, 1712: 41).

CONDE. [...] Era titulo que se dava aos Ricos homens, & então a mayor dignidade de Hespanha depois dos Reys, como o adertiraõ Garivai na Historia de Hespanha [...] (Bluteau, II, 1712: 445).

CORONEL. [...] Em Hespanha se não costumou haver Coroneis, se não em Portugal, & parece, que foy acertado o não haver Coroneis na Infantaria Hespanhola, [...] (Bluteau, II, 1712: 21).

DOM. [...] o primeiro, que em Hespanha usou *Dom* foy Pelayo de sangue Real Godo, & aclamado dos Hespanhoes por seu Rey, depois da perda del-Rey D. Rodrigo anno de 718. [...] (Bluteau, III, 1713: 283).

DONAS. [...] neste Reino semelhantes pessoas sempre foraõ chamadas donas, como em Castella Dueñas. [...] (Bluteau, III, 1713: 288).

DONA. [...] Rica dona. Titulo honorifico. Antigamente *Ricas donas*, erão as mulheres dos Ricos homens em Hespanha, [...] (Bluteau, VII, 1720: 334).

DUQUE. [...] A imitação dos Romanos os Godos, quãdo reinavaõ em Espanha, & em outras partes, & os Espanhoes, depois de sacudido o jugo dos Godos, tiveraõ Duques. Em Espanha se fez tanto caso deste titulo, que não se dava senaõ a pessoas Reaes, & somente em suas vidas. [...] (Bluteau, III, 1713: 312).

GRANDE. [...] Grande de Castella. Começou este titulo em tempo de Phelippe primeiro, & se renovou no reinado de Carlos V. estendendose somete a algumas casas grãdes, & cabeças illustres. [...] (Bluteau, IV, 1713: 121).

GRANDEZA. [...] Titulo de grande, em Castella. [...] (Bluteau, Volumen IV, p. 121).

ILLUSTRE. [...] Aos Reys de França deraõ os Papas o titulo de *Illustre*, até que Pio segundo lhes deu o de *Christianissimo*, & do tempo em que Alexandre sexto deu aos Reys de Castella o titulo de *Catholico*, não lhe deraõ mais os Papas o de *Illustres*, [...] (Bluteau, IV, 1713: 53).

INFANTA. [...] Em Portugal, & Castella se dá este nome ás filhas dos Reys. [...] (Bluteau, IV, 1713: 121).

INFANTARIA. [...] Antigamente em Castella, & hojee m Portugal, a Infantaria he o Nervo da guerra; & mais honra he ser Infante, que Cavalleiro. [...] (Bluteau, IV, 1713: 121).

INFANTE. Nos Reinos de Portugal, & de Castella he o titulo, que se dá aos filhos dos Reys, abaixo do primogenito, que a este lhe chamaõ Principe. [...] (Bluteau, IV, 1713: 122).

MARQUEZ. [...] Por isto se acha que nas Hespanhas alguns Condes usarlo o titulo de Marquez, & particularmente os Condes de Barcelona, como serão Bernardo primeiro Conde, que se chamou Marquez das Hespanhas. [...] (Bluteau, V, 1716: 341).

PRINCIPE. [...] Hoje m Portugal, & Castella em dizendo Principe, entendemos o filho primogenito do Rey herdeyro immediato no Reyno, & primeyro na successaõ. [...] (Bluteau, VI, 1716: 744).

Bluteau utiliza incluso expresiones españolas para otros títulos, como por ejemplo sucede con el “condestable” (Bluteau, II, 1712: 447), o, aún más importante, “El-Rey”. Aunque en el ejemplo abajo el lema está en portugués, es habitual que Bluteau emplee la forma castellana para designar también a los reyes portugueses. Como explicado en el capítulo 1.2.1 sobre el bilingüismo literario, Sousa ve en este hecho la prueba de que el “anticastellanismo” no era, pues, tan vivo como muchos críticos lo describen. Veamos cómo define Bluteau las entradas “rei” y “El-Rey Catholico”:

REI. [...] Assim que quanto a este nome *Rey* se havem de guardar a etymologia do verbo donde elle procede, que he de *Reger*, propriamente diremos *Rey* dos Portuguezes, *Rey* dos Castelhanos, & *Senhor* de Portugal, *Senhor* de Castella, [...] (Bluteau, VII, 1720: 208).

CATHOLICO. [...] El-Rey Catholico. O Papa Alexandre VI. Deo este glorioso titulo a D. Fernando de Atagnõ, Rey de Castella, com declaraçaõ, q se perpetuaria nos Reys seus sucesores. [...] (Bluteau, II, 1712: 201).

5.6 Pueblos

Bluteau menciona otros pueblos que poblaron la Península Ibérica a lo largo de la historia y nos proporciona las siguientes informaciones: los “Batuecas” eran “Povos de Hespanha no Reyno de Leão, cercados de montes altísimos, entre Salamanca da banda do Norte, & Coria da banda do Sul, [...]” (Bluteau, II, 1712: 71); los “Godos” “reinaraõ em

Hespanha muito tempo, até o infelices Rey Dom Rodrigo, a que os Mouros lançaraõ fora. [...]” (Bluteau, IV, 1713: 86); los “Termestinos” se llamaron los “Povos de Hespanha, que antigamente viviã junto ao Rio Couro [...]” (Bluteau, VIII, 1721: 112) y los “Vacêos” eran “antigos povos de Hespanha, que habitavã entre Coimbra e Porto” (Bluteau, VIII, 1721: 344).

5.7 *Términos de guerra*

En los contenidos relacionados con lo español caben también las entradas asociadas al mundo militar, desde los términos relativos a la guerra hasta la descripción de las batallas donde participaron los españoles. Observamos que el lema “cavalheiro” incluye además “Cavallero do Tufaõ, em Castella” y que “quartel” no sólo era el tratamiento que los holandeses y castellanos daban a los derrotados, pero también los lugares donde se acuartelaba al ejercito, los cuales ciertamente existían también en España. Bluteau incluye en su obra también las órdenes militares, entre ellas la de Santiago. Complementa ese tipo de referencias castellanas con un poema encontrado en el artículo de “soldado” que, siendo parecido al que aparece a propósito de la voz “política”, y que aconseja como gobernar, es una “receita para ser grande Soldado”.

CAVALHEIRO. [...] Cavalleiro do Tufaõ, em Castella. Eques aurei velleris. (Bluteau, II, 1712: 206).

QUARTEL. [...] Quartel. (Outro termo militar.) He o bom trato, que os vencedores prometem aos vencidos, que se rendem, & largaõ as armas. Este modo de fallar procede, de que os Hollandezes, & os Castelhanos convieraõ em que o resgate de hum Official, ou Soldado, [...] Quartel, (em phase de Armeria) se diz das diferentes partes, em que se esquartela o escudo. Muytas forã as razões da participaçaõ, ou divisaõ dos Escudos em quarteis, I. A multiplicação dos seudos, senhorios, &c. Os Rey de Castella tem quartei de Leaõ, Aragaõ, Granada, Sicilia, &c. os Reys de Inglaterra tem hum cuartel de Inglaterra, [...] (Bluteau, VII, 1712: 21-22).

SANTIAGO. A Ordem militar dos Cavalheiros de Santiago. Esta Ordem originariamente Castelhana, se fez Portuguesa em tempo delRey D. Affonso Henriques, sujeita porém aos Mestres de Castella, até que Exrey de Portugal D. Dinis por

autoridade dos Papas, Nicolao IV. e Calestino V. reve no seu Reyno hum Gram Mestre da dita Ordem, independente do de Ucles em Castella, [...] (Bluteau, Supl. II, 1712: 194).

SOLDADO. Vid. Tomo 7. do Vocabulario. D. Eugenio Gerardo Lobo, Capitaõ de Cavallos, &c. no seu livro, intitulado Selva de las Musas, impresso em Cadiz, anno de 1717. deu em lingua Castelhana huma Receita para ser grande Soldado, taõ notable, e taõ facil, que a meu vez, qualquer Leitos, indaque naõ queira usar della, folgarà de saber. A receita diz assim:

*Mucho galon, y un blando Peluquin,
Un latiguillo, y bota a lo Dragon,
Ir al Prado en cavallo muy treton,
Y llevar a la mano otro Rofin.*

*Dezir, no entiende Eugenio parecer,
De todos los que mandou, dezir mal,
Y después ir con ellos a comer,
Primeiro que a la balas al votin.
Ser siempre de contrario parecer,*

*De todos los que mandan, dezir mal,
Y después ir con ellos a comer,
Pretender, y queixarse de fatal,
Que con estas botones podra ser,
En un mes un Gallnin General.* (Bluteau, Supl. II, 1728: 217).

La paleta castellana se completa con la referencia a los lugares en donde ocurrieron las grandes batallas entre los pueblos de España, y no podía faltar entre ellas la más célebre entre los Portugueses, que es la batalla de Aljubarrota de 1385, cuyo resultado fue la derrota de los castellanos y el fin de la crisis portuguesa de 1383-1385, con la consolidación de Juan I como rey de Portugal, el primero de la dinastía de Avis.

ALJUBARROTA, Aljubarrota, Aldea de Portugal, 4. legoas distante da Cidade de Leiria, celebre pella famosa batalha, em que os Portuguezes no anno de 1385. mataraõ mais de des mil Castelhanos, & entre elles a flor da nobreza. *Aliobarrota, ae, Fem.* (Bluteau, I, 1712: 214).

AURIFLAMA. [...] Dizem alguns, que perderlo os Francezes a *Auriflama*, na batalha que Phelipe o Feroso deo a Affonse, Rey de Castella no anno de 1304, [...] (Bluteau, I, 1712: 679).

VELEZ. Cidade de Africa, no Reyno de Fez, na Provincia de Errife, na costa do mar Mediterraneo. Tem castello forte, & dous Palacios para o Governador. Dom Pedro de Navarra, Almirante de Hespanha, para tirar aos piratas Mouros a facilidade deste asylo, & porto capaz de algũas trinta embarcaloens, numa rocha, [...] (Bluteau, VIII, 1721: 384).

PORTUGAL. [...] Na conquista de Hespanha gastou Roma duzentos annos, porque em Hespanha havia Portuguezes, que conquistar, em poucos annos conquistou Hespanha quasi todo o Oriente, porque os conquistadores erão Portuguezes. [...] aos Castelhanos se debe attribuir a perda, que fizeraõ de Ceylaõ, Cochim, & Malaca, do valor com que lançaraõ do seu Reyno os Mouros, & das muytas batalhas, em q venceraõ os Castelhanos nos tempos passados, & depois de aclamação del Ret D. Joaõ IV estaõ cheas as Historias antigas, & modernas. [...] (Bluteau, VI, 1720: 638-639).

5.8 *Nuevo Mundo*

“Mundo novo” o “Terra nova” son las expresiones más utilizadas por Bluteau que, en su obra de carácter enciclopédico, describe prácticamente todas las ciudades, regiones y países conquistados por los portugueses y, lo que en este punto es aún más importante, españoles, desde el siglo XV. Se transcriben aquí sólo algunos términos:

DISTRICTO. [...] chama Disctricto, a os limites, cõ que o Papa Alexandre Sexto decidio contenda dos Portuguezes com os Castelhanos sobre extenção das suas conquistas, distinguindo com huma linha imaginaria, ou mental, lançada de Norte a Sul com legoas da altura das Ilhas dos Açores, as conquistas da parte occidental para os Castelhanos, & as da parte Oriental para os Portuguezes. [...] (Bluteau, III, 1713: 258).

MERIDIANO. [...] El Rey de Castella D. Fernando V. & D. João II. Rey de Portugal, no tratado, ou concordata, que fizerão, assentãrão que lograriaõ as suas novas conquistas separadamentee em seu proprio, & particular hemisferio, limitando-se os Portuguezes no antigo continente, &estendendo-se os Castelhanos ao continente novo, de forte que

estes passando à America fariaõ sua derrota para o Occidente. [...] (Bluteau, V, 1716: 439-440).

MERIDIANO. Vid. Tomo 5. do Vocabulario. Meridianos dos Portuguezes, e Castelhanos. Por evitar escandalos, e debites, que da extensaõ, e limite, das conquistas dos Reys de Portugal, e Castella, e dos sucesores de ambos ao diante, podiaõ nascer, diz João de Barros, Decada I. fol. 57. col. 4. que demarcaraõ, e partiraõ todo o Universo em duas partes, hum opposto ao outro, dentro dos quaes fichase a demarcação de cada hum. [...] (Bluteau, Supl. II, 1728: 38).

NAVEGAÇÃO. [...] foraõ os Portuguezes, pois do Occid~ete passarão para o Oriente, & os Castelhanos, q com a conquista de hum novo mundo [...] (Bluteau, V, 1716: 689).

Novo mundo. A America, quarta parte do Globo Terraquero. Chama se assim, porque não era conhecida dos antigos. [...] Tem os Castelhanos na America Septentrional a nova Biscaya, [...]. Na America Meridional, tem os mesmos a nova Andaluzia, [...] (Bluteau, V, 1716: 760).

5.9 Monedas

La definición enciclopédica relativa a todo lo español es muy frecuente en Bluteau, como hemos podido observar a lo largo de los apartados anteriores, y los siguientes casos son buena prueba. Bluteau registra muchísimas monedas que se usaron en las tierras españolas, como “Bilham”, “Dobram”, “Ducatom”, “Maravedim”, “Peso”, “Philippo”, “Pilarte”, “Quarto” que aquí se transcribieron después del término general “moeda” que también menciona monedas castellanas de aquel tiempo:

MOEDA. [...] As principaes moedas deste tempo saõ *Florins* de Flandes, *Guinès* de Inglaterra, *Ducatoens*, e *pesos de ocho* de Castella, *Zequins* de Veneza, *Cruzadas* e *moedas de ouro* de Portugal, *Julius* de Roma, *Luizes* de França, *Schelins* de Prussia, *Richdales* de Polonia, [...] (Bluteau, Supl. II, 1728: 52).

BILHAM, Moeda Castelhana de cobre. Hà de duas fortes. Huma tinha alguna liga inferior; daqui chamarão os Francezes *Billon*, ou *Bilbon* roda a prata, ou ouro, que tem

liga de metal inferior. Chamaõlhe os Castelhanos *Billon*, ou *Vellon*, que segundo Cobarrubias, se deriva do latim *Vellus*, [...] (Bluteau, II, 1712: 123-124).

DOBRAM chamaõ os Portuguezes à moeda de ouro de castella, q val quatro dobras Castelhanas; faz se este dobraõ da nossa moeda Portugueza onze mil reis. Alguns modernos lhe chamaõ, com palavra, por elles inventada, *Quaduplo, onis. Masc.* (Bluteau, III, 1713: 274-275).

DUCATAM. Moeda de ouro de Castella. Tem o peso de huma pataca. [...] (Bluteau, III, 1713: 308).

MARAVEDIM. [...] He palabra Arabiga, que segundo alguns etimológicos, se deriva de Almoravides, nome de hũs Mouros, que de Africa passaraõ a Hespanha, & derão o seu nome a esta moeda, que depois por corrupção foi chamada Maravedim. [...] (Bluteau, V, 1716: 321).

PESO. [...] Peso em Castella, & particularmente no commercio de Cadiz, são humas patacas, que tem de peso seis oitavas, & tem humas cruces. [...] (Bluteau, VI, 1720: 465).

Philippos, no plural. Tambiem se chamou Philippo, certa moeda de prata fabricada em Castella, com a essigie del Rey Philippe II. Alludindo a esta moeda Philippo, & a outra moeda de Roma, que em Italia chamão Julio, dizia com galantaria hum Castelhana, que havia corrido Castella, & Italia bellamente, & bem agastalhado em todas as partes com o favor de dous amigos, *Micer Philippo*, & *Micer Julio*. (Bluteau, VI, 1720: 481).

PILARTE. Moeda antiga. Na guerra que Exrey D. Fernando fez a Castella, serviraõ muitos soldados Francezes, que trazião consigo pagens para as celadas, a que chamavão Pilartes, [...] (Bluteau, VI, 1720: 505).

Quarto. Tambem he moeda de cobre, usada em Castella.

Ambos amores lo dicen,

Que el que llega a estar harto,

No puede valer un quarto. (Bluteau, VII, 1720: 24-25).

5.10 Flora y fauna

Bluteau describe todo tipo de flora y fauna que, de una manera u otra, tenga que ver con España, pues recoge una planta o un animal de la península Ibérica o del Nuevo Mundo, en particular si éstos fueron citados en algún castellano y/o en algún diccionario con el castellano. Así, encontramos hierbas (aloe, antenilla, etc.) y plantas (patata, tabaco, velvedere, valverde, etc.), árboles (cedro, floripondio, etc.) y animales como aves (“abertarda”, “perú”, “picanço”, etc.) y peces como el “marraxo”, un tipo de tiburón, el “salmonete” con su “sabor mais fino”, el “Peixe-Rey” que los castellanos “chamão *Spirenque*”, el “cachucho” al que llaman dentón, etc. Veamos algunos de ellos, añadiendo al final también una “tinta de Castella” cuyas uvas son excelentes:

ABETARDA, ou Betarda. Ave, que na grandeza do Corpo faz ventagem a todas, as que passao a Hespanha. He parda na cor, no ralhe, & feição dos nossos perus, porem de mayor corpo, & cabeça. [...] (Bluteau, I, 1712: 28).

BATATA. [...] Os herbolarios lhe chamão *Batata Hispanorum*, [...]. (Bluteau, II, 1712: 68).

IPECAVANHA. [...] Os Portuguezes, & Castelhanos a dão às molheres, & meninos, doentes de dysenteria. [...] Os Castelhanos trazem do Perú esta planta a Cadiz, & chamaõlhe Bexugillo, [...] (Bluteau, IV, 1713: 197).

OURIÇO. [...] Tambem dizem q nas Indias os Castelhanos comem na Quaresma carne de ouriço, por ser animas q se sustenta com raizes, ovos de formigas, hervas, & fruta. [...] (Bluteau, VI, 1720: 146).

TABÂCO. Planta, assim chamada, de Tabaco, Ilha da America Meridional, ou (segundo Neandro, n asua Tabacologia. Pag. I.) Provincia do Reyno de Jucatan, no Mexico, a qual Provinciapela grande Vitoria, que nella alcançou Fernão Cortez, anno de 1519. foy chamada dos Castelhanos Nuestra Señora de la Victoria. [...] (Bluteau, VIII, 1721: 3).

FLORIPONDIO. Segundo Cesar Oudin no seu Diccionario Castelhana, e Francez, he huma arvore da India Occidental, que dá bellas flores, que se parecem com as da Olaya. (Bluteau, Supl. I, 1727: 432-433).

TINTA. [...] Tinta de Castella. As uvas deste nome são negras, e são excellentes, porque são muita novidade, mas tingem pouco. *Alarte, Agricultura de vinhas, fol. 33.* (Bluteau, Supl. II, 1728: 254).

CONCLUSIÓN

En los inicios del siglo XVIII se publicó en Portugal una obra de gran calado que constituyó un servicio al país, ya que realizaba la fijación y la autorización del léxico portugués: el *Vocabulario Portuguez e Latino* de Rafael Bluteau. En la línea de lo que afirmaba Messner (2007: 65) – “En la lexicografía más que en ningún otro sector de la filología los autores de obras nuevas recurren a las precedentes para copiarlas” –, se trató de demostrar, de manera bastante ilustrativa, el influjo concreto de Covarrubias en Bluteau. En efecto, también Bluteau se sirvió de varias obras que la lexicografía europea ofrecía en la época. La lexicografía portuguesa monolingüe entonces no estaba desarrollada, y es natural y lógico que Bluteau hubiese consultado vocabularios de otras lenguas romances para comprobar etimologías y usos de las palabras portuguesas, además de obras de carácter enciclopédico. Todo ello le permitió trazar una metodología para su *Vocabulario*. Recorriendo los diez volúmenes de la obra de Bluteau, hemos identificado las variadas huellas de la lengua española, sea en las fuentes, sea en la nomenclatura o en otra clase de referencias.

La obra de Bluteau y el movimiento de “diccionarización” que con ella se inaugura, tuvieron un papel central en la tradición lexicográfica monolingüe, inscribiendo el portugués en la historia de la lexicografía europea. Su peso en la consolidación de la idea del portugués como lengua nacional y de cultura sólo puede ser apreciado si recordamos la situación sociopolítica en la cual se encontraba Portugal hasta entonces. En medio de una atmósfera anticastellana, con motivo de la memoria persistente de los sesenta años de monarquía dual (1580–1640) y debido al dominio cultural de la lengua castellana en las tierras y las mentes lusitanas, y, más que todo, en medio de un contexto en el que la lengua portuguesa solía ser vista como una especie de corrupción dialectal del castellano, la importancia simbólica del primer diccionario monolingüe del portugués constituye toda una afirmación de identidad y autonomía de la lengua y la cultura portuguesas. El mismo Bluteau, en el *Prologo ao leitor estrangeiro*, y asimismo a lo largo de todo el *Vocabulario*, se esfuerza por disipar cualquier duda sobre el estatus del portugués como lengua autónoma e independiente del castellano.

En la valoración de la importancia del *Vocabulario*, también hay que incluir el primer diccionario castellano-portugués, presentado en el octavo volumen de la obra. El *Diccionario Castellano y Portuguez* cuenta con 189 páginas y está dividido en tres partes. La primera se titula *Prosopopeia del idioma Portuguez a su hermana la lengua Castellana*; la segunda es el *Methodo breve y facil para entender los castellanos la lengua portugueza*, y la tercera

consiste en un pequeño diccionario portugués-español, que es el primero en reunir los dos idiomas. No deja de ser curioso que el primer diccionario de las dos lenguas peninsulares haya sido escrito por un autor de origen francés y que haya sido incluido en un Vocabulario del portugués, aunque el latín aún esté presente.

Los resultados obtenidos en este trabajo permiten evidenciar que el léxico es un fiel testimonio de las relaciones interlingüísticas. Se ha dedicado especial atención a la influencia que tuvo el *Tesoro de la lengua castellana o española* (1611) del lexicógrafo Sebastián de Covarrubias en la formación del *Vocabulario* y podemos afirmar que, definitivamente, es la fuente castellana más citada, especialmente en lo que respecta a las etimologías. No cabe duda de que “segundo Covarrubias” y referencias parecidas, aparecen en el *Vocabulario* innumerables veces, pero son muchas también las ocasiones en las cuales Bluteau parece olvidarse de su fuente castellana, aunque ésta sea bien evidente, hecho que hemos podido notar mejor observando más atentamente los topónimos. En ambos casos, Bluteau tiene varias maneras de integrar las etimologías y los ejemplos del *Tesoro*, sea con cita al pie de la letra, sea con traducción o reformulación de sus artículos. Además, no son pocas las argumentaciones en contra las etimologías del lexicógrafo castellano, que Bluteau corrige y completa.

Siendo un hombre de letras, el autor no podía haber escogido solamente el *Tesoro* de Covarrubias como fuente para una obra tan majestuosa y rica, conforme testifica el *Vocabulario de Vocabularios*, o sea, el listado de diccionarios y enciclopedias relevantes de la época, entre las cuales figuran obras castellanas de Nebrija, Aldrete, Cristóbal de las Casas y diccionarios del castellano con las lenguas latina, francesa, italiana, además de vocabularios plurilingües.

Bluteau se sirvió también de obras españolas de carácter enciclopédico y de otras producidas por “filólogos” como Cesar Oudin, el Padre Guadix, el Maestro Venegas, autores como el Padre Mariana y los científicos Andrés Laguna y Juan de Vigo. Como todo humanista, Bluteau además concede alguna atención también a los autores españoles de renombre mundial, como Miguel de Cervantes, Luis de Góngora, Francisco de Quevedo y Raimundo Lullo. Nuestro teatino no podía dejar de apoyarse en los santos españoles, como San Isidoro de Sevilla, quien fue el primer etimologista de la lengua española. También influyeron en Bluteau algunos cronistas españoles como Esteban de Garibay, Ambrosio de Morales y Fray Antonio de Yepes, lo que se explica porque, en la época, la crónica seguía siendo un género literario de grande importancia. Hemos evidenciado también referencias a

autores castellanos que Bluteau no nombra o que no hemos podido localizar durante la investigación.

La influencia española ejercida sobre Bluteau también la demuestran las explicaciones sobre la ortografía castellana que el lexicógrafo expone al inicio de cada nuevo capítulo dedicado a una nueva letra, señalando las principales diferencias ortográficas entre el castellano y el portugués. Corroboran esta cuestión también a innumerables referencias españolas que Bluteau integra en sus artículos, tanto en forma de frases, refranes o anécdotas, como de citas en castellano. Una huella muy fuerte la deja la poesía española, cuyos ejemplos se encuentran en todas las entradas que Bluteau dedica a la terminología poética, puesto que la ejemplificación puede llenar páginas enteras del *Vocabulario*.

Aparte del *Diccionario Castellano y Portuguez* y de las influencias de Covarrubias, en el *Vocabulario Portuguez e Latino* hay muchas más marcas hispánicas, como las voces a las cuales Bluteau atribuye, con o sin fundamento, un origen castellano. Debería haberse profundizado más en la historia concreta de cada préstamo para poder determinar la dirección de éste entre las dos lenguas románicas y justificar las hipótesis etimológicas de Bluteau, sin embargo nuestro objetivo era otro. Es evidente que a lo largo de la evolución de cada lengua y durante el proceso de asimilación o nivelación lingüística, se registran intercambios sociolingüísticos que afectan a los idiomas implicados. Por último, nos hemos centrado en las entradas que, de una manera u otra, presentan alguna expresión castellana para así agrupar tales voces en los siguientes campos semánticos: títulos nobiliarios, pueblos, guerra, monedas, expresiones del Nuevo Mundo, animales y plantas.

Con el estudio aquí presentado se ha pretendido evidenciar la contribución del castellano para el *Vocabulario Portuguez e Latino*, señalando las distintas marcas y huellas castellanas. Concientes de que este trabajo no permitirá llegar a conclusiones rotundas, en todo caso añadimos que los resultados obtenidos por las tablas comparativas constituyen una muestra que puede ser de utilidad para futuras investigaciones o como punto de partida para una más extensa sistematización de la lexicografía hispano-lusa. Cada nuevo trabajo abre vías a nuevas investigaciones, es decir, es un camino, no una meta o una demostración definitiva, como bien comentaba Bluteau, para quien la investigación es la “Pesquisa, que se faz em alguma materia para se saber a verdade, o segredo, ou artificio della.” (Bluteau, IV, 1713: 185).

BIBLIOGRAFÍA

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA (2001): *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo.

AHUMADA, I. L. (coord.) (2000): *Cinco siglos de la lexicografía del español. IV Seminario de Lexicografía Hispánica*. Jaén: Universidad de Jaén.

ALBORG, J. L. (1993a): *Historia de la literatura española II. Época barroca*. Madrid: Gredos.

ALBORG, J. L. (1993b): *Historia de la literatura española II. Siglo XVIII*. Madrid: Gredos.

ALMEIDA, Justino Mendes de (1965): “Agostinho Barbosa: o segundo lexicógrafo português da língua latina”, en *Revista de Guimarães*, LXXV, nº 1-4, 31-40.

ALMEIDA, Justino Mendes de (1959): “O Primeiro Lexicógrafo Português da Língua Latina: Jerónimo Cardoso”, en *Euphrosyne*, II, 139-152.

ALVAR EZQUERRA, M. (2002): *De antiguos y nuevos diccionarios del español*. Madrid: Arco Libros.

AROUCA, J. F. de G. C. (2001): *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVII. Letras A-C*. Lisboa, Biblioteca Nacional.

AZORÍN FERNÁNDEZ, Dolores (1999): “Sebastián de Covarrubias y el nacimiento de la lexicografía española monolingüe”, en *Cinco siglos de la lexicografía del español. IV Seminario de Lexicografía Hispánica*. Jaén: Universidad de Jaén, 3-34.

AZORÍN FERNÁNDEZ, Dolores y José Joaquín MARTÍNEZ EGIDO (2006): “Covarrubias en la lexicografía plurilingüe europea (siglos XVII y XVIII)”, en Antonio Roldán Pérez (coord.): *Caminos Actuales de la Historiografía Lingüística, Actas del V Congreso*

Internacional de la Sociedad Española de Historiografía Lingüística, V. 1. Murcia: Universidad de Murcia, 249-262.

BARBOSA, Agostinho (2007): *Dictionarium Lusitanicolatinum*. 2ª Edição. Fac-símile da Edição de 1611. Braga: Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos.

BLUTEAU, Rafael (1712-1721): *Vocabulario Portuguez e Latino, Aulico, Anatomico, Architectonico, Bellico, Botanico, Brasilico, Comico, Critico, Chimico, Dogmatico, Dialectico, Dendrologico, Ecclesiastico, Etymologico, Economico, Florifero, Forense, Fructifero, Geographico, Geometrico, Gnomonico, Hydrographico, Homonymico, Hierologico, Ithyologico, Indico, Isagogico, Laconico, Liturgico, Lithologico, Medico, Musico, Meteorologico, Nautico, Numerico, Neoterico, Ortographico, Optico, Ornithologico, Poetico, Philologico, Pharmaceutico, Quidditativo, Qualitativo, Quantitativo, Rhetorico, Rustico, Romano, Symbolico, Synonimico, Syllabico, Theologico, Therapeutico, Technologico, Uranologico, Xenophonico, Zoologico, Autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos, e offerecido a El Rey de Portvgval, D. João V. pelo Padre D Raphael Bluteau Clerigo Regular, Doutor na Sagrada Theologia, Prêgador da Rayinha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França, & Calificador no sagrado Tribunal da Inquisição de Lisboa. Coimbra No Collegio das Artes da Companhia de Jesu Anno 1712. Com todas as Licenças necesarias*. [Transcripción integral de la primera página del rostro del primer tomo. Los primeros volúmenes fueron publicados en Coimbra, en el Colégio das Artes da Companhia de Jesus: I (1712); II (1712); III (1713); IV (1713). Los restantes se imprimieron en Lisboa, en la Oficina de Pascoal da Silva: V (1716); VI (1720), VII (1720), VIII (1721).

BLUTEAU, Rafael (1727-1728): *Supplemento ao Vocabulario Portuguez, e Latino*, vols. I y II. Lisboa: Officina de Joseph Antonio da Sylva: Supl. I (1727); Patriarcal Officina da Musica: Supl. II (1728).

BRITO, Bernardo de (1597): *Monarchia Lusytana*. Alcobaça (Mosteiro de) : per Alexandre de Siqueira & Antonio Aluarez : por mandado do R.mo Padre Geral Frey Francisco de s. Clara. Versión digitalizada disponible en: <http://purl.pt/14843>

BUESCU, M. L. C. (1984): *Babel ou a ruptura do signo. A gramática e os gramáticos portugueses do século XVI*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

CORBELLA, Dolores (2003): “Contribución a la historia de la lexicografía luso-española: El *Diccionario castellano y portuguez* de Raphael Bluteau”, en C. Corrales Zumbado, J. Dorta Luis, A. N. Torres González, D. Corbella, F. del Mar Plaza Picón (coords.): *Nuevas aportaciones a la Historiografía Lingüística. Actas del IV Congreso Internacional de la SEHL (La Laguna, Tenerife, 2003)*, vol. I. Madrid: Arco/Libros, 385-398.

COVARRUBIAS OROZCO, Sebastián de (2009 [1611]): *Tesoro de la lengua castellana o española*. Complete and illustrated edition by Ignacio Arellano and Rafael Zafra. Windows 9x, NT, 2000, XP. ISBN 963-87196-0-5. DVD-ROM.

CRÓNICA DE ESPAÑA (1988): Esplugues de Llobregat/ Barcelona: Plaza&Janes.

DORTA, J., C. CORRALES y D. CORBELLA (Eds.) (2007): *Historiografía de la lingüística en el ámbito hispánico. Fundamentos epistemológicos y metodológicos*. Madrid: Arco/Libros, S.L.

ENCICLOPÉDIA LUSO-BRASILEIRA DE CULTURA (1966): Tomo III. Lisboa: Editorial Verbo.

GÂNDAVO, Pêro de Magalhães (1981[1574]): *Regras que ensinam a maneira de escrever e a ortografia da língua portuguesa: com o diálogo que adiante se segue em defesa da mesma língua*. Edição fac-similada da 1ª edição. Lisboa: Biblioteca Nacional.

GONÇALVES, Maria Filomena (2004): “Prosopopeia del idioma Portuguez a su hermana la lengua Castellana (1721): D. Rafael Bluteau y las lenguas peninsulares”, en C. Corrales Zumbado et al. (eds.): *Nuevas aportaciones a la Historiografía Lingüística. Actas del IV Congreso Internacional de la Sociedad Española de Historiografía lingüística (La Laguna, Tenerife, 2003)*, vol. I. Madrid: Arco/Libros, 669-677.

GONÇALVES, Maria Filomena. (2005): “El portugués como dialecto del castellano: Historia de una teoría entre los siglos XVII y XVIII”, en A. R. Pérez (coord.): *Caminos actuales de la*

historiografía lingüística: Actas del V Congreso Internacional de la Sociedad Española de Historiografía lingüística (Murcia, 2005), Vol. 1, 729-742.

GONÇALVES, Maria Filomena. (2006): “Treinta años de Historiografía Lingüística del portugués”, en M. V. Llamazares (ed.): en *Actas del XXXV Simposio Interacional de la Sociedad Española de Lingüística (León, España, 2006)*. León: Universidad de León, Dpto. de Filología Hispánica y Clásica, 732-753. Disponible en: <http://www3.unileon.es/dp/dfh/SEL/actas.htm> (última consulta: 21/04/10).

GRAN ENCICLOPEDIA DE ESPAÑA (1991): Tomo 3. Zaragoza: Enciclopedia de España.

GRAN ENCICLOPEDIA DE ESPAÑA (1996): Tomo 11. Zaragoza: Enciclopedia de España,.

GRAN ENCICLOPEDIA LAROUSSE (1987): Tomo 2. Barcelona: Planeta.

GRAN ENCICLOPEDIA LAROUSSE (1988): Tomo 6. Barcelona: Planeta.

GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA (1940): Tomo IV. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia.

HAENSCH, G., L. WOLF, S. ETTINGER, R. WERNER (1982): *La lexicografía. De la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Editorial Gredos.

LÁZARO CARRETER, F. (1993): *Diccionario de términos filológicos*. Madrid: Gredos.

LEÃO, Duarte Nunes de (1606): *Origem da língoa portvgvesa*. Em Lisboa: por Pedro Crasbeeck. Versión digitalizada disponible en: <http://purl.pt/50>

LUPETTI, Monica (2005): “Tra Cardoso e Bluteau: la lessicografia portoghese del Seicento”, en *Quaderni del CIRSIL*, IV – www.lingue.unibo.it/cirsil. Disponible en: <http://www2.lingue.unibo.it/cirsil/Lupetti%20sito.pdf> (última consulta: 21/04/10).

MATEUS, M. H. M. (coord.) (2001): *Caminhos do Português*. Lisboa: Biblioteca Nacional.

MEDINA GUERRA, A. M. (coord.) (2003): *Lexicografía española*. Barcelona: Editorial Ariel.

MESSNER, Dieter (2007a): *Miscelánea lexicológica iberrománica*. Salamanca: Luso-Española de Ediciones.

MESSNER, Dieter (2007b): “Os dicionários portugueses, devedores da lexicografia espanhola”, en *Península, Revista de Estudos Ibéricos*, IV, 147-151. Disponible en: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4199.pdf> (última consulta: 21/04/10)

MESSNER, Dieter (2008): “Los diccionarios bilingües español-portugués desde el principio hasta el siglo XIX”, en *Philologia Hispalensis*, 22, 289-298.

MÜHLSCHLEGEL, Ulrike (2002): “«Anticastellanos, y Misoportuguezes tengan paciência» Rafael Bluteau como mediador entre o português e o espanhol”, en R. Kemmler, B. Schäfer-Pries, A. Schönberger (eds.): *Estudos de história da gramaticografia e lexicografia portuguesas*. Frankfurt am Main: Domus Editoria Europaea, 145-157.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo (2002): “D. Raphael Bluteau: Marco na Lexicografia Portuguesa de Setecentos”, en C. de A. A. Murakawa, M. F. Gonçalves (orgs.): *Novas contribuições para o estudo da história e da historiografia da língua portuguesa*, Séria Trilhas Linguísticas, nº11. São Paulo: Cultura Académica Editora, FCL-UNESP, Laboratório Editorial.

NEBRIJA, Antonio de (1989): *Vocabulario español – latino. Facsimil de la primera edición, patrocinado por la Asociación de Amigos de la Real Academia Española*. Madrid: Real Academia Española.

OLIVEIRA, Fernão de (1988[1536]): *Gramática da linguagem portuguesa*. Edição facsimilada. Lisboa: Biblioteca Nacional.

PENSADO, José Luis (1983): “Datos para la historia de «español», en portugués”, en *Boletim de Filología*, XXVIII, 195-206.

PENSADO, José Luis (1990): “Un olvido injusto: la obra portuguesa en la lexicografía española”, en *Voces*, nº 1, 89-98. Disponible en:

http://campus.usal.es/~revistas_trabajo/index.php/1130-3336/article/viewFile/5168/5206

(última consulta: 08/02/10).

PEREIRA, Bento (1634): *Prosodia in Vocabularium trilingue, latinum, lusitanicum, & hispanicum digesta*. Eborae: apud Emmanuelem Carvalho.

PIZENT, Petra (en prensa): “Influencias castellanas en la lexicografía portuguesa: Covarrubias y Bluteau”, en *Actas del VII Congreso Internacional de la Sociedad Española de Historiografía Lingüística*. Vila Real, del 3 al 6 de noviembre de 2009.

PIRES, M. L. G., J. A. de CARVALHO (2001): *História crítica da literatura portuguesa III. Maneirismo e Barroco*. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo.

PONCE DE LEÓN ROMEO, Rogelio (2005): “Fuentes españolas en la primera polémica gramatical portuguesa del siglo XVIII (1721-1736)” en *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, III, 61-99. Disponible en:

<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2971.pdf> (última consulta: 08/02/10).

PONCE DE LEÓN ROMEO, Rogelio y Sónia DUARTE (2005): “O contributo da obra lexicográfica de Rafael Bluteau para a história do ensino do Português como língua estrangeira: O Methodo breve, y facil para entender Castellanos la lengua portugueza”, en *Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas*, II, Série, vol. XXII, Porto, 373-429. Disponible en:

<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4740.pdf> (última consulta: 08/02/10).

PORTO DAPENA, J. A. (2002): *Manual de técnica lexicográfica*. Madrid, Arco/Libros.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA (1992): *Diccionario de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe.

RICO, F. (ed.) (1983): *Historia y crítica de la literatura española IV. Ilustración y neoclasicismo*. Barcelona: Editorial Crítica.

RICO, F., I. M. ZAVALA (eds.) (1983): *Historia y crítica de la literatura española III. Siglos de Oro: Barroco*. Barcelona: Editorial Crítica.

RODRÍGUEZ ADRADOS, F. (1987): *Nuevos estudios de lingüística general y de teoría literaria*. Barcelona: Ariel Lingüística.

SALAS QUESADA, Pilar. (2003a): “Los comienzos de la Lexicografía bilingüe con el portugués y el español. El *Dicionário Castelhana-Português* de Raphael Bluteau”, en *Res Diachronicae Virtual*, 2, 343-351. Disponible en:

<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2224609> o en:

<http://home.pages.at/resdi/index2.html> (última consulta: 12/01/10).

SALAS QUESADA, Pilar. (2003b): “La marca Hisp. en los diccionarios plurilingües. En busca de los inicios de la lexicografía hispano - portuguesa”, en *Res Diachronicae Virtual*, 4: *El Contacto de Lenguas*, 137-153. Disponible en:

<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2224440> o en:

<http://home.pages.at/resdi/index2.html> (última consulta: 12/01/10).

SALAS QUESADA, Pilar. (2004): “Los inicios de la enseñanza de la lengua española en Portugal”, en *ASELE. Actas XV*, 799-804. Disponible en:

http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/asele/pdf/15/15_0797.pdf (última consulta: 12/01/10).

SARAIWA, A. J. y Óscar LOPES (2001): *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora.

SILVA, António de Morais (1950): *Grande dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Confluência.

SILVA, Inocêncio Francisco da (1858): *Diccionario bibliographico portuguez: estudos de Innocêncio Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e ao Brazil*. Lisboa: Imprensa Nacional.

SILVESTRE, João Paulo (2001a): “O *Vocabulario Portuguez e Latino*: principais características da obra lexicográfica de Rafael Bluteau”. Comunicação apresentada no encontro *Dicionários da Língua Portuguesa – Património e renovação (Cursos da Arrábida, 20 a 2 de Agosto de 2001)*. Disponível em:

<http://clp.dlc.ua.pt/Publicacoes.aspx> (última consulta: 21/04/10).

SILVESTRE, João Paulo (2001b): “Argumentação no prólogo do *Vocabulario Portuguez e Latino*: a defesa da obra e da língua portuguesa”, em L. Machado de Abreu, A. J. Ribeiro Miranda (coord.): *O Discurso em Análise. Actas do 7º Encontro de Estudos Portugueses (Aveiro, Universidade de Aveiro, 2001)*, 87-101. Disponível em:

<http://clp.dlc.ua.pt/Publicacoes.aspx> (última consulta: 21/04/10).

SILVESTRE, João Paulo (2006): “A recepção do *Vocabolario della Crusca* e do *Dictionnaire de l'Académie* na lexicografia portuguesa: o *Vocabulario* de Raphael Bluteau” em Elisa Corino, Carla Marelllo, Cristina Onesti. (eds.): *Atti del XII Congresso Internazionale di Lessicografia, Volume 1 (Alessandria, Edizioni dell'Orso, 2006)*, 97-102. Disponível em:

http://clp.dlc.ua.pt/Publicacoes/recepcao_crusca_academie.pdf (última consulta: 21/04/10).

SILVESTRE, João Paulo (2007): “Diferença e preconceito: testemunhos linguísticos de percepções interculturais no século XVIII”, em G. Vaz Feijó, J. F. da Silva Regis (Hrsg.): *Festival de Cores: Dialoge über die portugiesischsprachige Welt*, Tübingen: Calepinus Verlag, 95-101. Disponível em:

<http://clp.dlc.ua.pt/Publicacoes.aspx> (última consulta: 21/04/10). Acima, os apelidos dos organizadores estavam em maiúsculas: ou uma coisa ou outra, mas uniformizar.

SILVESTRE, João Paulo (2008): *Bluteau e as Origens da Lexicografia Moderna*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

SOUSA, Maria Clara Paixão de (2004): *Língua Barroca: Sintaxe e História do português nos 1600*, Tese de Doutoramento, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Disponível em:

<http://biblioteca.universia.net/ficha.do?id=3274757> (última consulta: 21/04/10).

VÁZQUEZ CORREDOIRA, Fernando (1998): *A construção da língua portuguesa frente ao castelhano. O galego como exemplo a contrario*. Santiago de Compostela: Edicións Laiovento.

VERDELHO, Telmo (1995): *As origens da gramticografia e da lexicografia latino-portuguesas*. Aveiro: Instituto Nacional de Inverstigação Científica.

VERDELHO, Telmo y João Paulo SILVESTRE (org.) (2007): *Dicionarística portuguesa. Inventariação e estudo do patrimonio lexicográfico*. Aveiro: Universidade de Aveiro.

VIEIRA, Domingos (1874): *Grande Diccionario Portuguez ou Thesouro da Língua Portuguesa*. Porto: Editores, E. Chardron e Bartholomeu H. de Moraes.